



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

GLÁUCIA MARIA DE JESUS LIMA

**UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA FESTA DAS
CABACINHAS DE JAPARATUBA/SE E EM SEU ENTORNO**

São Cristóvão, Sergipe

2020

GLÁUCIA MARIA DE JESUS LIMA

**UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA FESTA DAS
CABACINHAS DE JAPARATUBA/SE E EM SEU ENTORNO**

Dissertação apresentada ao PPGA- Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe, como exigência para a obtenção do título de mestra em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr Ulisses Neves Rafael

São Cristóvão, Sergipe

2020

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

L732a Lima, Gláucia Maria de Jesus
Uma análise antropológica da festa das Cabacinhas de Japaratuba/SE e em seu entorno / Gláucia Maria de Jesus Lima ; orientador Ulisses Neves Rafael. – São Cristóvão, SE, 2020.
122 f. : il.

Dissertação (mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2020.

1. Antropologia. 2. Festas folclóricas - Japaratuba(SE). 3. Cultura popular - Sergipe. 4. Folia de Reis - Japaratuba(SE). I. Rafael, Ulisses Neves, orient. II. Título.

CDU 572.026:398(813.7)

GLÁUCIA MARIA DE JESUS LIMA

**UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA FESTA DAS
CABACINHAS DE JAPARATUBA/SE E EM SEU ENTORNO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, como requisito final para obtenção do título de mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Sergipe.

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael (PPGA/UFS)
Orientador

Prof. Dr. Leonardo Esteves Leal
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFS

Prof. Dra. Luciana Gonçalves de Carvalho
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/UFGA

São Cristóvão, Sergipe
2020

Dedico este trabalho a ela que me trouxe ao mundo, me educou, me (trans)formou e, sobretudo, me inspirou durante a sua passagem pela vida: minha mãe, Maria Carmem de Jesus Lima (in memoriam). Minha maior incentivadora e que esteve comigo durante a maior parte desse desafio me dando força e coragem para seguir em frente.

“Muito obrigada é tudo que eu tenho a dizer (...) Porque a gratidão é a memória do coração”¹

Pensar em tudo o que se passou durante esses dois anos de pós-graduação é, antes de tudo, doloroso. Às vezes penso que o tempo voou e eu não pude aproveitá-la como eu gostaria, outras vezes sinto que passou tão devagar que se alguém me perguntasse: há quanto tempo você está no mestrado? Certamente eu diria: já faz 84 anos! Risos!

O mestrado foi, para mim, um divisor de águas, uma busca constante por superação, uma fase de (re)conhecimento, sobretudo, pessoal. Foi a fase mais difícil e dolorosa da minha vida porque justamente nesse período me despedi da pessoa que mais contribuiu para a minha formação enquanto humana, e educação: a minha mãe.

Portanto, inicio os meus agradecimentos pelo Divino Pai Eterno, primeiramente, por ter me concedido a dádiva de ter sido gerada e criada por uma mulher tão especial, por ter compartilhado uma vida com ela. Depois agradeço por minha mãe ter sido abrigo, incentivo, força e, acima de tudo, perseverança e confiança em Deus. Agradeço imensamente por Maria Carmem ter sido meu porto seguro, minha referência em solidariedade, fé e ser humano. Por ter me ensinado, além da vida, a compreender os anseios de Deus e não duvidar em momento algum do amor dele por mim. Como ela dizia: “o que Deus quiser pra mim eu quero”!

Em seguida, agradeço aos que sempre acreditaram em mim quando eu mesma não acreditei: primeiramente meu noivo, Leonardo Sena que está ao meu lado nos piores e melhores momentos da minha vida, que compartilha diariamente da minha personalidade inconstante, das minhas indecisões, das minhas inseguranças e ainda assim sempre fortalece meu ego. Te amo!

Depois, agradeço a Jadinho e Ph, meus irmãos de coração, que mais me incentivaram a voltar a estudar, a participar da seleção do mestrado e sempre se dispuseram a me ajudar em tudo o que eu tinha dúvidas ou precisasse. Sobretudo, sou grata por acreditarem que eu era capaz, antes mesmo que eu cogitasse se seria. Eu os amo!

¹ Adaptada da música: Muito obrigado, de Leoni.

Agradeço também ao meu pai Joelito, minha irmã Joélita, meus irmãos Wagner e Gládston, minhas sobrinhas Lara e Giovanna por terem sido sinônimo de união, de força e fé. Por terem levado a sério o ditado: um por todos, todos por um! Eu amo vocês!

Às minhas tias e tios, primos e primas, enfim, à minha família de modo geral que através de pequenos gestos se fazem presentes e demonstram o apreço que têm por mim.

Talvez somente agradecer à equipe de professores que formam o corpo docente do PPGA, os quais tive a oportunidade de tê-los como mestres não seja suficiente. Ah, quão grata sou por terem cruzado a minha caminhada, professora Patrícia, professores Leonardo, Ugo, Frank, Gustavo, Brice e, em especial, o melhor orientador que um discente pode ter: o professor dr. Ulisses Neves que nunca mediu esforços para me orientar antes mesmo que essa pesquisa se tornasse um projeto. Obrigada, principalmente, pela compreensão e paciência nesse tempo de orientação, mas além disso: por ser ombro amigo, acalento e serenidade, fatores fundamentais para um pós-graduando, sobretudo nesses tempos modernos onde tudo é deserto, encontrar fertilidade é, no mínimo, uma dádiva. Obrigada mesmo!

Como diz a canção da América, de Milton Nascimento: “amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito, dentro do coração...”, por isso agradeço:

Às “bakaninhas”: Carol, Cláudia, Íris, Prifit, Bela, Katinha, Chuchu, Kekeu, Bila (*in memorian*) e Aline (que mesmo distante se faz presente) pela compreensão nos momentos de ausência e por serem minha “válvula de escape” quando eu precisava “fugir” da rotina acadêmica.

“Az Amigaz”: Maria D, Magleide, Karine e Ló por fazerem o nosso quarteto de cinco ser o mais fantástico de todos, mesmo sempre tendo alguém cancelando o *date*. Rsrtrs...

Aos “esquerdopatas” preferidos: Ricardo, Flávio e Danilla por toda a alegria que é quando estamos juntxs.

À minha vaca, Anny Moura, por sempre estar disposta a ajudar, pelo carinho e cuidado comigo em minhas visitas (quase surpresas) e por fortalecer cada vez mais nossa amizade.

À minha sogra, Carmen e meu cunhado Nick por todo o carinho e ajuda quando necessito.

A Taci e Alda, dois seres de luz, presentes que Maceió me deu, por serem sinônimo de amor, carinho e dedicação. Parafraseando Vinícius de Moraes: “a gente não faz amigos, reconhece-os”.

Agradeço também às minhas ex. colegas de trabalho do Guilhermino Bezerra de Itabaiana: Gicélia, Fina, Anadir, Dayse, Adriana, Márcia, Simone, Selma, Hipácia e Nalva por terem me ensinado tanta coisa nos quase quatro anos de Guilhermino, por terem me ensinado que a união faz a força, que quando a gente trabalha cor amor, dedicação, coletividade tudo dá certo e, principalmente, por me fazerem acreditar na educação pública de qualidade, além de me incentivarem constantemente! Meninas, vocês sempre estarão comigo.

Como esquecer da melhor turma de pós-graduação que a Universidade Federal de Sergipe já teve? Jamais! Assim, agradeço a minha pequena-grande turma nas pessoas de Anatil, Lina, Valdeir, Lucas, Ítalo e Natália, minha parceira em tudo com quem mais partilhei conhecimentos, angústias, frustrações, tristezas, mas também alegrias durante esses dois anos. Obrigada, gente, por todos os momentos, pela ajuda mútua e a “insanidade mental” também compartilhada.

Por fim, agradeço àqueles e àquelas que fizeram do meu campo um trabalho menos solitário e mais gratificante: os cidadãos japatubenses que personifico aqui através de Périclys Rocha, secretário de cultura e comunicação do município. Obrigada por sempre estar disponível para minhas conversas e/ou dúvidas. Dona Lupita, cabaceira que sempre me recebeu tão bem em sua residência, me oferecendo almoço, estadia, cabacinhas e histórias de uma senhora que teve uma vida difícil, mas que sempre carrega consigo a empatia, o amor ao próximo e um sorriso no rosto. Essa senhora não sabe o quão sou grata a ela por tanto. A Cuca e sua família por ser tão acolhedora e preocupada com o meu bem estar. Enfim, agradeço de modo geral à população de Japaratuba, um povo humilde, acolhedor e que está sempre disposto a ajudar. E ainda os siririenses Mecinho e sua mãe por terem me ajudado e me acolhido em Siriri quando eu mais precisei.

A todxs vocês: muito obrigada!

“O que tem de ser, tem muita força” (Monique Kessous).

RESUMO

No mês de janeiro em alguns municípios sergipanos acontece a festa das cabacinhas, um festejo que sempre esteve relacionado à festa de Santos Reis. No entanto, na contemporaneidade ambos os festejos não mais acontecem concomitantemente. Aqui abordarei o festejo em três municípios, partindo de Japaratuba, cidade foco da pesquisa, com recorrência em Siriri e Santa Rosa de Lima. A festa popular, que se materializou nesses municípios do antigo Vale do Cotinguiba, possui um instrumento fundamental em sua performance e que dá nome à festa: a cabacinha, artefato feito com cera que possui água em seu interior e cuja função, à princípio, é molhar os brincantes. O objetivo da brincadeira tem passado por transformações ao longo do tempo, fato que, de certa forma, causa certo incômodo em parte da população, tanto as envolvidas no festejo diretamente quanto indiretamente. Para o desenvolvimento desse trabalho utilizo discussões sobre rituais e suas categorias, uma vez que as festas são derivadas dessa modalidade de prática cultural. Pretendemos adentrar no universo simbólico da festa na tentativa de compreender sua importância para a formação da identidade cultural daquelas comunidades e para a manutenção das chamadas tradições que em tese, são continuidade de costumes antigos, bem como a sua ressignificação na temporalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Rituais. Festas. Cabacinhas.

ABSTRACT

In January, in some municipalities of Sergipe, there is the party of *cabacinhas*, a celebration that has always been related to the party of Santos Reis. However, in contemporary times both celebrations no longer happen concomitantly. Here I will address the celebration in three municipalities, starting from *Japaratuba*, the research focus city, with recurrence in *Siriri* and Santa Rosa de Lima. The popular party, which materialized in these municipalities of the old Cotinguiba Valley, has a fundamental instrument in its performance and that gives name to the party: the *cabacinhas*, artifact made with wax that has water inside and whose function, at first, is to wet the playful. The aim of the game has been undergoing changes over time, a fact that, in a way, causes some discomfort in some of the population, both directly and indirectly involved in the celebration. For the development of this work I use discussions about rituals and their categories, since the parties are derived from this modality of cultural practice. We intend to enter the symbolic universe of the festival in an attempt to understand its importance for the formation of the cultural identity of those communities and for the maintenance of the so-called traditions which, in theory, are continuity of ancient customs, as well as their resignification in temporality.

KEYWORDS: Rituals. Parties. *Cabacinhas*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Sergipe: Área de estudo.....	19
Figura 2. Cortejo da festa de Reis em Japaratuba.....	23
Figura 3. Grupos folclóricos de Japaratuba no cortejo festivo.....	24
Figura 4. Rainha e rei do cacumbi no cortejo festivo, missa e coroação.....	25
Figura 5. A cabacinha.....	58
Figura 6. Tipos de cabacinhas.....	59
Figura 7. A matéria-prima das cabacinhas.....	62
Figura 8. Cemitério no dia de finados.....	63
Figura 9. As cabaceiras.....	66
Figura 10. Circuito Festivo das Cabaceiras	69
Figura 11. Cartaz da Festa de Reis de Japaratuba.....	76
Figura 12. Festa das cabacinhas de Japaratuba	82
Figura 13. Cartaz da Festa de Santos Reis de Siriri	87
Figura 14. “Gang” do pastinho	90
Figura 15. Jovens guerreando com cabacinhas	91
Figura 16. Cartaz da festa de Santos Reis e Emancipação política de Santa Rosa de Lima	93
Figura 17. Cabaceiras em Santa Rosa de Lima	95
Figura 18. Lixeiras Temáticas de Cabacinha	97
Figura 19. Cabacinhas ressignificadas	103
Figura 20. Entrega de parafina em Japaratuba	114
Figura 21. Produção das cabacinhas	115
Figura 22. “Guerra” das cabacinhas em Siriri- parte 1	116
Figura 23. “Guerra” das cabacinhas em Siriri- parte 2	117
Figura 24. Rua do Fluxo	118
Figura 25. Brincantes guerreando com cabacinhas- parte 1	119
Figura 26. Brincantes guerreando com cabacinhas- parte 2	120
Figura 27. Brincantes guerreando em Japaratuba	121
Figura 28. Arrastão em Siriri	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
DEFINIÇÃO DO TEMA E OBJETO DE PESQUISA	16
PROPOSTA METODOLÓGICA	20
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	27
CAPÍTULO I- A TEORIA DA FESTA	29
I.1- RITUAIS: UMA DISCUSSÃO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO	30
I.3 – OS RITUAIS NO BRASIL.....	38
I.4- UMA ANÁLISE SOCIAL DA FESTA	443
CAPÍTULO II – A ETNOGRAFIA DA FESTA	49
II.1- A BUROCRATIZAÇÃO DA FESTA	49
II. 2- AS CABACINHAS.....	58
II.3- CABACINHAS: A MATÉRIA-PRIMA.....	62
II. 4- AS CABACEIRAS	666
<u>CAPÍTULO III – COMPARAÇÃO FESTIVA</u>	7675
III.1- AS CABACINHAS EM JAPARATUBA.....	776
III. 2- AS CABACINHAS EM SIRIRI.....	8877
III.3- AS CABACINHAS EM SANTA ROSA DE LIMA	9393
CAPÍTULO IV - OS SENTIDOS E OS SIGNIFICADOS DA FESTA	997
IV. 1- A RESSIGNIFICAÇÃO FESTIVA	103103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101088
APÊNDICES	111

INTRODUÇÃO

A festa das cabacinhas, como é conhecida, é uma das principais comemorações do calendário de Japaratuba e talvez do Estado de Sergipe, tendo se configurado como patrimônio cultural imaterial desse estado. O festejo surgiu durante o século XIX e teve como origem o entrudo², dando continuidade e se desdobrado em práticas populares ao longo dos tempos, efetivando-se enquanto calendário comemorativo aguardado não apenas pelos habitantes do município, mas de todo o estado de Sergipe. Ela acontecia por ocasião da festa de Santos Reis, na semana da data comemorativa ao dia dos três reis magos, isto é, aos seis de janeiro. Em um período relativamente recente houve uma modificação e a sua culminância não se dá mais concomitantemente à festa religiosa de Reis. A mudança aconteceu no ano de 2008 e deveu-se a um consenso entre o pároco e a gestão municipal na pessoa do prefeito Gerard Lothaire Jules Olivier, conhecido como Padre Geraldo. Entretanto, apesar da separação ainda há uma referência entre ambas, desse modo, a festa das cabacinhas ainda é compreendida como relacionada à festa de reis.

O folguedo consiste na batalha de artefatos feitos com cera de vela, cujo interior os fabricantes colocam água e que, quando arremessados nas pessoas se rompem, as deixando molhadas. No passado os objetos continham água perfumada e eram utilizados com a finalidade de cortejar parceiros para aventuras amorosas, daí o fato de serem também conhecidos como bolinhas de cheiro e, em outros lugares, como “limão de cheiro”. Na atualidade o artefato é conhecido como cabacinha, por ser feito a partir de uma forma de cabaça, adquirindo o seu formato, embora a sua finalidade não tenha permanecido a mesma.

Ora, se antes a intenção de jogar uma cabacinha era iniciar um namoro, agora se configura em um caráter violento, ou seja, quanto mais grossa a cera for e, conseqüentemente causar mais dor na pessoa que for atingida, mais satisfeito o autor do arremesso fica. Em sua monografia³, apresentada ao programa de graduação em história

² O entrudo é uma antiga celebração portuguesa que ocorria três dias antes da quaresma na qual, de acordo com Patrícia Araújo (ANO) ocorria “desordenadamente, de um lado para outro, atirando-se ovos, líquidos de toda espécie e farinha” (p.28) e chegou ao Brasil por volta do século XVII junto com os portugueses. Essa autora o considera como “o pai do carnaval”.

³ Em seu trabalho, Valdirene Santos aborda especificamente a festa das cabacinhas do município de Siriri, entretanto, me aproprio dessa fonte e estendo ao município de Japaratuba, pois a realidade dos municípios em questão é, nesse sentido, muito semelhante.

da Universidade Federal de Sergipe, Valdirene Santos (1999) chama atenção para essa modificação já durante a década de 90, quando o propósito da brincadeira passa de uma conotação de paquera para uma configuração mais violenta. “Esta modificação ou desvio de intenção, certamente é resultado da troca de valores, de comportamentos, vigente na sociedade atual, marcando as ações dos indivíduos nos mais diversos campos, inclusive no sócio-cultural” (SANTOS, 1999, p.71). Esse fato chamou a minha atenção e comecei a questionar sobre o que, de fato, é o propósito desse festejo que tem a sua história marcada enquanto um momento de alegria e tranquilidade. Esclareço que a intenção aqui não é romantizá-lo, mas colocar em evidência toda a problemática produzida a partir de uma reconfiguração no objetivo da brincadeira, pois é preciso questionar, por exemplo, que espécie de brincadeira é essa que pode colocar em risco a saúde de uma pessoa. Uma festa pode ser considerada nociva aos seus participantes? Estes têm consciência dos riscos que podem correr ao participar da festividade?

Sem muitos atrativos na região, a população desses municípios, vê na festa das cabacinhas um momento “diferente”, envolvente, pois esse é um período onde as pessoas que não mais residem naquelas cidades aproveitam a oportunidade para, além de se divertirem, visitarem seus entes queridos. Essa também é época de movimentar tanto a parte da sociedade que espera muita diversão e alegria, quanto as produtoras das cabacinhas que dão início aos preparativos já no mês de dezembro. A partir desse momento as cabaceiras fazem as cabacinhas e as armazenam vazias para enchê-las no período do festejo, fato que, conseqüentemente, dinamiza a economia local através da venda dos artefatos e também de comidas e bebidas comercializadas durante os festejos.

É importante frisar que as cabacinhas não são produzidas apenas por cabaceiras locais, mas também de outros municípios circunvizinhos, como Capela, Cumbe, São Francisco, Aquidabã, que deixam os seus lares para se alojarem em praças públicas das cidades festivas por aproximadamente seis dias. Elas geralmente chegam cerca de três dias antes do início do festejo, permanecem lá durante os dias de festa e vão embora no último dia, a fim de adquirirem uma renda extra com esse comércio. Destaco que o “protagonismo” das cabaceiras tem aqui uma atenção especial, visto que elas são parte imprescindível para a realização do festejo.

O calendário festivo em Japarutuba geralmente inicia em uma sexta-feira e termina em uma manhã de segunda. No domingo tem o que é conhecido por arrastão, isto é, bandas tocando em trios elétricos que conduzem uma multidão pelas principais ruas da cidade, como uma micareta. No entanto, em algumas edições da festa há o

arrastão não apenas no domingo, mas também no sábado como aconteceu nas duas últimas, por exemplo. A “guerra” das cabacinhas se dá durante o dia, seja nas ruas ou nas praças onde há maior concentração de pessoas ou até em meio aos arrastões. À noite a programação tem continuidade ao som de bandas que tocam na praça de eventos da cidade até o amanhecer do dia seguinte, finalmente toda essa euforia faz da festa das cabacinhas, um momento ímpar tanto para a população residente quanto para quem está a passeio.

O festejo se materializou no tempo e no espaço enquanto parte do calendário festivo de Sergipe e atrai um número considerável de pessoas de todo o Estado. No entanto, parte dos moradores sugere que a festa das cabacinhas precise de uma “roupagem nova”, sobretudo, no que concerne aos limites para que os adeptos possam ter seu espaço para brincar e para que haja respeito ao cidadão que trafega as vias públicas do município. Durante a ocasião os habitantes ficam com receio de sair de casa e serem atingidos por uma cabacinha, visto que a prática acontece durante todo o dia e não há distinção entre quem está participando da brincadeira ou não, embora haja entre os brincantes uma espécie de “ética” no momento da folia. Ou seja, nas vias de tráfego eles não atingem crianças, a menos que também estejam na brincadeira, idosos, gestantes ou trabalhadores, a exemplo dos ambulantes.

Dando enfoque, principalmente, aos significados desse festejo a partir da análise dos processos rituais que (re)afirmam os valores da sociedade, parto do município de Japarutuba em direção à sua influência em outras cidades do seu entorno, como Santa Rosa de Lima e Siriri. Para tanto, além de fazer uso de uma fundamentação teórica que envolvem os rituais e suas categorias, utilizo também as discussões acerca de temáticas como identidade cultural, divisão social/sexual do trabalho, memória individual e memória coletiva, e finalmente ressignificação cultural.

DEFINIÇÃO DO TEMA E OBJETO DE PESQUISA

A escolha do meu objeto de análise deveu-se a uma inquietação de menina quando tive o primeiro contato com a festa das cabacinhas em Santa Rosa de Lima e, à *posteriori* em Siriri quando tive outras experiências com esse festejo. Nascida na capital de Sergipe, Aracaju, mas criada em Malhador, município do agreste sergipano, o qual faz limite com Santa Rosa de Lima, sempre frequentei este município que inclusive, é a terra natal do meu pai e conseqüentemente tive contato com esse festejo. Desde criança

quando frequentava essas festas, algo me incomodava. Talvez fosse a naturalidade dos brincantes em relação ao uso das cabacinhas; talvez fosse o fato de aquilo movimentar toda a cidade em prol de uma diversão que aparentemente não tinha sentido. Apesar do contato com a festa das cabacinhas nas cidades de Santa Rosa de Lima e de Siriri, não tinha conhecimento do festejo em Japarutuba. Com o passar dos anos aquela inquietação de menina cessou. Graduei-me em geografia licenciatura pela Universidade de Sergipe, mas o trabalho me impossibilitou de continuar a carreira acadêmica. Passaram-se anos até eu me inscrever em uma disciplina como aluna especial do mestrado em antropologia, quando aquela inquietação de menina voltou. Passei a pesquisar na internet e percebi que tudo o que havia sido escrito até então era pouco expressivo e se relacionava unicamente ao município de Japarutuba. Isto é, as festas das outras cidades não são consideradas nesses escritos.

Inscribi-me no mestrado regular, passei e quando começaram as aulas, comecei a me dar conta de que essa não seria uma tarefa fácil. A ciência antropológica e sua intensa subjetividade muitas vezes me angustiava e me colocava em dúvidas se realmente eu estaria no lugar certo e fazendo a coisa certa. Me encontrava cética com relação ao que, de fato é o papel do antropólogo. Pensava em mil e uma coisas com relação ao meu campo - em como seria - se iria me dar bem - se eu teria o espírito de antropóloga, se conseguiria atingir os objetivos propostos por Roberto Cardoso de Oliveira, isto é, se saberia olhar, ouvir e escrever. Os dias foram passando e finalmente a minha inserção no campo chegou e com ela o frio na barriga, a ansiedade, a preocupação e o medo de não conseguir dar conta e de tudo ir por água abaixo.

Bem, festa é, antes de qualquer coisa, um momento de suspensão: do trabalho, das aulas, da “lei”, da moral, da rotina, enfim, da ordem, além disso é tempo também dos excessos e desperdícios. Todas essas características, por assim dizer, atribuem à mesma um caráter transgressor que produz um novo cenário social, ainda que momentâneo, e atribui a cada uma linguagem própria e desnuda questões antes cristalizadas no seio da sociedade. Dessa forma, a temática aqui abordada diz respeito à teoria da festa fundamentada a partir da noção de ritual.

O Brasil é um país de dimensões continentais, por isso repleto de diversidades que podem ser verificadas no clima, na fauna, na flora, além das suas manifestações culturais. Estas representam um estado de espírito e estão presentes em todo o território brasileiro e embora às vezes sejam distintas sempre há elementos que as fazem

semelhantes, por exemplo, elas são uma celebração coletiva com prazos de validade onde há um tipo específico de alegria e/ou entretenimento.

No Brasil, as festas têm origem em um momento concomitante ao da colonização brasileira, quando os europeus vieram para esse país e trouxeram com eles seus costumes que, ao se “chocarem” com os costumes dos povos nativos e com os dos africanos trazidos na condição de escravos, deram origem às festas populares que se fazem presentes na contemporaneidade, embora algumas delas, obviamente, tenham sofrido alguma transformação. Partindo da perspectiva do simbólico, esses festejos têm muito o que dizer a respeito da sociedade brasileira, por isso tornaram-se objetos de inquietudes entre pesquisadores das ciências humanas, principalmente das ciências sociais, que se dedicaram e se dedicam a entender e explicar não apenas a origem, mas a importância das festas populares num panorama sociocultural.

Diante desse contexto, a atual pesquisa aborda a festa das cabacinhas, presente no estado de Sergipe, mais precisamente na antiga região do Cotinguiba, resultado do amalgama intrínseco à história da formação do território brasileiro. Analisar especificamente a importância dos festejos de Japarutuba, com recorrência em Santa Rosa de Lima e Siriri para a formação cultural da população contemplada por esse festejo. Fato que proporciona uma certa particularidade à pesquisa, pois estudos feitos acerca da temática até então não deram visibilidade à recorrência da festividade japarutubense em outros municípios.

Japarutuba, Santa Rosa de Lima e Siriri são municípios que foram por muito tempo parte da antiga microrregião do Cotinguiba do estado de Sergipe, figura 1, caracterizada principalmente pelo cultivo da cana-de-açúcar e pelo extrativismo mineral como calcário e petróleo. No ano de 2008 o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), considerando a análise das atividades econômicas e os movimentos populacionais, fez um reordenamento nas microrregiões de Sergipe no qual o município de Japarutuba, devido à sua influência microrregional, passou a fazer parte de outra microrregião, esta leva o seu nome, enquanto os outros municípios permaneceram na Cotinguiba. Esses municípios têm em comum, além de aspectos culturais e sociais, a atividade econômica baseada, principalmente, na agricultura e extração de petróleo.

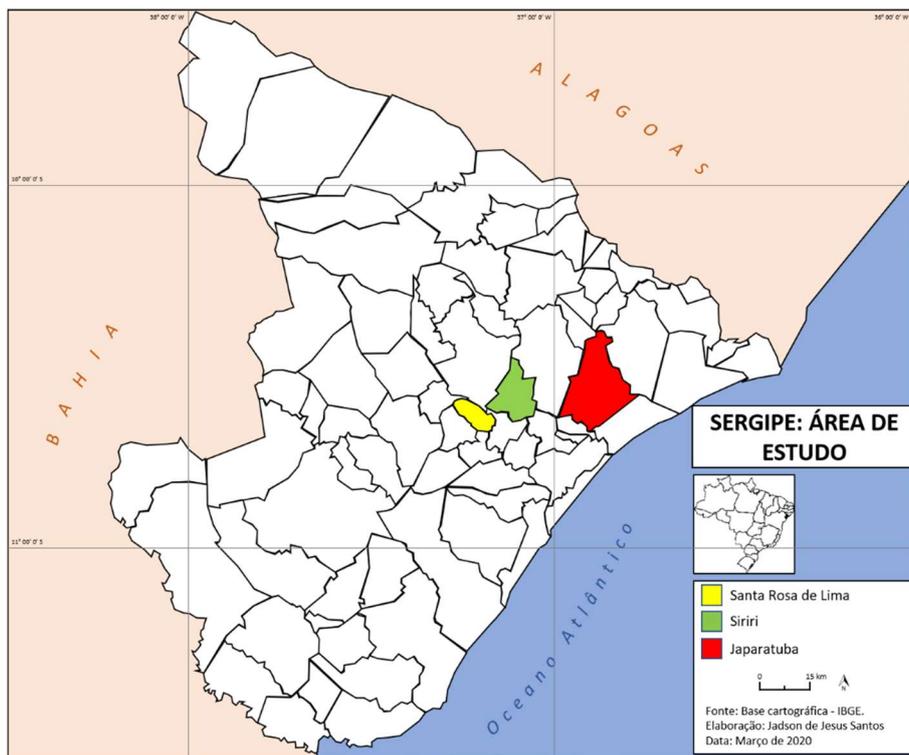


Figura 1. **Sergipe: área de estudo.** Fonte: Base cartográfica – IBGE.

O objeto de pesquisa será abordado, desse modo, a partir da compreensão das festas enquanto rituais simbólicos que podem desnudar questões sociais até então camufladas e cristalizadas na sociedade, as quais se refletem nas movimentações, práticas e símbolos ali presentes.

É preciso entender as festas populares enquanto um modo de entretenimento sortido de exageros, humor, invenções e também uma forma de reação ao sistema. Essas características são reflexo do processo de carnavalização já evidente durante a idade média como mostra Mikhael Bakhtin (1987) ao trabalhar com essa perspectiva sob a ótica do contexto de François Rabelais, importante influente da temática durante o século XVI.

Bakhtin (1987) demonstra que as festas populares são sortidas de exageros positivos que estão relacionados ao crescimento, à fecundidade, à superabundância. O riso, o grotesco, o sarcasmo, a ironia serviam, antes de tudo, para rebaixar as instituições de poder. “O riso e o princípio material e corporal eram legalizados nos costumes das festas, nos banquetes, nos folguedos de rua, públicos e domésticos” (p. 69). Dessa forma, as festas populares escapam das regras institucionalizadas e representam um importante discurso que iguala as classes sociais.

É preciso compreender também que as festas não se mantêm intactas ao longo dos tempos. Elas se estabelecem no tempo e no espaço com certa vulnerabilidade que faz com que percam algumas características e ganhem outras, sofrendo então um processo de ressignificação.

Portanto, do ponto de vista simbólico, as cabacinhas reforçam o sentimento de pertencimento das sociedades abordadas nesse estudo, bem como a (re)afirmação de sua identidade. Então, uma das reflexões se fundamenta em esclarecer como se dá a interação entre os moradores e/ou atores sociais e a festa das cabacinhas. Outra reflexão diz respeito à função das cabacinhas nesse festejo, visto que se trata de um instrumento simbólico que dá nome à própria festa e o seu uso tem sofrido modificação ao longo das décadas. Pretende-se, pois, compreender a relevância das(os) cabaceiras(os) produtoras(es) das cabacinhas para a concretização dessa festividade. Por fim, levando em consideração as formas como a sociedade se estrutura e preserva seus valores culturais, como se dá a transformação, a reprodução e a ressignificação desse festejo popular na contemporaneidade?

PROPOSTA METODOLÓGICA

A partir do surgimento da antropologia interpretativa que coloca em debate a atuação do antropólogo, dá voz aos “nativos” ao considerá-los capazes de interpretar a si mesmos, a disciplina coloca pesquisador e “nativo” em um patamar de igualdade. A etnografia ainda se manifesta convincente em sua eloquência discursiva. Logo, a metodologia utilizada na pesquisa foi o método etnográfico, o qual possibilitou à pesquisa um caráter qualitativo adquirido, sobretudo, a partir da realização do trabalho de campo. Este, de acordo com Vagner Silva (2000), é uma fase intermediária entre a proposição do projeto de pesquisa e a análise de dados. Começa a partir do aparato teórico e está para além do tempo pré-determinado pela academia. Nesse sentido, há uma relação entre a experiência de campo e a abordagem teórica. A pesquisa está vinculada à importância da observação participante preconizada por Bronislaw Malinowski, definida por Silva (2000) “como a convivência íntima e prolongada do pesquisador com seus “informantes nativos” (p. 13). Ou seja, o pesquisador deve ir a campo e não apenas compreender como os nativos vivem, apreender o seu modo de vida.

A observação participante objetiva propicia ao pesquisador não apenas o contato, mas a vivência com a realidade do “outro”. Clifford Geertz (2002) enfatiza que o etnógrafo deve ir a campo, coletar as informações e difundi-las para a comunidade especializada, isto é, para os profissionais da área, uma vez que é a academia que produz o antropólogo e o habilita a realizar o seu trabalho. Como afirma Geertz (2009),

A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem a ver com sua capacidade de nos convencer de que o que dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou terem sido penetrado por ela) [...] de realmente haverem “estado lá”. E é aí, ao nos convencer de que esse milagre dos bastidores ocorre, que entra a escrita (GEERTZ, 2009, p. 15).

Sob a ótica do discurso que permeia o trabalho de campo e a observação participante, passei a visitar regularmente a cidade de Japaratuba, de onde eu iniciaria as minhas análises. Consegui combinar uma conversa com o atual secretário de cultura do município que me recebeu bem e falou um pouco sobre o festejo e a organização festiva. Sem conhecer absolutamente ninguém comecei a vagar pela cidade, observando, parando em praças e calçadas alheias, puxando conversa com habitantes dessa cidade que me chamou atenção pela hospitalidade do seu povo. Reservei algumas diárias no que era para ser uma pousada, ao chegar lá me deparei com um motel disfarçado, o qual casais frequentavam durante todo o dia, embora fosse um ambiente tranquilo com bons anfitriões. Fiz amizade com a proprietária e a sua netinha e permaneci lá por alguns dias. Confesso que tinha receio por estar naquele ambiente, sobretudo, pelo acesso não ser tão convidativo. O fato de ser mulher também intensificava a vulnerabilidade e ao conversar com as pessoas sempre me perguntavam onde eu estava hospedada, muitas se admiravam e sugeriam que eu tivesse cuidado, outras afirmavam que era um ambiente tranquilo. Esses diálogos começaram a me dar alguns *insights* e a acender a chama do espírito antropológico.

Fiquei na cidade entre os dias 19 a 23 de dezembro de 2018 quando estava havendo um festival em alusão a Artur Bispo do Rosário, artista plástico natural do município. Acabado o festival fui embora e retornei alguns dias depois, mais precisamente entre os dias 27 a 30 de dezembro, para a festa das cabacinhas. Dessa vez procurei outra pousada e fiquei em uma mais próxima da praça de eventos onde ocorreria os shows à noite. Além da localização ser mais favorável ao meu objetivo ali, pude observar o seu entorno, a dinâmica festiva com mais atenção sempre observando e

anotando tudo o que eu achava interessante. Acabada a festa das cabacinhas no dia 30 de dezembro, retornei no dia de Reis para observar a festa religiosa, pois na contemporaneidade esses festejos se dão em datas diferentes. Na última edição, estive na cidade apenas durante os dois dias efetivamente da festa das cabacinhas, nos dias 10 e 11 de janeiro de 2020. Chamo atenção para o fato de que nesta edição, o festejo das cabacinhas e o festival de artes Arthur Bispo do Rosário se deram concomitantemente, isto é, a programação de ambos estava programada para os dias entre 07 e 11 de janeiro, embora a festa das cabacinhas propriamente dita só ocorreu nos dois últimos dias da programação.

A festa de Reis se resume em um tríduo e especificamente no dia comemorativo, aos seis de janeiro. A culminância se dá através da realização de uma missa estando presentes e sendo parte dessa festa, grupos folclóricos locais que chegam à igreja em cortejo pelas principais ruas da cidade conduzindo o rei e a rainha do cacumbi. Fieis e membros dos grupos folclóricos, que não necessariamente são convertidos à religião católica, lotam a igreja matriz de Japarutuba para assistirem à missa. Após o término desta, os presentes se dirigem à praça em frente à igreja e testemunham à coroação do rei e rainha do cacumbi realizada pelo pároco local. Em seguida os grupos se organizam e se apresentam para os espectadores presentes de acordo com uma ordem estabelecida pela organização do festejo. Enquanto ocorriam as apresentações, observei algumas pessoas brincando com as cabacinhas, sobretudo crianças que se escondiam atrás das árvores da praça e atingiam pedestres. Tive a impressão de que essas pessoas estavam ali não para ver as apresentações folclóricas, mas para jogar cabacinhas, resquícios da festa que havia acontecido uma semana antes. Terminadas as apresentações, os grupos e demais presentes retornam à escola ponto de partida do cortejo, onde é servido um almoço oferecido pela prefeitura local. O retorno também se dá em cortejo, porém diferente da ida, pois não há a organização em grupos, mas uma multidão que segue, principalmente, os que detêm instrumentos musicais, estes vão tocando marchinhas como um grande carnaval. É válido dizer que durante o retorno as cabacinhas ainda estão presentes, muita gente que não segue o cortejo de volta fica às margens jogando cabacinha em meio à multidão. Desse modo, apesar da tentativa do poder local em separar as festas que aconteciam concomitantemente, há ainda aqueles e aqueles que resistem e prolongam a festa das cabacinhas naquela cidade.

Após o almoço coletivo as pessoas descansam enquanto aguardam a procissão realizada no final da tarde que encerra as celebrações em alusão ao dia de Reis. Apesar

de elas serem iniciadas com a presença de grupos folclóricos, a presença deles na procissão não é obrigatória, entretanto o rei e a rainha do cacumbi comparecem. A procissão parte e retorna da praça em frente à igreja matriz e percorre as principais ruas da cidade atrás do mastro com os três reis magos com cânticos e orações. Nela estavam presentes alguns membros de grupos folclóricos, civis e figuras políticas tanto do município quanto do estado de Sergipe. Durante o momento da procissão não constatei a presença das cabacinhas, mas de grupos de pessoas reunidas em praças bebendo, com música ao vivo ou sons de carro ligados, os quais paravam e/ou eram desligados no momento em que a procissão passava. Saí do campo com alguns questionamentos e uma inquietação, sobretudo com relação ao trabalho das cabaceiras, profissionais que fazem as cabacinhas. A sequência de figuras abaixo demonstra como se dá a festa religiosa em homenagem ao dia de Santos Reis.



Figura 2. Grupos folclóricos se concentram e saem em cortejo pelas ruas de Japarutuba na Festa de Reis em 2019 a exemplo do pastoril e reisado. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 3. Na sequência está o samba de roda do povoado patioba, comunidade quilombola de Japarutuba, o maculelê e o cacumbi, respectivamente. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 4. A rainha e o rei do cacumbi saem em cortejo pelas ruas da cidade, em seguida assistem à missa e após são coroados. Fonte: arquivo pessoal

Aos 09 de janeiro de 2019 visitei a cidade de Siriri, na oportunidade conversei com algumas pessoas aleatoriamente e com uma das responsáveis pela organização festiva. Aqui comecei a fazer algumas análises comparativas entre os dois festejos. A festa se deu entre os dias 10 e 13 de janeiro de 2019, dessa vez me hospedei na casa de um amigo. Em Siriri eu pude notar que apesar de a festa ter a mesma denominação de Japarutuba e Santa Rosa de Lima, e isso talvez nos leve a acreditar que se trata de um mesmo festejo, há sim algumas singularidades que as tornam muito diferentes umas das outras, mas isso irei abordar mais adiante. Aqui pude acompanhar com mais atenção o trabalho das “cabaceiras” e entender melhor o uso das cabacinhas e conseqüentemente compreender o quanto o simbólico tem a nos dizer acerca de questões que estão ocultas ou talvez emaranhadas no seio de uma sociedade.

Enfim, chegou a vez de Santa Rosa de Lima, aqui o festejo aconteceu de forma mais sucinta, se resumindo a um dia de festa que aconteceu aos 02 de fevereiro de 2019. Com esta cidade eu tenho mais familiaridade e em alguns sentidos, a minha passagem por lá foi muito mais tranquila do que nos outros municípios, o que não quer dizer que tenha sido fácil, pois fui com uma coisa em mente, imaginando o que encontraria por lá, visto que já tinha participado dessa festividade enquanto criança e adolescente e pelo fato de já ter acompanhado nas duas outras cidades. No entanto, o que encontrei em Santa Rosa de Lima não foi nada do que imaginei. Acho que ir a campo é isso também: de algum modo se surpreender, seja positiva ou negativamente. Essa “surpresa” com o campo em Santa Rosa me fez pensar mais sobre as ressignificações das festas e lembrar das palavras de Clifford Geertz quando este diz que a cultura não acaba, ela se transforma. Desse modo, entendendo sob essa perspectiva que as manifestações culturais ou tradições de um povo, apesar de às vezes acharmos que está acabando ou acabou, na verdade estão em processo de transformação.

Dessa forma, na pesquisa foram feitas incursões através do trabalho de campo onde realizei entrevistas semiestruturadas utilizando um roteiro definido previamente, além de conversas informais com os habitantes. As entrevistas foram realizadas durante os festejos com os habitantes e turistas presentes, e também em outras ocasiões do trabalho de campo fora do período festivo com alguns envolvidos diretamente na organização das festividades, a exemplo do secretário de cultura do município e ainda com algumas cabaceiras. Foram realizadas cerca de trinta entrevistas semiestruturadas com os foliões, cerca de quinze com as cabaceiras nas três cidades, durante sete dias festivos ao todo.

Haguette (2007) define entrevista “como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (p. 86). Essa etapa é de suma importância para o trabalho do antropólogo, pois é através dela que haverá melhor compreensão do significado das relações sociais.

Roberto Cardoso (2006), chama atenção para a relação entre entrevistador e entrevistado, segundo o mesmo, essa precisa ser uma relação dialógica e para que haja diálogo entre ambas as partes, é preciso que o entrevistador saiba ouvir e ser ouvido. Para ele saber ouvir, ele precisa saber olhar, pois o olhar e o ouvir se complementam e conduzem o pesquisador pelo caminho do conhecimento.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação produto dessa pesquisa será estruturada em três capítulos. O primeiro aborda todo o aporte teórico que fundamenta as discussões e análises presentes na mesma. Início com a teoria da festa a qual abrange, à princípio, o diálogo acerca dos rituais, estes admitidos enquanto produtores da festa. Não no sentido de realizá-la, mas de dar a ela a base fundamental para a sua formação. Faço uma breve discussão sobre os rituais no Brasil onde utilizo as ideias de antropólogos brasileiros que se debruçaram sobre o tema e produziram grandiosos trabalhos.

No segundo capítulo a etnografia ganhará forma, nele farei uma descrição sobre como a cidade se organiza para realizar o festejo, sobre o espaço festivo e seu entorno, bem como se dá a sua culminância. Além de abordar aspectos da fabricação das cabacinhas e da sua matéria-prima. Bem como destaco o protagonismo das cabaceiras para a realização da festa.

No terceiro capítulo os festejos das diferentes cidades serão abordados separadamente e, a partir de uma análise comparativa, serão apontadas as semelhanças e diferenças entre eles.

O quarto último capítulo irá se encarregar de expor os sentidos e significados do festejo para os atores que o compõem, desde os foliões até as cabaceiras responsáveis pelo fabrico das cabacinhas. Por fim, será discutida a ressignificação festiva, isto é, colocando em discussão as transformações pelas quais a festa das cabacinhas passou e, sobretudo, os seus reflexos na vida social dos foliões.



CAPÍTULO 1

A TEORIA DA FESTA

CAPÍTULO I- A TEORIA DA FESTA

A temática aqui abordada diz respeito não apenas à festa das cabacinhas, mas à teoria da festa, fundamentada a partir da análise das categorias de ritos, rituais, cerimônias, de onde o conceito de “festa” é derivado. E associar essas categorias às discussões entre o sagrado e o profano concebidas, sobretudo, pelo sociólogo Émile Durkheim. Além das discussões propostas por esse teórico, farei observações a partir de conceitos expostos por outros clássicos e também teóricos mais contemporâneos, fundamentais para nortear o debate acerca da temática dentro da perspectiva antropológica.

Quando pensamos em festa pensamos em diversão, bebedeira, lazer, dança, trégua, movimento, mas muitas vezes não nos atentamos para os fatos sociais que permeiam a mesma. Festa é, antes de qualquer coisa, um momento de suspensão: do trabalho, das aulas, da “lei”, da moral, da rotina, enfim, da ordem; é tempo também dos excessos e desperdícios e todas essas características atribuem a ela um caráter transgressor que produz um novo cenário social, ainda que momentâneo, o qual atribui a cada festa uma linguagem própria e desnuda questões antes cristalizadas no seio da sociedade.

Além disso, é preciso enfatizar o caráter dual da festa, sendo ela pública ou privada, oficial ou popular, em meio à desordem há uma ordem, pois para que a festa aconteça é preciso de organização. Seja do tempo, pois a festa não acontece aleatoriamente, ela sempre está relacionada a um calendário festivo que geralmente na maioria dos casos está anexo à religião, em outros em função de alguma data comemorativa, por exemplo, a emancipação política de um município. Seja do espaço, pois o ambiente é fundamental para que ela aconteça, logo, aconteçam nas ruas ou em praças públicas, é preciso de um espaço preestabelecido.

Da própria lei, embora haja a suspensão da mesma em algum sentido, é necessário manter a ordem dentro da própria desordem, então falar em festa é, sobretudo, falar em paradoxo. Pensando em festa, nos seus significados e simbologias que antropólogos e cientistas sociais de várias partes do mundo têm se preocupado, esses pesquisadores sempre buscam respostas para suas inquietudes que, parece-me, não cessaram com o passar dos tempos.

I.1- RITUAIS: UMA DISCUSSÃO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

Antes de iniciar o debate acerca dos rituais e das festas propriamente ditas, tentarei situá-lo dentro do contexto da antropologia enquanto ciência que não apenas se preocupou com a análise de rituais, mas propiciou o seu fundamento. Na segunda metade do século XIX quando a antropologia se firmava enquanto ciência, pesquisadores se debruçaram sobre as semelhanças e diferenças entre as sociedades, o que fez brotar a primeira escola antropológica – o evolucionismo, que se baseou em um raciocínio fundamental: reduzir as diferenças culturais existentes entre os diferentes povos do mundo para que todos eles chegassem a um único estágio de evolução. Para tanto, os evolucionistas partiam de uma análise comparativa das sociedades e foram responsáveis por sistematizar o conhecimento acerca dos povos tidos como “primitivos”. Um dos principais precursores dessa corrente, Lewis Morgan, acreditava que as sociedades estavam condicionadas a uma evolução linear. Ele sugeriu que toda sociedade passa por estágios, iniciando por um mais primitivo, passando pela barbárie até chegar ao mais civilizado (selvageria – barbarismo – civilização).

Além de Morgan, outro evolucionista de suma importância na antropologia foi James Frazer. Assim como Morgan, ele defendeu a evolução do primitivo para o civilizado sendo que este, dotado de uma superioridade intelectual está no topo da hierarquia evolutiva. Poderemos confirmar as suas análises em seu clássico *O Ramo de Ouro* (1982), onde ele reúne diversos mitos de várias culturas para afirmar o caráter universal da mesma e sugere que o pensamento humano passou por um processo de evolução iniciando com o mágico, evoluiu para o religioso e em seguida alcançou o científico. Frazer concebe os ritos e os mitos como formas de transformar a realidade e associa o mito ao ritual, desse modo, os atos da magia seriam rituais, os quais comunicam mitos. As suas interpretações influenciaram mais tarde as ideias de Van Gennep, Victor Turner, além de Lévi-Strauss que, sob a perspectiva do estruturalismo voltou-se às análises dos mitos.

Um dos rituais observados por Frazer foi as saturnais, antiga festa romana que acontece anualmente no mês de dezembro, durante sete dias no período do plantio ou colheita, onde é comemorado o reinado de saturno, o Deus da agricultura. Por isso, elas são consideradas uma restauração do reinado daquele Deus, o qual era admitido como “idade de ouro” devido à abundância produzida na época. A inversão de valores se fazia presente nesse período comemorativo, quando a liberdade e a alegria colocavam todos

em mesmo patamar, com os mesmos direitos. Essa festa é conhecida como o período anual da liberalidade de costumes, pois as restrições da lei e da moral são suspensas. Em seu lugar se estabelecem a orgia, a alegria, a bebedeira.

“(…) muitos povos tinham o hábito de observar um período anual de liberalidade de costumes, em que as restrições habituais da lei e da moral eram postas de lado, toda a população se entregava à alegria e aos divertimentos, e as paixões mais sombrias encontravam um escoadouro que jamais lhes seria facultado no curso mais estável e sóbrio da vida ordinária. Essas explosões das forças represadas da natureza humana, que muitas vezes degeneravam em orgias desenfreadas de lubricidade e crime, ocorriam mais comumente no fim do ano, e estavam, com frequência, associadas — como já tivemos oportunidade de observar — a uma das estações agrícolas, especialmente à época da sementeira ou da colheita” (FRAZER, 1986, p. 466).

As saturnais são um festejo bastante semelhante ao carnaval da contemporaneidade e não apenas a ele, mas às festas populares que se estabeleceram no Brasil, sobretudo, após a chegada dos europeus nesse país. A partir das contribuições de Frazer, podemos compreender que os costumes intrínsecos à festa ultrapassaram fronteiras, driblaram o tempo, se estabeleceram em diversos lugares e permanecem “vivos” na contemporaneidade. No entanto, não apenas essas restrições são suspensas, mas também a escravidão, pois os escravos romanos podiam gozar de uma liberdade, ainda que momentânea e participar dos festejos, inclusive, junto com seus donos e sendo servidos por eles, o que caracteriza a inversão de posições sociais. Outra característica desse festejo diz respeito ao sacrifício que o homem realiza ao personificar o seu Deus, pois entre os soldados romanos era eleito um que passava os 30 dias antes dos festejos em vida meramente profana, mas na véspera do início das saturnais ele deveria ser morto, para selar a paz entre os reis e os deuses. O sacrifício humano era realizado selando a paz e a ordem, levando a uma prosperidade social.

Além da inversão de posições citada, observa-se na narrativa de Frazer, o caráter ambíguo desses festejos, onde o sagrado e o profano se misturam. Considerando que as saturnais são caracterizadas pela inversão de posições sociais, pelo sacrifício e pelo seu caráter ambíguo, ele relata que essas festas/rituais ocorriam de formas semelhantes em localidades distintas. Através dessas semelhanças, Frazer tenta explicar o sistema evolutivo das civilizações, até as formas mais complexas. Segundo ele, os rituais e festas tinham caráter divino, eram cerimônias mágicas que integravam e interligavam todo o corpo social (a sociedade) através das repetições, muitas vezes para mostrar a

realidade. As características semelhantes entre todas as formas ritualísticas citadas por Frazer consolida a teoria evolucionista de que determinada sociedade se transforma até adquirir um corpo social mais complexo.

Expor um ritual analisado por Frazer não é para fundamentar esse trabalho à luz das ideias desse teórico, mas identificar que a preocupação com a análise dos rituais e seus desdobramentos não é um fato contemporâneo, pelo contrário, ela se faz presente nos estudos antropológicos desde sempre, talvez por isso seja de suma importância fazer um paralelo, situar o que será aqui discutido inserido numa escala temporal da própria ciência antropológica.

Outra tradição de suma importância para a antropologia e para a perspectiva das análises ritualísticas das sociedades foi a Escola Sociológica Francesa que uniu as pesquisas sociológicas e antropológicas, sendo, nessa escola, campos inseparáveis. Teve como seu principal precursor, Émile Durkheim que fez suas análises a partir das representações sociais ou categorias coletivas do entendimento, fundamentais para a regulamentação e manutenção da sociedade. Em Durkheim, o que parece uma desordem, traduz uma ordem imperceptível. Em seu livro *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1996), Durkheim analisa uma sociedade primitiva da Austrália e observa os ritos entre os Arunta e Warramunga, os quais “dão vida” às crenças. Esse teórico separa os cultos observados em negativos e positivos, sendo os primeiros marcados pela abstenção, interdição e tabu. São responsáveis por separar as coisas profanas das sagradas e produzem indiretamente efeitos no culto positivo, pois as abstinências e privações inerentes ao culto negativo são inseparáveis do sofrimento, da dor. Esta rompe os laços do mundo profano e fazem com que o indivíduo acesse o mundo do sagrado, isto é, para que o indivíduo chegue ao sagrado é preciso que passe por um período de dor.

O autor cita os ritos representativos e as recreações coletivas como resultado da religião, os quais têm por objetivo a representação dos antepassados e não são celebrados em função de algum benefício, mas por questão principalmente de respeito e bem-estar moral “o rito consiste unicamente em lembrar o passado e tomá-lo presente, de certo modo, por meio de uma representação dramática” (Durkheim, 1996, p.405). Para Durkheim, os ritos recreativos servem de distração e ele considera que “quando um rito serve somente para distrair, não é mais um rito” (ibid., p. 416). Assim, ele associa as cerimônias religiosas às festas e sugere que há uma relação de reciprocidade entre ambas,

“...a ideia mesma de uma cerimônia religiosa de certa importância desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa, mesmo que puramente leiga por suas origens, tem certos traços da cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si, distraído em suas ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, observam-se em ambos os casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevam o nível vital, etc. Foi assinalado com frequência que as festas populares levam aos excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito também há cerimônias religiosas que determinam como que uma necessidade de violar as regras, ordinariamente as mais respeitadas. Não, é claro, que não haja motivos para diferenciar essas duas formas de atividade pública” (DURKHEIM, 1996, p. 417)

Durkheim (1996) estabelece uma relação entre o sagrado e o profano e os concebe como antagônicos. Não se misturam, nem podem coexistir no mesmo espaço tampouco no mesmo tempo: “os seres sagrados não somente são separados dos profanos, como também nada do que concerne, direta ou indiretamente, à vida profana deve se misturar à vida religiosa” (p. 324). Entretanto, ele considera que “há uma solução de continuidade” entre ambos, sendo o conjunto de ritos o que atua na separação deles, pois “sua função é evitar misturas e aproximações indevidas, impedir que um dos domínios avance sobre o outro” (1996, p. 318). Logo, o ritual sempre vai estar presente na festa religiosa, pois diferentemente das festas o ritual é o que, de fato, marca uma passagem.

Mary Douglas, considerada seguidora de Émile Durkheim, através do seu livro “*Pureza e Perigo*” (1966), pode explicar a relação entre sagrado e profano, pois nesse trabalho, Douglas dá ênfase aos rituais que são admitidos enquanto modificadores das experiências de mundo e “incorporam a forma das relações sociais e, dando uma expressão visível a estas relações, permitem aos homens conhecer a sua própria sociedade” (Douglas, 1966, p. 95). Douglas retira as divisões entre ambos admitindo que “o sagrado e o profano não são sempre e como que por necessidade diametralmente opostos. Podem ser categorias relativas: o que é puro em relação a uma coisa, pode ser impuro em relação a outra e vice-versa” (1966, p. 10), isto é, sagrado e profano, para a autora, exercem uma relação de interdependência, um não existe sem o outro.

I.2- OS RITUAIS COMO FUNDAMENTO DAS FESTAS

Seguindo essa linhagem clássica, outro expoente de grande importância para essa literatura foi Marcel Mauss, também inserido na escola sociológica francesa e discípulo de Émile Durkheim, fez suas reflexões acerca do simbolismo, admitindo ser este um aspecto fundamental para a vida social.

Dentro da perspectiva do simbólico, em seu livro “*Ensaio sobre a dádiva*”, Mauss faz uma análise comparativa dos sistemas de trocas entre várias sociedades arcaicas da Polinésia, da Melanésia e do noroeste Americano, admitindo-os a partir da categoria da “dádiva”. Esta sendo o fundamento da comunicação e sociabilidade humana. Para ele a dádiva é formada por trocas cerimoniais que não se resumem a reles escambos, antes de tudo elas são carregadas de um peso moral que dá sentido às relações sociais. Isto é, Mauss define dádiva como algo mais amplo, pois os sistemas de trocas não incluem apenas presentes, mas

(...) o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente” (MAUSS, 2003, p. 190-191).

É possível fazer uma associação entre os fundamentos que regem a festa à luz das análises de Mauss, uma vez que ele entende que há nesses sistemas de troca, rituais compostos por componentes semelhantes aos que materializam a festa, a exemplo das danças, comidas e bebidas, do movimento, isto é, a festa não apenas entendida dentro dos moldes dos rituais, mas principalmente, derivada deles.

Outro teórico de suma importância para essa discussão é Van Gennep, que propõe uma análise dos ritos. Ele enfatiza a dicotomia entre o sagrado e o profano, faz uma análise das sociedades gerais e especiais, acreditando que mesmo nas sociedades mais simples, há a presença de atos que regulam a vida dos indivíduos e consequentemente da sociedade. Segundo esse autor, nenhum ato é absolutamente independente do sagrado” (p. 24), além disso considera que a relação entre o sagrado e o profano é dinâmica, pois “entre os dois mundo profano e o mundo sagrado há tanta incompatibilidade, a tal ponto que a passagem de um ao outro não pode ser feita sem um estágio intermediário” (ibid. p. 23). Van Gennep entra no universo dos ritos e chama

atenção para a relação entre indivíduo, sociedade e natureza. Essa também passa por sucessivas etapas de modificações “por isso, devemos associar as cerimônias de passagens humanas às que se relacionam com as passagens cósmicas” (p. 24), como por exemplo, a passagem das estações do ano.

Gennep (2011) estabelece uma classificação dos ritos, a exemplo dos ritos simpáticos que

“são aqueles que se fundam na crença da ação do semelhante sobre o semelhante, do contrário sobre o contrário, do continente sobre o conteúdo e reciprocamente, da parte sobre o todo e reciprocamente, do simulacro sobre o objeto ou o ser real e reciprocamente, da palavra sobre o ato” (GENNEP, 2011, P. 25)

Os rituais de contágio “fundam-se na materialidade e na transmissibilidade, por contato ou à distância, das qualidades naturais ou adquiridas” (ibid. p. 27).

Van Gennep identifica uma classe específica dos ritos, ao categorizá-los e classificá-los, e os denomina “ritos de passagem”. Nestes é possível encontrar uma gama de diferentes rituais, sendo o sujeito essencialmente ritualista, sua vida é conduzida por uma série deles, os quais permitem a convivência em sociedade, pois são eles quem amenizam as tensões. E, desse modo, a sua abordagem vai girar em torno da classificação específica dos ritos de passagem.

Os ritos de passagem permitem três “ramificações”: os ritos “*preliminares* (separação), *liminares* (margem) e *pós-liminares* (agregação)” (p. 30). Os preliminares ou de separação são ritos em que o indivíduo passa por um processo de separação, por exemplo, os ritos funerários caracterizados, principalmente, pela despedida entre os vivos e o(s) morto(s). Os liminares ou de margem são ritos em que o indivíduo se encontra na condição de transição, por exemplo, a gestação, o noivado ou até mesmo o luto. Este de acordo com Gennep (2011) “é um estado de margem para os sobreviventes, no qual entram mediante ritos de separação e do qual saem por ritos de reintegração na sociedade geral (ritos de suspensão do luto)” (p. 129).

Já os ritos pós-liminares ou de agregação acontecem quando o indivíduo é (re)integrado à sociedade, “os ritos de agregação têm significação coletiva, quer liguem um ou outro dos indivíduos a novos grupos, quer unam dois ou vários grupos” (2011, p. 118), por exemplo, a cerimônia de casamento, onde os noivos estavam numa fase liminar – o noivado - e passam a ser agregados e/ou reintegrados à sociedade sob uma

nova condição. No entanto, há ritos compostos por todas essas “ramificações”, a exemplo, do casamento abordado aqui enquanto rito de agregação, e que na verdade há no mesmo a fase da separação que se situa entre a adolescência e o noivado, a margem compreendida no noivado e agregação quando, de fato, se concretiza a cerimônia do casamento.

Partindo da proposta de Gennep (2011), quando um indivíduo adentra um ambiente festivo, seja uma cerimônia ou não, ele fica despido de sua realidade e se transporta para uma outra com prazo de validade, isto é, com um tempo de duração preestabelecido. Contudo, é durante esse período de tempo ou liminar que o indivíduo se encontra enquanto ser ritualista e acabada a validade, acabado o tempo da “nova vivência”, o mesmo retorna à sua realidade repleto de marcas, talvez alguns “efeitos colaterais”, que poderão transformá-la.

É sob essa perspectiva que Victor Turner, considerado um dos especialistas mais conceituados na análise de rituais, trabalha. Turner aborda em seu livro “*O processo ritual*” os ritos de passagem já definidos por Van Gennep como “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social de idade” (Turner, 1974, p. 116). No entanto o que mais chama atenção de Turner nos “ritos de passagem” é a sua fase liminar, cuja definição ele aprimorou e, a partir dela, formou o conceito de *communitas*.

Para Turner, os ritos de passagem são uma espécie de ritual de distanciamento entre o indivíduo e a sua estrutura social. Partindo dessa premissa, o indivíduo se afasta e retorna para a estrutura. Esse período de afastamento e retorno é caracterizado como fase e/ou rito liminar ou de margem. Esta possibilita que o indivíduo seja moldado, logo, ele retorna com outras características para a estrutura social. Essa fase liminar forma uma anti-estrutura, ao que Turner chama de *communitas*.

“A “*communitas*” surge onde não existe estrutura social (...) é considerada sagrada ou “santificada”, possivelmente porque transgride ou anula as normas que governam as relações estruturadas e institucionalizadas, sendo acompanhada por experiência de um poderio sem precedentes” (TURNER, 1974, p. 156).

De acordo com o autor, o indivíduo está inserido em uma estrutura formada por um sistema de relações e *status* sociais, uma rede de posições, de instituições sociais, sistemas políticos e econômicos, numa ‘sociedade fechada’. E como alternativa ou até fuga dessa estrutura, indivíduos ou grupos que compartilham de uma mesma condição,

quando estão à margem da sociedade, agrupam-se em uma anti-estrutura ou *communitas* ou ainda uma ‘sociedade aberta’. Para Turner (1974), a “*communitas* só se torna evidente ou acessível, por assim dizer, por sua justaposição a aspectos da estrutura social ou pela hibridização com estes” (p. 154) e considera ainda que “mesmo nas sociedades mais simples existe a distinção entre estrutura e *communitas*, encontrando expressão simbólica nos atributos culturais de liminaridade, marginalidade e inferioridade” (1974, p. 159). As principais ideias de Turner parecem emergir do movimento dialético entre estrutura e anti-estrutura, intrínseco à vida social. Na liminaridade ou período intermediário, de transição, o sujeito ritual perde as suas características sociais para absorver outras, logo, as mesmas são ambíguas, onde as sagradas e as profanas se misturam.

“As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, naquelas várias sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais” (TURNER, 1974, p. 117).

Turner considera que não apenas nos ritos de passagem estão presentes a liminaridade e a *communitas*, mas em grupos minoritários que, de certa forma, se afastam da sociedade ou da sua institucionalização como por exemplo, os movimentos milenaristas e os hippies. Estes, por exemplo, se opõem às condições impostas pela estrutura social e se agrupam em uma anti-estrutura como forma de negação àquela como único modo de organização social. Turner classifica as *communitas* em três categorias: a espontânea ou existencial que surge, como o próprio nome sugere, espontaneamente entre os indivíduos; a *communitas* normativa que surge quando há a necessidade de um controle social; e por fim a ideológica que, considerada utópica, surge da ideia de formar uma sociedade fundamentada na espontânea. “A “*communitas*” ideológica e a normativa já se situam ambas dentro do domínio da estrutura” (Turner, 1974, p. 162), enquanto a espontânea está fora desse domínio, pois

“A “*communitas*” espontânea não pode nunca ser expressa adequadamente numa forma estrutural, mas pode surgir de modo imprevisível em qualquer tempo entre os seres humanos que são institucionalmente contados ou definidos como membros de algum tipo, ou de todos os tipos, de agrupamento social, ou de nenhum” (TURNER, 1974, p. 167).

Ao fazer a análise acerca dos rituais, Victor Turner acaba entrando o universo da performance e embora esse não tenha sido esse o seu objetivo, as suas contribuições se tornaram de grande importância nas discussões inseridas na antropologia da performance.

O estudo da sociedade Ndembu, localizada na Zâmbia, África, analisada por Turner entre as décadas de 60 e 70, propiciou uma vasta etnografia que permite, a partir da análise dos seus aspectos simbólicos, a compreensão dos conceitos dos rituais, performance, além de drama social, conceito fundamentado por esse autor para explicar o funcionamento daquela sociedade. Segundo Turner, a sociedade Ndembu era regulada por dois princípios: o da matrilinearidade e a virilocalidade/patrilinearidade que funciona da seguinte forma: a mulher Ndembu ao se casar deixava a sua aldeia, a sua família para viver junto à do seu esposo, no entanto, quando elas têm filhos, estes quando chegam a uma determinada idade, início da adolescência, vão morar com um irmão do pai, fato que proporciona um grande índice de divórcio nessa sociedade. Ao conflito presente na vida social Ndembu, Turner deu o nome de drama social, o qual é amenizado a partir da realização de alguns rituais que ora são uma forma de reafirmar os valores comuns aos Ndembu, ora são uma válvula de escape para essa sociedade. Portanto, ele considera a importância dos rituais como sendo fundamental para a dinâmica da sociedade.

I.3 – OS RITUAIS NO BRASIL

A questão dos rituais é, no Brasil, objeto de estudo entre pesquisadores e pesquisadoras de várias áreas das ciências humanas e, sobretudo, das ciências sociais. Não é recente a inquietação de pesquisadores com o tema, visto que o Brasil é um país vasto e riquíssimo quando o assunto é manifestações culturais, podendo estas se desdobrarem em um amplo leque de possibilidades para a compreensão dos rituais e suas categorias fundamentais.

Roberto Da Matta (1997), antropólogo brasileiro, dialogando com Victor Turner, dedicou-se à análise e à interpretação da sociedade brasileira. Para tanto, utilizou o conceito de drama social de Turner. O dilema brasileiro, de acordo com Da Matta é baseado numa estrutura social em que as diferentes classes sociais se entrelaçam revelando conflitos fundamentados em aspectos dicotômicos, caracterizados enquanto autoritários e hierárquicos e ao mesmo tempo harmônico. As discussões desse autor

permeiam a linha tênue entre os aspectos hierarquizados e a busca do equilíbrio - da harmonização de uma mesma sociedade através, sobretudo, da realização de eventos sociais.

Da Matta classifica os eventos sociais de acordo com a sua ocorrência e os divide em eventos cotidianos, que reúnem pessoas do mesmo âmbito social e os que se dão fora do dia-a-dia, denominados rituais, realizados para a sociedade e que obedecem a regras bem estabelecidas, como por exemplo, as festas. O autor classifica esses eventos em formais e informais. Para tanto, ele utiliza o dia da pátria e o carnaval, respectivamente, como exemplos.

Os eventos considerados por Roberto Da Matta como rituais são formas de salientar a realidade diária da sociedade brasileira, pois “o ritual é algo plenamente compatível com o mundo da vida diária e os elementos do mundo diário são os mesmos elementos do ritual” (p. 58). Para ele, há três modos de manter essa evidência, que são: o reforço, caracterizado pelas paradas militares; a inversão, caracterizada pelo carnaval e a neutralização, exemplificada pelas festas religiosas.

O reforço tende a corroborar com os aspectos da ordem social, pois é um momento em que deixa em evidência elementos que são especificamente brasileiros, a exemplo do hino e da bandeira nacional, ou seja, elementos que instigam o sentimento patriota da sociedade.

A inversão, deixa em evidência a ambiguidade da ordem social, pois enquanto esta é suspensa, há de certa forma, o surgimento de outra que permite às diferentes classes sociais se entrelaçarem sem que haja conflitos. Para Da Matta, o carnaval está numa posição liminar, uma vez que é um evento que antecede a quaresma e um momento preparatório para a mesma, quando os papéis e posições sociais são diluídas e retomadas quando o rito acaba. Isto é, o carnaval é mais do que uma festa popular, é uma representação da sociedade brasileira.

A neutralização, por sua vez, tende a anular divergências e/ou hierarquias de grupos sociais. Nesse sentido, assemelhando-se ao carnaval, uma vez que os conflitos entre as posições sociais são temporariamente cessados. No entanto, diferentemente daquele, o objetivo da neutralização não é a inversão de papéis ou posições sociais, mas colocá-los lado a lado.

Se observarmos bem, há algo em comum entre os três modos de salientar a rotina da realidade brasileira, propostos por Roberto Da Matta: a própria suspensão da rotina. Para Da Matta (1997),

“os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover a identidade social e construir seu caráter [...] Porque é o ritual que permite tomar consciência de certas cristalizações sociais mais profundas que a própria sociedade deseja situar como parte de seus ideais “eternos”” (DA MATTA, 1997, p. 29).

Nos três casos mencionados, a rotina dá lugar a rituais que desnudam aspectos sociais cristalizados no seio da sociedade brasileira.

Outro pesquisador que abordou a temática dos rituais em suas discussões foi Isidoro Alves que, através de um trabalho realizado em 1974, fez uma análise antropológica acerca do Círio e da Festa de Nazaré em Belém. A partir dessa cerimônia o autor almejava alcançar dois objetivos, o primeiro propor uma teoria sobre o ritual e o segundo, ceder lugar a um debate sobre o festejo que era, segundo ele, até então incipiente. O autor enfatiza as questões que permeiam as relações sociais, de poder, conflito, bem como de “conciliação” que se dão nesse contexto.

Isidoro Alves (1980), admite que o círio e a festa de Nazaré são importantes manifestações do corpo social e aponta a presença de dois discursos presentes na mesma. O primeiro se situa em torno da festa religiosa que está sob o comando da autoridade religiosa ou a quem é delegada o poder de a gerenciar. O segundo consiste na análise da festa popular que se mostra através da presença de manifestações mais livres e espontâneas, sem rigores religiosos. Para tanto, ele se utiliza dos conceitos de ritual elaborados por autores como Victor Turner, Edmund Leach, Roberto da Matta e Lévi-Strauss. Desse modo, admite que a noção de ritual era mais voltada para a religião, isto é, para o sagrado, mas que a análise contemporânea além de admitir o caráter religioso presente nos rituais, também expõe seu caráter comunicativo, pois “ao articular elementos simbólicos, os eventos rituais são propícios à interpretação, à comunicação e à transformação” (p. 21). Os rituais, para o autor, se materializam em situações não-rotineiras, extraordinárias, são sequências estruturais e estruturantes que revelam o seu caráter redundante, repetitivo, carregados de significações.

Isidoro Alves considera que o Círio e a Festa de Nazaré são um complexo ritual que contemplam um conjunto de conceitos que combinam princípios básicos em suas sequências e desdobramentos, isto é, eventos significativos para todo o corpo social e, do ponto de vista coletivo, há uma hierarquia social através de sistemas de poderes concorrentes nas quais as relações sociais se desdobram, mas apesar dessa hierarquia há a suspensão de barreiras sociais, ou seja, a suspensão momentânea das diferenças que desnudam o poder aglutinador da festa.

Dando seguimento à questão do ritual, utilizo também como fundamento para este trabalho as discussões realizadas pela autora Mariza Peirano que faz um apanhado acerca da temática. O ritual obedece a algumas regras que, além de definir e expor os seus objetivos, mantêm certa organização. De acordo com Peirano (2003), o “ritual não é algo fossilizado, imutável, definitivo” (p. 09). Essa declaração está presente em seu livro “Rituais ontem e hoje”, onde a autora chama atenção para a pouca importância que grande parte da sociedade atual dá aos rituais, muitas vezes os associando às sociedades remotas; não se dando conta da sua presença e/ou existência nos dias atuais. Para explicar o que, de fato, é um ritual, Peirano (2003) adota uma definição de ritual formulada pelo antropólogo Stanley Tambiah⁵, a qual é fundamentada sobre cinco pilares.

O primeiro, expõe Peirano (2003), diz respeito à compreensão do que é um ritual, deve ser “etnográfica, isto é, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa” (Peirano, 2003, p. 08). Ou seja, esse primeiro pilar coloca em evidência o discurso existente no âmbito antropológico acerca da relação entre observador (antropólogo) e observado (nativo), e a base dessa relação deve se apoiar na noção de alteridade

O segundo pilar sobre o qual se baseia na natureza dos rituais, conforme Peirano (2003), independe do seu caráter, ou seja, não importa se os rituais sejam profanos ou sagrados, o que realmente vai interessar é “que eles tenham uma forma específica, um certo grau de convencionalidade, de redundância, que combinem palavras e outras ações, etc” (p. 08). Isto é, o que se põe em questão não é fato de um ritual religioso, por exemplo, se caracterizar sagrado, mas a forma como ele é materializado, se seu conteúdo se configura enquanto um latente ritual.

O terceiro ponto que fundamenta a definição de rituais é que eles se caracterizam por uma certa racionalidade. Esse ponto tem como base o primeiro pilar que sugere uma compreensão etnográfica do ritual, isto é, para que haja essa racionalidade é preciso que seja feita uma análise etnográfica, pois se o observador desenvolve a compreensão do que o nativo exprime. Necessariamente ele atinge um grau de racionalidade fundamental para a definição do que é o ritual.

O quarto fundamento está na crença de que há elementos presentes nos rituais que também estão presentes na vida dos indivíduos, logo, a autora enfatiza:

⁵Exponho a definição sobre ritual exposta por Stanley Tambiah a partir da leitura realizada por Mariza Peirano, excelente estudiosa da temática e também do autor em referência.

“consideramos o ritual um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo.” (Peirano, 2003. p. 08). Uma vez que é verificada a presença de elementos semelhantes tanto na sociedade quanto no ritual, é revelado o caráter sociocultural do mesmo.

Por último, completando os cinco pilares que fundamentam a definição de um ritual, está a comunicação. Para a autora, nas nossas formas de agir, falar, fazer ou até vestir há um “elemento comunicativo implícito”, não importando, desse modo, a forma como é manifestada, a comunicação torna-se uma das características presentes no ritual.

A partir dos cinco pilares intrínsecos à definição dos rituais, finalmente Mariza Peirano (2003) define o ritual, como:

Um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). (PEIRANO, 2003, p. 09).

Considerando a definição acima, Peirano (2003) complementa ainda que a “ação ritual é performativa” então, para ela, “rituais servem para resolver conflitos ou diminuir rivalidades (...) e, *ao mesmo tempo*, para transmitir conhecimento (...). Rituais são adequados para realizar essas funções aparentemente diversas, porque são *performativos*” (p. 25). A partir dessa consideração, a autora conclui que “por meio da análise de rituais, podemos observar aspectos fundamentais de como uma sociedade vive, se pensa e se transforma” (ibid. p.31), ou seja, deixa evidente que os rituais têm grande importância tanto para a transmissão quanto para a reprodução dos valores de uma sociedade.

Ao trabalhar com rituais, Peirano insere suas análises no âmbito das discussões acerca da performance, termo que tem sido bastante utilizado na contemporaneidade em diversas áreas como teatro e artes, entre outras. No campo da antropologia esse termo vem sendo utilizado há um tempo considerável, por exemplo, desde Victor Turner e o seu estudo com os Ndembu. Entretanto, Peirano esclarece que não se aprofunda no tema, pois não tem familiaridade suficiente, seu objetivo é “apenas suscitar esclarecimentos”. Para isso, ela discute a noção de performance, principalmente, a partir das concepções de Victor Turner.

Para a autora, ainda não está definido se nas análises da antropologia da performance, esta se define enquanto tema ou teoria. No entanto, faz uma observação para o uso de uma “ferramenta” fundamental para a sua interpretação: as metáforas. Estas, a autora esclarece, estão presentes na antropologia desde a sua institucionalização, assim como é intrínseca ao teatro, onde a performance se mostra mais efetiva.

A partir dessa relação poderemos compreender que a ação performativa é composta nos rituais. Suas representações, além de transmitirem uma mensagem, expõem elementos que são permanentes na sociedade. Performance e ritual estão interligados numa relação de reciprocidade. A primeira torna-se um elemento intrínseco do segundo, este enquanto estrutura, se faz produto da performance. Sendo as encenações, as representações e as ações presentes em ambos, partes da dinâmica que norteia a sociedade.

I.4- UMA ANÁLISE SOCIAL DA FESTA

Festa: cinco letras, uma palavra e um amplo sentido e significado. Afinal, o que é uma festa? Essa é a pergunta responsável por dar corpo a esse subtítulo. O significado e sentido da festa, pode até não parecer, mas são elementos complexos que formam o conceito de um momento preestabelecido composto por risos, conversas, alegria, descontração, exagero, confraternização, que por sua vez são acompanhados e/ou provocados por elementos presentes no nosso dia a dia, mas que são hierarquizados de uma outra forma quando inseridos no tempo que dá matéria à festa: a música acompanhada ou não da dança, a bebida e a comida. Isto é, um momento onde há esses elementos pode ser considerado uma festa?

Ora, se perguntarmos a uma criança de cinco anos o que foi aquela “reunião” em comemoração ao seu aniversário, certamente ela responderá que foi uma festa. Se observarmos, em uma comemoração de aniversário há todos os elementos citados acima, portanto a definição da suposta criança não estará, de certo modo, equivocada. A festa aqui é abordada relacionada ao ritual, sendo derivada dele. No entanto, Chianca e Rafael (2018), evidenciam que “ritual e festa não são sinônimos: se toda festa pode ser considerada um ritual (nos moldes clássicos de suspensão temporária dos papéis sociais ou reforço da condição cotidiana), nem todo ritual é uma festa” (p. 14). Por tanto,

poderemos filtrar as diferenças e semelhanças entre ambos e partir para a definição da festa.

Callois (2015) a define enquanto concebida “pela dança, pelo canto, pela ingestão de alimentos, pela bebedeira” (p.15), entretanto, não se limitando a isso, pois ela não pode ser definida apenas pelos elementos “visíveis” que a materializam, mas também pelos aspectos socioculturais, econômicos e também religiosos que a engendram e, sobretudo, pela mensagem que ela deseja transmitir. Chianca e Rafael (2018) reforçam que “além de revigorar o indivíduo, a festa também desperta o seu sentimento de vínculo coletivo” (p. 13). Assim, é necessário considerar o caráter subjetivo da festa, e pensar para além da efervescência da mesma e admitir não apenas os segmentos sociais, mas os econômicos e também religiosos que abrangem, produzem e conceituam uma festa. Destarte, Callois (2015) assegura

A festa deve ser definida como o paroxismo da sociedade, que ela purifica e ao mesmo tempo renova. Ela não é seu ponto culminante apenas do ponto de vista religioso, mas também do ponto de vista econômico. É o instante da circulação de riquezas, o das transações mais consideráveis, da distribuição prodigiosa das reservas acumuladas [...] as festas parecem em todas as partes ocupar uma função análoga. Constituem uma ruptura com a obrigação do trabalho, uma liberação das limitações e das servidões da condição humana: é o momento em que se vive o mito, o sonho, em que se vive em um tempo, e em um estado, nos quais somente se está obrigado a despende e a se despende (CALLOIS, 2015, p. 38-39).

É fundamental enfatizar o caráter transgressor da festa, onde as restrições da lei e da moral são suspensas, isto é, a ordem perde espaço para a desordem, o trabalho e/ou a rotina também são suspensos, em seus lugares se estabelecem a dança, a bebida, a alegria, enfim, os excessos. Jean Duvignaud, por exemplo, acredita que a festa não pode ser vista somente como um momento de riso, alegria, mas um momento cristalizado. Em seu livro “*festas e civilizações*”, publicado em 1973, a partir do qual ganhou notoriedade no âmbito das discussões acerca da temática, radicaliza a teoria da festa e estabelece o seu poder subversivo e destruidor.

Duvignaud (1983) considera que não é possível “associar a festa com a vida social normal porque ela é a própria coordenação da destruição” (p.67) ela destrói regras e códigos, o que revela seu caráter transgressor, este configurado numa força destruidora permite o indivíduo se desprender de si mesmo e como que em um transe, atingir a subversão. Para Duvignaud (1983),

“(...) a festa, assim como o transe, permitem às pessoas e coletividades sobrepujarem a “normalidade” e chegarem ao estado onde tudo se torna possível porque o indivíduo, então, não se inscreve apenas em sua essência humana, porém, em uma natureza, que ele completa pela sua experiência, formulada ou não” (DUVIGNAUD, 1983, p. 222)

A festa, portanto, pode ser compreendida como um ato coletivo composto por um misto de fantasia e liberdade, de repositório dos costumes, dos excessos, momento de suspensão da rotina e do trabalho. No entanto, é preciso considerar que essa suspensão do trabalho não deve ser generalizada, pois para que uma festa seja efetivada, é necessária uma demanda de ordem comercial. Ou seja, se por um lado há a suspensão do trabalho que se manifesta diariamente, em contrapartida há a manutenção de um outro trabalho que se verifica através da oferta de alguns serviços e, principalmente da comercialização de comidas e bebidas no ambiente festivo. Desse modo, parte da sociedade se organiza para a manutenção da festa através do trabalho.

Até o momento a festa foi admitida de um modo geral, entretanto é importante frisar a existência das suas ramificações. Rita Amaral (1998), agrupa-na em duas categorias: as que são realizadas pelo Estado e pela igreja; e a festa do povo. A autora realiza um trabalho acerca da festa brasileira e expõe que elas existem desde o período da colonização brasileira, período durante o qual eram relacionadas, principalmente, à igreja católica e serviam para, além de manifestarem o poder do Estado português, atenuar as tensões devido às diferenças étnicas e sociais da época. Para AMARAL (1998),

“A festa colonial constituía um desafio para os diversos grupos sociais, contra as dificuldades do cotidiano, além de um escape para as tensões acumuladas contra o poder, fosse ele concentrado na figura do senhor de escravos ou do funcionário metropolitano, do governo português ou da igreja católica. Mas ela se constitui, também, num espaço privilegiado para a criação de tradições e consolidação de costumes, permitindo ainda que as culturas estabelecessem contato de modo mais pautado pelos valores lúdicos, religiosos e artísticos, que constituíram linguagens simbólicas com alguns termos compartilhados e que permitiram uma melhor tradução de cada uma delas para as demais, fazendo, inclusive, fluir de umas para as outras, novos símbolos e valores culturais” (AMARAL, 1998, p. 86).

A autora expõe como as festas passaram a ganhar independência das festas oficiais, sendo organizadas pelo povo, nas quais o sagrado e o profano se intercalavam. Essas festas ganharam popularidade, apropriaram-se de um espaço e se efetivaram no

tempo. Rita Amaral chama atenção para uma das características das festas populares: a comida. Sua distribuição nas festas foi inserida pelo povo, visto que “A festa ensejava os atos de comer e beber, mas os excessos, de caráter confraternizador eram coibidos pela Igreja” (p. 83). A proibição de determinadas práticas realizadas pela igreja católica é verificada já durante o século XVI na Europa, se manifestando no Brasil como uma espécie de herança trazida junto à colonização.

As festas populares que se originaram a partir de práticas culturais exercidas pelas classes menos favorecidas da sociedade, foram suprimidas durante muito tempo, em especial durante o movimento de reforma da cultura popular realizado pela igreja católica no século XVI. Como expõe Burke (2010), “Essa reforma cultural não se restringiu ao popular, pois os devotos desaprovavam todos os tipos de peças, mas ficou com a impressão de que foram as recreações populares que arcaram com maior impacto da investida” (p. 282). Esse foi um período em que as festas, como Burke (2010) enfatiza, “eram denunciadas como ocasiões de pecado, mais particularmente de embriaguez, glotoneria e luxúria, estimulando a submissão ao mundo, à carne e ao Demônio – especialmente à carne” (p. 284). Desse modo, a igreja católica se apropriava de argumentos de cunho moral, como por exemplo, a indecência, a vaidade e a violência na tentativa de suprimi-las.

Apesar da tentativa de contenção das práticas festivas, mais precisamente das populares, estas se efetivaram, ocuparam um espaço considerável e acabaram abrangendo toda a sociedade ao longo dos tempos, além de constituírem a história de uma sociedade, as festas estão intrinsecamente ligadas à construção de identidades sociais.

Outra autora brasileira que se debruçou sobre a temática foi Maria Laura Cavalcanti (1998), a qual admite que as festas são compreendidas enquanto veículo tanto de expressões das relações humanas quanto de valores e visões de mundo, são um exemplo de ritual. Enquanto Peirano (2003) admite que os rituais auxiliam na resolução de conflitos, Cavalcanti (1998) passeia sob essa perspectiva, entretanto concebe que os rituais⁶ não resolvem conflitos, nem desigualdades sociais, mas de algum modo, através deles, essas diferenças são amenizadas. Para tanto, a autora toma como exemplo as festas populares.

⁶Vale ressaltar que Maria Laura Cavalcanti não utiliza o termo “rituais”, mas “festas populares” para fazer referência à resolução de conflitos, entretanto justifico o termo usado pelo fato de a autora conceber as festas, de um modo geral, enquanto rituais.

“(…) as festas populares: atraem, encantam e integram participantes e admiradores. Envolvem ricos e pobres; brancos, mulatos, caboclos, pretos; distintas origens étnicas; sagrado e profano. Não resolvem conflitos e desigualdades sociais, mas expressam uma face da coletividade que se superpõe a essas diferenças” (CAVALCANTI, 1998, p. 01).

A partir do exposto, a autora admite a existência de divergências nas festas, principalmente nas populares, no entanto as mesmas não são suficientes para que não haja uma boa convivência e/ou relação entre seres antagônicos. Talvez aqui se encaixe a ideia de “*communitas*” de Turner, uma vez que “os diferentes” agora estejam, ainda que por um período de tempo preestabelecido, num mesmo patamar, numa mesma ordem que não denuncie, por assim dizer, os seus conflitos.

Maria Laura estabelece uma relação entre as festas e o cotidiano que, para ela é uma “licença poética” baseada no distanciamento entre ambos, e a cada ano as festas retornam com algo novo que fazem com que elas “vão se modificando, se recompondo, às vezes mesmo se reinventando” (p. 02). Parece-me que a transformação e/ou reinvenção das festas é uma condição para a sua própria existência. As festas parecem “caminhar” de mãos dadas com as sociedades. À medida que esta se transforma as festas seguem os seus passos e também são modificadas, embora, de alguma forma possa manter a sua essência. Cavalcanti (1998) nos mostra a “(…) dimensão profunda das festas de modo geral: elas integram a história concreta dos grupos humanos e participam ativamente da construção de identidades sociais, sempre díspares, inacabadas e em alguma medida problemáticas” (p. 03).

Ora, as festas são produzidas pela sociedade, logo, nelas sempre existirão aspectos reveladores da mesma. E, nesse sentido, a autora chama atenção para a importância da percepção dessa transformação, pois a festa é “também lugar de memória, de construção e atualização de um passado que não pertence mais apenas a seus cidadãos, mas mostra-se capaz de atribuir identidade a setores amplos da sociedade” (p. 04), isto é, além de constituírem a história de uma sociedade, as festas estão intrinsecamente ligadas à construção de identidades sociais.



CAPÍTULO 2

A ETNOGRAFIA DA FESTA

CAPÍTULO II – A ETNOGRAFIA DA FESTA

Para que uma festa se materialize é preciso, antes de tudo, de organização. Esta poderia ser comparada a um planejamento escolar, pois para que um professor atinja os seus objetivos é preciso que obtenha sucesso em suas aulas e conseqüentemente para adquirir o sucesso, é preciso se planejar. O que seria esse planejamento? Nada mais do que a organização das suas aulas. É dessa forma que ocorre com uma festa, antes de ela acontecer uma equipe se reúne e a planeja, organiza, programa e a coloca em ação. Há quem acredite que uma festa acontece no momento em que a sua programação inicia, porém eu acredito que a sua efetivação se dá bem antes. Para mim, ela se inicia quando os planos festivos começam a ser colocados em prática. E quem os coloca em prática? A equipe que convocada pelo poder público local, torna-se parte fundamental para a realização da festa. Geralmente ela é formada por funcionários da secretaria de cultura, entretanto não apenas desta, mas de outros segmentos do funcionalismo e, neste caso, municipal. Entretanto há que considerar o caráter espontâneo da festa, quando ela se realiza sem o aparato estatal, sem formalidade, mas a partir de ações dos próprios foliões. Inclusive, as festas geralmente nascem assim: através de pequenos grupos que se organizam para uma diversão em comum e, conseqüentemente, acabam se efetivando no calendário festivo e às vezes com o apoio do poder público.

II.1- A BUROCRATIZAÇÃO DA FESTA

A organização festiva compõe o que entendo por “burocratização da festa”, a qual é formada por uma série de ações que faz com que a mesma aconteça, por exemplo, a busca por patrocínio, a escolha pelo local, o controle dos vendedores ambulantes, entre outros aspectos e que também são partes dos preparativos da festa. Afinal, é preciso prepará-la, organizá-la para que a mesma se efetive. Desse modo, citarei abaixo alguns fatores intrínsecos a essa burocratização.

A suspensão da rotina é um dos fatores de bastante relevância para uma festa, pois ele é o responsável por toda a mudança na dinâmica da cidade, isto é, para que uma festa aconteça é preciso não que a cidade pare, como muitos sugerem, mas justamente o contrário: a dinâmica da cidade muda completamente em dias festivos, o movimento das pessoas pelas ruas da cidade aumentam, o comércio se intensifica, entretanto algumas atividades podem ser suspensas, por exemplo, as aulas.

Geralmente quando uma cidade está em festa, seus organizadores pensam no antes, no durante e no depois. O antes pode ser representado pelo planejamento como um todo; o durante, pela materialização, pela prática do festejo, e; o depois, pela reorganização do espaço que sediou o festejo e ainda pela pausa que é dada, muitas vezes já durante o festejo, como as atividades de trabalho, escolares e alguns estabelecimentos comerciais. Essa pausa geralmente é feita através do estabelecimento do ponto facultativo, quando a prefeitura local permite que os trabalhadores e/ou estudantes participantes do festejo ganhem um dia em seus calendários para se recomprem. Embora seja considerado ponto facultativo, é importante ressaltar que as pessoas entendem como feriado, todos aderem a ele e ninguém se sente constrangido por não comparecer ao seu local de trabalho, exceto o pessoal responsável pela limpeza do espaço festivo que tem em suas escalas a obrigatoriedade do trabalho. Exemplo disso ocorreu na festa das cabacinhas de Siriri, quando o prefeito do município estabeleceu ponto facultativo em dois dias na edição de 2019, um na sexta-feira 11 e outro na segunda-feira 14 após festa. No entanto, há aqueles que não têm esse privilégio, por exemplo, parte dos garis que fazem a limpeza da cidade e do espaço festivo.

A data da realização da festa que em regra acontece de acordo com um calendário preestabelecido, entretanto esta não tem uma data fixa, ela se molda de acordo com algumas necessidades, sendo uma delas a financeira. Por exemplo, a festa das cabacinhas de Japaratuba 2019, realizada pela prefeitura municipal em parceria com órgãos federais teve a data da sua realização alterada devido ao patrocínio conseguido. O festejo que seria realizado tradicionalmente em janeiro de 2019, excepcionalmente nessa ocasião precisou ser transferido para dezembro de 2018, mais precisamente para o período entre os dias 28 e 30. Em conversa com o secretário de cultura do município de Japaratuba, Périclys Rocha, o mesmo informou que a mudança da data se deveu ao patrocínio adquirido com o governo federal, o qual destinou ao município uma verba provinda do ministério da cultura e que precisaria ser utilizada até 31 de dezembro de 2018. Logo, a prefeitura municipal não teve outra alternativa senão antecipar a festa, pois ainda de acordo com o secretário: “nós tivemos que tomar essa decisão árdua e difícil de: ou manter a tradição de realizar em janeiro e talvez não realizar, né? Ou realizar numa proporção bem minúscula [...] ou transferir para dezembro, antecipar questão de dias. Tomamos essa decisão até para conseguir fazer uma festa numa proporção que, de fato, ela tem” (Périclys Rocha, 2018).

Diante da necessidade de tomada de decisões na realização de uma festa e não apenas isso, mas dos seus preparativos, de modo geral, de acordo com o secretário de cultura, são realizadas reuniões com membros das secretarias envolvidas que são: cultura, comunicação, saúde, transporte, obras e defesa civil, além, obviamente, da prefeita municipal. Quando questionado sobre quantas reuniões são fundamentais, o mesmo respondeu: “depende muito, mas geralmente reunião com todos assim umas 3 ou 4, mas faço muita reunião individual com equipes. Cada setor uma equipe coordena e daí sempre vou sentando com essas equipes para ir afinando as demandas”.

Esse festejo já passou por considerável alteração de data, pois era realizado concomitantemente com a festa em alusão ao dia de Santos Reis, ou seja, a festa religiosa passou a ser realizada em um momento e a festa social em outro. A mudança permanece até os dias atuais e a festa social (a das cabacinhas) acontece um final de semana antes ou um depois do dia de Reis. Essa modificação não agradou grande parte dos brincantes, os quais afirmam que a festa das cabacinhas perdeu o seu encanto e hoje não é mais tão atrativa como quando era realizada junto à religiosa.

Os foliões descontentes com essa mudança que para eles a festa perdeu a sua importância são, em grande parte, as pessoas mais velhas entre 80 e 40 anos que lembram dela de forma romântica, como o Sr. Gilberto de 77 anos que afirmou “a festa mudou muito de quando eu era menino pra cá, antes tinha menos bagunça e mais união”, Marcos de 52 anos que quando questionado sobre como se dava a festa das cabacinhas na contemporaneidade, respondeu: “acredito que tem mudado muito, pois as cabacinhas estão acabando, a tradição está acabando. Não é mais como antigamente quando as festas eram juntas” ou ainda Eliane de 42 anos que disse: “desde que comecei a frequentar a festa mudou muita coisa, por exemplo a tradição das cabacinhas que era muito forte e está acabando”. Já as pessoas entre 15 e 20 anos não sugeriam tais mudanças quando questionadas sobre o assunto, por exemplo, Clonai de 18 anos afirmou: “acredito que mudou pouca coisa ou quase nada, ainda tem arrastão”.

Sr. João, um brincante de, aproximadamente, 60 anos relatou que a brincadeira tinha uma dimensão maior: “antigamente era que tinha festa das cabacinhas, quando era no dia de Reis mesmo. Assim que a missa acabava já tinha gente com cabacinha pra guerrear e ali começava a festa, mas depois que separou tudo se perdeu”, disse Sr. João, participante de um grupo de cacumbi. Uma vendedora de cabacinhas também sugeriu que essa separação festiva não foi muito viável: “só era bom quando era no dia de Reis, era tudo misturado agora que separou presta não”.

As pessoas mais velhas acreditam que o festejo perdeu o seu brilho, que as cabacinhas e a tradição estão acabando. O fato é que se o número de foliões está gradativamente diminuindo, como foi relatado por Marcos, por exemplo, quando ele disse que depois que se separou da festa católica ficou menos atrativa, pois antes vinha gente do Brasil inteiro e até do exterior. No entanto, as cabacinhas ainda existem, elas resistem. As cabaceiras estão lá cheias de trabalho, produzindo muito para ter bons resultados nas vendas, porém se na contemporaneidade há menos foliões, consequentemente há menos uso das cabacinhas.

Na edição de 2019, somada à separação dos festejos religioso e social, a mudança na data que seria para 2019 também não foi bem aceita por grande parte da população local e principalmente, pelas “cabaceiras” (produtoras das cabacinhas) tanto as locais quanto as “de fora” que vêm à cidade vender cabacinhas nos dias festivos. Elas argumentaram que a mudança na data prejudicou a grandiosidade da festa, pois elas já estavam acostumadas com o festejo acontecer em janeiro, então passavam o mês de dezembro produzindo as cabacinhas, planejando-se para as vendas e com a mudança tiveram que antecipar também a produção. Falaram ainda dos turistas que participam da festa e até mesmo de moradores locais: “final de ano as pessoas se planejam pra viajar, passar o réveillon fora e por isso, não vêm à festa”, disse uma produtora de cabacinhas que fez questão de enfatizar a grandiosidade do festejo em anos anteriores: “Você está vendo essa praça? Isso aqui era cheio de gente fazendo cabacinha, esse ano não tem quase ninguém, não” (Giovanna, produtora de cabacinha). Além das “cabaceiras”, brincantes também reclamavam do “insucesso” da festa e relacionavam à mudança da data, assim disse uma foliã: “a festa sempre foi em janeiro, lá para o dia 10, mas agora que mudou não dá boa”, um senhor também afirmou: “tá devagar demais, tem ninguém não esse ano”.

A última edição do festejo que se deu em 2020, a festa das cabacinhas foi comemorada juntamente com o festival cultural Arthur Bispo do Rosário, como se a das cabacinhas fosse uma extensão daquele festival. O festival aconteceu de 07 a 10 de janeiro, e assim como na edição anterior, com apresentações dos grupos folclóricos, de dança e teatro. Após as apresentações eram iniciados shows com artistas de nível local e estadual.

A programação festiva da festa das cabacinhas em si estava definida para os dias 09 e 10 de janeiro, nesse sentido, juntamente com a programação do festival. Nesta edição do festejo a programação não contava com os arrastões como de costume,

segundo a secretaria de cultura, por falta de verba. No entanto, em um dos dias do festival cultural a gestora municipal anunciou de última hora que um deputado havia se responsabilizado pelo pagamento de bandas para tocarem nos arrastões, então na véspera da festa das cabacinhas foram divulgadas três bandas que puxariam dois arrastões, um no sábado dia 09 e outro no domingo, 10 de janeiro do corrente ano. Segundo o secretário de cultura, Périclys Rocha, a gestora local não apenas anunciou que teria ganhado os shows, como durante o pronunciamento de abertura do festival ela pediu para que as pessoas presentes expressassem sua opinião sobre as bandas doadas pelo deputado. Isto é, se os presentes preferiam que as mesmas tocassem paradas em praça pública ou que fizesse os tradicionais arrastões pela avenida e assim, maioria votou pelos arrastões.

Em conversa com as cabaceiras, as mesmas demonstravam frustração com a atual edição da festa, pois segundo elas, estava menos atrativa do que no ano anterior, as vendas das cabacinhas estavam muito devagar e talvez devido a pouca atratividade dessa edição, o deputado tenha se sensibilizado e concedido as bandas para que os arrastões fossem realizados, mantendo assim o costume da festa das cabacinhas de Japarutuba.

Em Santa Rosa de Lima, o festejo foi realizado em único dia, aos 02 de fevereiro de 2019, isto é, um tempo considerável após o dia de Reis e isso também em virtude da necessidade do poder público local em transferir a data, isso deveu-se, segundo um membro da organização, por causa de questões financeira do município. Em 2020 a festa não foi realizada. De acordo com um informante a explicação foi a crise financeira e conseqüentemente falta de verba, fato que o deixou surpreso, pois ele informou que os gestores se esforçam bastante para realizá-la em ano eleitoral e não apenas isso, mas realizá-la de forma mais atrativa, contratando artistas considerados bons pelos foliões. Já em Siriri a festa foi mantida na data que normalmente acontece, nas proximidades do dia de Reis, geralmente uma semana após, nesse caso foi entre os dias 10 a 13 de janeiro de 2019. Em 2020 a festa das cabacinhas foi concretizada entre os dias 25 e 26 de janeiro, a escolha da data aconteceu, segundo um membro da organização, por causa da agenda de artistas contratados a exemplo de Saulo Fernandes, cantor de axé. Fato que a equipe responsável pelo festejo considerou melhor, pois a festa de Japarutuba já tinha data definida, então a escolha mais sensata seria realizar a de Siriri em outro final de semana para evitar a “concorrência”.

Pode parecer irrelevante, mas a denominação do festejo também está entre os itens que são parte da burocratização festiva, por exemplo, outra modificação verificada em Japarutuba deveu-se ao nome da festa, pois o que era admitida como a “festa das cabacinhas” nos meios de divulgação, sobretudo, na última edição foi modificada para apenas “festa de Reis”. Segundo o secretário Périclys Rocha, isso ocorreu também em virtude do patrocínio, pois como já havia sido realizado o festejo na edição de 2018, se mantivessem a mesma nomenclatura daria duplicação nos documentos da verba e o festejo não poderia ser realizado. Périclys deixou evidente que se a verba viesse de ministérios diferentes, o nome tradicional haveria sido mantido.

A escolha do espaço do evento é feita pelo principal agente responsável pela realização, a prefeitura municipal. No geral, acontecem em espaços públicos. Por espaço público, podemos compreender

[...] como uma categoria construída a partir das interfaces entre os conceitos de esfera pública (do qual retira a categoria ação) e de espaço urbano (do qual retém a sua referência espacial). Embora o espaço público se constitua, na maioria das vezes, no espaço urbano, devemos entendê-lo como algo que ultrapassa a rua; (Proença, 2009, p. 116).

Assim, o espaço público possui uma característica identitária, se dá a partir de uma relação simbólica entre ele e os indivíduos, com os quais formam uma noção de pertencimento, se transformando em um espaço para do público, que também é social. Em alguns municípios há praças de eventos onde são realizadas as festas, geralmente, é um espaço relativamente grande com a presença de banheiros ou não. Nesses espaços é montada a estrutura da festa composta por barracas de bebidas, comidas ou banheiros químicos quando é o caso, isto é, uma estrutura que atenda as necessidades básicas dos participantes das festas.

O controle de ambulantes é também um dos aspectos que faz parte da organização prévia da festa, porém acaba se estendendo à sua realização, pois durante o festejo sempre tem um responsável por fiscalizar os ambulantes, sobretudo, os que utilizam carrinho de mão para as suas vendas. De modo geral, as prefeituras fazem um controle dos ambulantes que pretendem trabalhar durante o festejo, assim, só é permitida a venda de bebidas e comidas dentro do espaço festivo para as pessoas que fizeram um cadastro junto à secretaria responsável pela realização do evento. Em Japarutuba, os cadastros se deram cerca de duas semanas antes da festa na secretaria de cultura municipal e serve para que a mesma tenha o controle do número de barracas que estarão dispostas no evento. Com relação a cerveja vendida dentro do espaço festivo à noite durante os shows, havia um único fornecedor e uma marca apenas. Vendida a um

preço relativamente alto, visto que essa é uma festa popular e que grande parte dos brincantes é de classe baixa. Os participantes não poderiam entrar na praça de eventos com uma latinha de cerveja, ainda que fosse da mesma marca da que estava sendo vendida dentro. Uma vendedora ambulante que estava disposta na entrada da festa, do lado de fora, vendendo cerveja em um carrinho de mão destacou: “eles não deixam ninguém entrar com uma latinha e lá dentro além de ser só uma marca de cerveja, é quatro reais a latinha”. Além de chamar atenção para o preço que a cerveja estava sendo vendida dentro do espaço da festa, os ambulantes que estavam fora também destacavam as poucas vendas visto que quem ia curtir os shows não beber do lado de fora e como não poderiam entrar com bebida não comprava a eles.

A segurança é uma das principais preocupações tanto para quem fomenta a festa quanto para quem a frequenta, por isso o esperado é que o festejo aconteça tranquilamente sem que ofereça risco aos brincantes. Para tanto, a secretaria responsável pela sua realização emite ofícios previamente às polícias civil e militar para solicitar a segurança nas festividades. Em conversa com moradores de Japaratuba, uma cidade relativamente pequena com cerca de 18 mil habitantes, pude notar que a violência foi um fator em bastante destaque, segundo moradores a cidade tem tido frequentemente episódios de violência, principalmente em dias de festa. Já no primeiro dia do festejo, em conversa com um folião de nome Walasy de 28 anos, o mesmo destacou a necessidade de voltar pra casa em grupos devidos a alguns episódios de roubos que poderiam ocorrer e destacou como estava sendo a segurança da festa: “aquí a segurança tá boa, se brincar tem mais policiais do que gente, o problema é ir pra casa que a gente não se sente seguro, mas também quando a festa acaba a polícia fica fazendo ronda”, disse Walasy. Logo, poderemos entender que a segurança é um elemento fundamental para a realização da festa e conseqüentemente o seu sucesso, pois sem ela os foliões se sentem mais vulneráveis e muitas vezes acabam deixando de frequentá-las.

Outra preocupação para quem está à frente de uma organização festiva, diz respeito à saúde dos brincantes. Portanto, outro fator de suma importância para a realização da festa é a disposição de unidade de saúde móvel que geralmente é composta com médica(o), enfermeira(o), técnica(o) em enfermagem e motorista que são definidos no momento da organização prévia. A festa é um ambiente em que a bebedeira sempre fala mais alto e muitas vezes alguém passa mal e precisa ter atendimento médico. Além disso, ocorrências como algum acidente ou envolvimento

em brigas também podem fomentar a necessidade por esse tipo de atendimento no ambiente festivo.

O conselho tutelar é o órgão encarregado de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, mas o que tem esse órgão a ver com a realização de uma festa? A resposta é simples: as crianças também frequentam os espaços festivos, acompanhadas de um responsável ou não. Em regra, é muito importante a presença desse órgão na festa, pois o mesmo deve coibir toda e qualquer tentativa de venda de bebidas alcoólicas a um menor, bem como o uso de drogas ilícitas, fato que nos últimos tempos têm sido bastante frequente o uso de drogas nesses espaços e, principalmente por menores, disse um informante. Entretanto, apesar da suma importância de membros do conselho tutelar nas festas, não há a obrigatoriedade e muitas vezes os menores frequentam-na sem que haja alguma fiscalização.

A escolha das atrações que conduzirão a festa é outro fator que compõe a sua parte burocrática. A gestão responsável por sua realização apesar de desejar contratar atrações de nível nacional que agradem os brincantes, às vezes não consegue, pois o seu contrato está diretamente relacionada à questão financeira, desse modo, há gestores que conseguem patrocínio e admitem atrações que caem no gosto dos foliões e há os que não conseguem. Portanto, as atrações exercem um papel fundamental para o sucesso do festejo, pois, principalmente, é a partir delas que o público é atraído para o evento.

Pareceu-me que em Japarutuba, a grandiosidade da festa, frequentemente citada, é mantida, geralmente, pelas atrações musicais. Se a prefeitura contratar bandas que caiam bem no gosto da população a festa será boa, caso contrário não. Esse fato foi verificado a partir da fala tanto das “cabaceiras” que enalteciam o festejo citando os “arrastões”, como de Giovanna cabaceira do município de Capela há cerca de dez anos: “vai ter arrastão dois dias esse ano e as bandas são boas, o povo vem em peso, é quando a gente mais vende as cabacinhas”, quanto de foliões, a exemplo de uma brincante de condinome “Cuca”, quando disse: “você viu as bandas? Tudo boa! Eu já vou com duas latinhas pra animar, sempre vai eu e minha irmã pro arrastão, chega em casa toma banho e vai pra festa (*shows*) e fica até umas 6 da manhã, depois descansa um pouquinho e de tarde vai de novo, né não Paula?” Referindo-se a sua irmã que estava ao lado. Nesse sentido, é possível compreender a fala do secretário de cultura quando o mesmo sugeriu que a prefeitura não tinha recursos próprios para arcar com um festejo de grande proporção como a festa das cabacinhas e por isso a necessidade da mudança da data da festa.

No entanto, embora as bandas contratadas tenham sido consideradas boas pelos foliões e trabalhadores, sejam ambulantes ou produtores e produtoras de cabacinhas, o fato da mudança na data, de fato, contribuiu para que o festejo tenha sido considerado por essas pessoas não tão grandioso como em outras edições. A todo momento, brincantes e trabalhadores comentavam sobre a redução de foliões nessa edição da festa e que, conseqüentemente, acarretaria pouco sucesso nas vendas. Apesar das “cabaceiras” serem esperançosas e acreditarem no momento dos arrastões, venderiam tudo e voltariam para casa satisfeitas.

A estrutura montada para que aconteçam os shows, isto é, os palcos também é parte importante dos aspectos burocráticos e da organização prévia dos festejos. Geralmente, os palcos estão relacionados à grandiosidade do festejo, portanto quanto maior a dimensão da festa (em termos de atrativos musicais) maiores e mais “pomposos” serão os palcos. Somado a essa estrutura há a disposição dos camarotes, espaços com uma localização privilegiada do festejo aos quais apenas terão acesso o gestor ou gestora municipal e seus agregados: familiares, amigos, secretariado, entre outros. Os camarotes, aspecto costumeiro em festas privadas, tornaram-se muito comuns em festas públicas e, além do espaço privilegiado, geralmente oferecem bebida e comida grátis. O contrato dos palcos e camarotes é feito através de empresas terceirizadas e deve ser feito com cautela e responsabilidade, pois os mesmos têm que ser seguros e não oferecer riscos aos que vão estar presentes. Além dos palcos e camarotes, outro item que compõe essa estrutura são os banheiros químicos, estes também são contratados com empresas terceirizadas e são colocados em ruas paralelas ao espaço do evento, geralmente próximas, mas não dentro para o odor não incomodar os foliões.

A partir da retórica dos agentes participativos e colaborativos para a realização do festejo, fica notória a fundamental importância do poder público enquanto fomentador da cultura e principal responsável pela realização e manutenção de um festejo que é mais que secular, isto é, possui mais de um século de existência, esse fato torna-se evidência a partir das narrativas dos moradores mais velhos e também dos mais jovens curiosos acerca do festejo. Por exemplo, Franciele de 36 anos contou que a sua avó de 104 anos brincava com as cabacinhas quando criança, esta relatava que a sua mãe fazia cabacinhas em sua juventude. Assim, é fundamental entender como o festejo se estrutura, desde a sua prévia organização até a sua efetivação e que os fatores citados

como parte de um processo burocrático serve, sobretudo, para atender a uma demanda que, além de social é, principalmente, política.

II. 2- AS CABACINHAS



Figura 5. **Cabacinha.** Fonte: Arquivo Pessoal.

Cabacinha: “artefato feito de cera e cheio d’água que é jogado nas pessoas para molhar quando estas passam” (Cabral, 2007, p. 442). Está presente nos festejos em alusão ao dia de Reis há muito tempo, não se sabe a precisão, pois a sua existência remonta a um tempo em que está para além das memórias dos moradores onde os festejos acontecem. Estes se referem às cabacinhas como um objeto de mais de um século e quando questionados sobre como eles têm tanta certeza disso, a resposta é sugerida a partir de uma relação comparativa com a idade de pessoas mais velhas, seja de avó ou bisavó de alguém que relatava no seio familiar a existência das cabacinhas já em sua infância. O seu nome se dá em virtude à forma utilizada no seu fabrico ser proveniente de uma cabaça ou cumbuca, fruto facilmente encontrado na região. Entretanto, de acordo com D. Rosália de 82 anos, o modo de confeccioná-las a partir da cabaça não é tão antigo quanto a sua existência. Antes das cumbucas elas eram feitas com maracujá ou outras formas e talvez por isso este artefato já possuiu outras denominações como limão-de-cheiro, por exemplo. De acordo com essa antiga cabaceira de Japarutuba, o artefato já foi produzido de várias formas e a mesma foi a responsável por introduzir a nova forma de fazê-lo, segundo D. Rosália.

“É diferente de quando comecei, quando comecei a gente fazia duas tampa pra depois colar uma na outra, depois de colada furava do lado pra poder colocar água dentro. Depois foi que eu tinha uma tia em Carmópolis, fui pra casa dela e lá morava um marceneiro de frente a casa dela aí eu vi ele com um pedacinho de pau redondinho riscado como que ia fazer um pescoço e eu perguntei o que era aquilo ele disse: uma forma de cabacinha que uma pessoa mandou que eu fizesse um jeito de fazer uma forma pra cabacinha sair inteira não ter que colar as duas bandas. Aí ele fez no pau, eu passei oito dias lá cavando e cortando a madeira, ele foi tirando devagarzinho, devagarzinho, fez o buraco, fez o pescoço depois ele lixou. Só que ela pesa muito na mão porque de madeira, né? Molhada pra pessoa passar o dia todinho fazendo com ela, de tarde a mão tava bem dolorida. Foi quando eu tive a ideia de fazer com a própria cabaça e deu certo, comecei a fazer e todo mundo depois também” (D. Rosália, dezembro de 2018).

Há vários tipos de cabacinhas, figura 6, pequenas, médias e grandes, finas e grossas. Chamo atenção para essas características, pois elas dizem muito sobre o seu uso, função e/ou objetivo, pois quanto maior e mais grossa for a cabacinha, mais dor ela causa. As produtoras do artefato fazem de todos os tamanhos, entretanto há uma ressalva: as cabacinhas grandes apenas são produzidas sob encomenda.



Figura 6. **Tipos de cabacinhas.** Fonte: arquivo pessoal.

De acordo com uma produtora local, geralmente quem compra as grandes são visitantes que desejam levar de lembrança ou a prefeitura para alguma exposição ou presentear alguém. Quanto a espessura, as produtoras fazem de modo que não cause muita dor, mas também que não quebre com tanta facilidade, pois elas começam a ser

produzidas e armazenadas cerca de três meses antes do festejo. Porém, há, de fato, a presença de cabacinhas muitas grossas que ao atingir a pele do brincante causam hematomas, mas essas são feitas pelos brincantes.

A festa que leva o nome do artefato se materializou no espaço/tempo de modo que propiciou a visibilidade das cabacinhas no cenário estadual a ponto de se configurarem enquanto patrimônio cultural. Segundo Silva (2016),

“O artigo 216 da Constituição Federal de 1988 aponta para um conceito de patrimônio cultural como os bens de natureza material e imaterial portadores de referência à identidade e à memória dos distintos grupos sociais que compõem a sociedade brasileira. Essa definição jurídica de patrimônio possibilita salvaguardar as motivações identitárias, históricas e culturais que levam os diversos coletivos de pessoas a agir em prol da defesa, valorização e promoção de bens culturais que se sobressaem como signos portadores de significados representativos de tempos, fatos, personagens, lugares, saberes, técnicas e artefatos. Por isso, como um tipo de atributo coletivo, o patrimônio cultural torna-se um elemento central na construção identitária e, simultaneamente, é a própria materialização da identidade de um grupo/sociedade que pode se tornar objeto de políticas culturais” (SILVA, 2016, p. 223).

A partir do exposto, fica evidente que as cabacinhas são parte da identidade da população de Japarutuba. Embora elas façam parte da vida dos japatubenses há mais de um século, somente em 2014, a partir da intensificação da política de patrimonialização no Brasil, sobretudo a partir do ano 2000, as cabacinhas “de Japarutuba”⁷ se tornaram patrimônio cultural imemorial de Sergipe. O projeto de lei foi de autoria da deputada estadual Ana Lúcia. Segue abaixo parte do texto do projeto de lei, retirado do site da deputada citada.

“Um dos Projetos de Lei aprovados (116/2014), torna as cabacinhas patrimônio cultural imemorial de Sergipe. “Devido à importância histórico-cultural das cabacinhas de Japarutuba, entendemos que transformá-las em Patrimônio Imemorial do Estado de Sergipe é uma justa homenagem a esta manifestação da cultura popular, que há muitos anos une e encanta gerações”, explicou a deputada estadual Ana Lúcia.

A partir da aprovação do PL 116/2015, o Poder Público terá o dever de incentivar e divulgar a produção da cabacinha, bem como a Festa da Cabacinha de Japarutuba com vistas a fortalecer a cultura popular sergipana. O Estado deverá ainda promover ações e propagandas que

⁷ Utilizo as aspas porque as cabacinhas presentes no estado de Sergipe não se limitam ao município de Japarutuba, entretanto, é preciso considerar que é nesse município onde elas estão em maior intensidade.

demonstrem as cabacinhas de Japarutuba e incentivando o Turismo de nosso Estado” (Ana Lúcia, 2014).

Além de Japarutuba, recentemente foi submetido e aprovado, por unanimidade, na Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, o Projeto de Lei nº 145/201 de autoria do deputado estadual Luciano Pimentel, o qual visava transformar a Festa das Cabacinhas de Siriri em Patrimônio Cultural de Sergipe, sendo, portanto, inserida no calendário festivo do Estado. O projeto foi sancionado pelo governador Belivaldo Chagas no dia 11 de outubro de 2019 e aos 14 do mesmo mês foi publicada a lei nº 8.583, a saber:

“Institui a “Festa de Santos Reis”, do Município de Siriri, Patrimônio Cultural do Estado de Sergipe, e dá providências correlatas.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE,

Faço saber que a Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe aprovou e que eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica a “Festa de Santos Reis”, do Município de Siriri, instituída Patrimônio Cultural de Sergipe.

Art. 2º A “Festa de Santos Reis”, do Município de Siriri fica inserida no Calendário Oficial de Eventos do Estado de Sergipe.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação” (Diário Oficial de Sergipe, 14 de outubro de 2019).

Nota-se a importância das cabacinhas não apenas como representatividade de uma identidade e/ou fomento de cultura local, mas também estadual, isto é, a festa das cabacinhas de Japarutuba tornou-se referência em todo o estado de Sergipe, sobretudo, por se figurar numa expressão popular que engloba todas as camadas da sociedade.

É importante observar que durante os processos de patrimonialização das cabacinhas não houve interferência do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) criado em 1937, durante o governo de Getúlio Vargas, e responsável não apenas pela proteção como também pela promoção dos bens culturais do Brasil. De acordo com Lia Calabre,

“As decisões e políticas em torno do patrimônio cultural dizem respeito ao conjunto dos atores, ou seja, ao poder público e à sociedade civil. As ações podem ser trabalhadas a partir de diversos tipos de ação, que vão desde a plena manutenção pelo poder público com acesso livre e gratuito, à formação de parcerias entre sociedade civil, empresariado e poder público, ou estímulo por parte deste para ações da sociedade, estratégias de investimento por parte de órgãos públicos ou privados[...]” (CALABRE, p.166)

Desse modo, essa festa popular tornou-se Patrimônio Cultural de Sergipe através de medidas legislativas, colocando em evidência a atuação do estado enquanto fomentador da cultura sergipana.

II.3- CABACINHAS: A MATÉRIA-PRIMA



Figura 7. **Matéria-prima das Cabacinhas.** Fonte: arquivo pessoal.

Como vimos, a cabacinha é um objeto feito de cera e/ou parafina, esta é colocada no fogo para derreter, após derretida coloca-se o líquido na forma e a mergulha em água fria para que esfrie e, conseqüentemente, endureça. Após esse procedimento a cabacinha está quase pronta, é só enchê-la com água e tampá-la com o auxílio de um pincel e a cera/parafina derretida, mas de onde vem essa matéria-prima?

Em conversa com algumas cabaceiras pude notar que as mesmas adquirem das mais variadas formas possíveis, algumas delas afirmaram que compram a parafina em uma fábrica na capital sergipana, entretanto, grande parte delas, talvez a maioria, afirmou que as ceras que utilizam na fabricação do artefato são provenientes de cemitérios. Estes são um recinto onde há uma considerável concentração de cera

advinda das velas que as pessoas colocam em homenagem aos seus entes que já partiram, sobretudo, após o dia de finados que é comemorado aos dois de novembro, pouco tempo antes da realização da festa das cabacinhas. Bem, sempre frequentei a cidade de Santa Rosa de Lima por ter familiares lá e sempre para mim foi curioso o fato de o cemitério, figura 8, dessa cidade ser mais frequentado à noite durante o dia de finados, as poucas pessoas que frequentam durante o dia são as que não moram mais na cidade e vão apenas para visitar o túmulo de alguém, porém os habitantes preferem ir à noite. No dia de finados do ano de 2018 tive a oportunidade de visitar o cemitério e observar a sua dinâmica, bem como o comportamento das pessoas, além de conversar com algumas delas.



Figura 8. Cemitério de Santa Rosa de Lima no dia de finados 2018. Fonte: arquivo pessoal.

Uma senhora de, aproximadamente, sessenta anos tentava acender algumas velas pra sua mãe, mas não estava obtendo sucesso porque estava ventando muito, me ofereci para ajudá-la e, após muitas tentativas, conseguimos acendê-las, mas ela não foi embora ficou por ali até todas as velas serem queimadas quase por completo. Enquanto ela

velava as velas, (é até irônico, mas é o fato), conversávamos. Então perguntei o porquê de aquelas pessoas estarem frequentando o cemitério naquele horário, ela me respondeu que as pessoas preferiam ir à noite porque é mais fresco. De dia é muito quente e elas não aguentam passar muito tempo no cemitério porque se forem embora cedo “os moleques carregam as velas”. Essa resposta acabou respondendo uma possível segunda pergunta minha que seria: por que tinham que esperar as velas queimar para irem embora? Esses “moleques”, segundo ela, roubam as velas das catacumbas para fazer cabacinhas durante a festa. Achei as respostas a mim dadas, no mínimo, irreverentes. Saí dali achando que esse fato fosse exclusividade de Santa Rosa e com alguns questionamentos: quem são esses moleques? Quais fins, de fato, eles dão pra aquelas velas? Eles produzem cabacinhas para si mesmos ou para vender? Será que eles comercializam as velas queimadas? Obviamente, essa senhora não pôde responder tais perguntas.

Voltando para as cabaceiras de/em Japarutuba, ao comentarem que adquiram ceras de cemitério, recordei-me do que havia observado em Santa Rosa. Aquele fato também era verificado em outros municípios e, de acordo com algumas cabaceiras, algumas compram dos próprios cuidadores dos cemitérios. Elas me relataram que compram ceras (velas derretidas) nos cemitérios de vários municípios depois do dia de finados, às vezes do próprio cuidador do cemitério e, às vezes, de crianças que “se aventuram” para recolher o material e vender posteriormente.

Giovana, cabaceira de Capela, afirmou que compra vela queimada dos cemitérios de várias cidades do estado de Sergipe, a exemplo de Malhador, Moita Bonita e também da cidade de Divina Pastora, após uma grande peregrinação que há no mês de outubro e que atrai gente de todo o estado. Em conversa com D. Celuta, cabaceira de Japarutuba e uma das minhas interlocutoras, a mesma compra parte da parafina na fábrica em Aracaju e outra parte com “os meninos” porque era mais em conta, já que “a gente tem que comprar carvão, aqui tudo é comprado”. Quando questionada sobre quem eram esses meninos, ela respondeu: “Os meninos pegam a parafina no cemitério no dia da missa, no dia de finados somente. Eles já pegam escondido, né? Porque o cuidador não deixa. E vende. Aquele que é mais esperto enche um saco”, disse D. Celuta.

Alguns cemitérios citados foram do próprio estado de Sergipe, mas também há quem vá comprar nos estados da Bahia e Alagoas, a exemplo de D. Maria que compra vela derretida nos municípios de São Sebastião e Arapiraca deste último estado. “Eu

tenho uma filha que mora em São Sebastião e quando eu vou lá compro as velas e já trago, lavo e guardo para fazer as cabacinhas na festa”, disse D. Maria. Além dos estados circunvizinhos, há cabaceiras que buscam a sua matéria-prima também em Juazeiro do Norte, no Ceará durante o período da romaria em alusão ao Pe. Cícero. Quando questionadas se valeria à pena ir tão longe em busca da parafina, uma delas me respondeu que elas não vão necessariamente; compram de quem vai participar das romarias e trazem os sacos cheios de cera para vender. A partir dessas narrativas, observamos que além dos cemitérios, as cabaceiras também compram as velas derretidas provindas de peregrinações como a de Divina Pastora, Nossa Senhora Aparecida no estado de Sergipe e até da romaria de Padre Cícero, em Juazeiro do Norte.

A dualidade que há entre o “puro” e o “impuro” presente na formação da cabacinha me lembrou as discussões de Mary Douglas *“Pureza e Perigo”* (1966), acerca das noções de impureza e higiene. Ora, o cemitério é um local onde enterram-se os mortos. Estes entrarão em decomposição e, portanto, foi-nos orientado a compreender que esse ambiente é impuro. Em contrapartida, as peregrinações são algo do sagrado, logo

Quer sejam observadas com rigor, quer violadas, não há nada nas nossas regras de pureza que sugira uma relação entre o impuro e o sagrado [...] o sagrado e o impuro são pólos opostos. Não podemos confundir-los, como não poderíamos confundir a fome com a saciedade, o sono com a vigília... (Douglas, 1966, p. 10).

De fato, pureza e impureza são duas coisas opostas, entretanto, são categorias passíveis de refutação, uma vez que podem ser relativizadas. Por exemplo, um alicate de unha não é impuro em si, mas não pode ser se colocado sobre a mesa de jantar.

As conversas que tive com as cabaceiras não apenas confirmaram a proveniência da matéria-prima com a qual as cabacinhas são feitas como também colocaram em evidência a função mercadológica e/ou comercial que há envolvida em um segmento da festa das cabacinhas; tanto a partir da própria comercialização do artefato, quanto da cera para o seu fabrico e ainda de todo o aparato de alimentos, bebidas, dentre outros que envolvem a efetivação da festa.

Essa função mercadológica presente no fabrico das cabacinhas envolvem um outro fator bastante interessante a se pensar: o movimento geográfico e socioespacial da sua matéria-prima, realizado através de pessoas que têm um perfil social preestabelecido e além disso, que dinamiza um comércio que talvez nem achávamos que existisse.

II. 4- AS CABACEIRAS⁸



Figura 9. Cabaceiras. Fonte: Arquivo Pessoal.

Antes de iniciar a discussão acerca das cabaceiras propriamente ditas, faço uma singela introdução sobre a divisão social do trabalho nas sociedades, que será de grande valia para a compreensão do trabalho realizado pelas produtoras das cabacinhas. Essa divisão diz respeito a como o trabalho é socialmente organizado. Este é um tema de grande relevância nas pesquisas sociológicas, sobretudo a partir dos estudos de Karl Marx e Émile Durkheim, dois sociólogos de grande influência acerca do tema. Embora esses clássicos trabalhem a mesma temática, suas abordagens são diferentes. Enquanto em Marx a divisão do trabalho está vinculada à maneira pela qual os indivíduos estão associados ao processo de produção, isto é, às classes sociais, em Durkheim (1999) “divisão do trabalho é, pois, um resultado da luta pela vida, mas é um seu desenlace

⁸ Me refiro às cabaceiras com relação ao gênero feminino devido às mulheres serem, de fato, as protagonistas, no entanto também havia homens, crianças e adolescentes de ambos os sexos. Famílias inteiras pai, mãe, filhos e filhas, netos e até bisnetos que saem de seus lares em busca de uma renda extra durante o período das festas das cabacinhas.

atenuado” (p. 268), e está ligada à maneira pela qual os indivíduos dependem do trabalho uns dos outros em sociedade, o que ele chama de solidariedade social.

Segundo Durkheim, a solidariedade social se divide em duas: a solidariedade mecânica, verificada em sociedades simples, onde a função executada pela divisão do trabalho é pouco especializada, e a solidariedade orgânica que se verifica em sociedades mais complexas, onde a especialização é mais intensa. Cada indivíduo cumpre uma função muito específica, na qual uma parte se integra a outra, como que em um quebra cabeça.

A partir do discurso de Durkheim, podemos admitir que a divisão social do trabalho está diretamente relacionada às formas de especializações, isto é, são as maneiras pelas quais o trabalho humano é diferenciado levando em consideração, por exemplo, a cor, a idade, o gênero, a sexualidade, entre outros. Este último quesito é o que mais nos interessa nesse trabalho, pois, historicamente, houve uma divisão sexual do trabalho a qual para Hirata (2007), “[...] é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos” (p. 599). Essa divisão coloca o homem em uma condição de superioridade à mulher, isto é, há nas sociedades uma determinação na divisão das funções trabalhistas entre homens e mulheres, estas sendo subordinadas daqueles, ficavam com as atividades domésticas e/ou menos produtivas, por exemplo, como sugere Viveiros de Castro (1992),

[...] a relação entre divisão social e sexual do trabalho, em alguns casos, parou no reconhecimento de dicotomias, tais como trabalho doméstico, trabalho repetitivo, trabalho que requer presteza manual e trabalho exercido no âmbito da casa como trabalho de mulher, contrapondo-se a trabalho público, qualificado e melhor remunerado como trabalho de homem (VIVEIROS DE CASTRO, 1992, p. 85).

Ainda que, de acordo com as suas lutas por direitos, as mulheres tenham ganhado mais espaço no cenário trabalhista, no geral, elas mantêm uma relação de inferioridade à do trabalho dito do homem. Hirata (2007) considera a existência de dois princípios atrelados à divisão sexual do trabalho: um hierárquico que estabelece a diferença de valores entre o trabalho masculino em detrimento do feminino e, um de separação que determina os trabalhos dos homens e os das mulheres.

Diante do contexto, chamo atenção para a importância do trabalho realizado pelas produtoras das cabacinhas para a concretização do festejo aqui abordado, pois sem

elas não haveria essa “brincadeira”. Inclusive, Muitas delas têm consciência da importância do seu papel, como afirmou uma delas: “somos nós, as cabaceiras quem sustenta a festa, se não fosse a gente não tinha festa das cabacinhas”. Já Márcia, cabaceira de São Francisco, afirmou que “gostaria que tivessem mais reconhecimento das pessoas, se não tiver “cabacinheira” acaba o brilho da festa, a gente faz parte da festa”.

Em Japarutuba ainda há algumas cabaceiras, com as quais tive contato durante minha estadia na cidade, são senhoras que trabalham na produção das cabacinhas há cerca de 30 anos e, segundo elas, fazem porque gostam, pois o retorno financeiro é irrisório, visto que gastam com a compra da cera, carvão e às vezes com transporte para comprar o material, no entanto é uma forma de ganhar um dinheiro extra. Assim disse D. Celuta, 68 anos e produtora de cabacinhas há mais de 30 anos:

“como minha filha diz, a mais velha: a gente vende a cabacinha pra diversão da festa e não faz pra comer, a gente faz por amor [...] tem mais de 30 anos que trabalho com as cabacinhas, é um dinheiro extra que não dá pra a gente fazer o que a gente quer, mas já dá pra um pão, um açúcar quando falta, isso já é algo pra quem não tem, minha irmã”
(D. Celuta, dezembro de 2018)

A produção começa no mês de setembro quando já tem esse festejo em um povoado do município de Japarutuba e se estende até março quando também há o festejo em outros povoados. Na cidade as vendas iniciam no mês de dezembro, sendo que a clientela se resume a crianças que compram as cabacinhas e ficam escondidas nas ruas à espreita, aguardando um alvo. As vendas acontecem em suas casas mesmo, D. Celuta, afirmou: “o povo já sabe que a gente vende e vem comprar aqui, quando era mais nova ia vender na rua, mas depois da velhice não dá mais”.

Além das cabaceiras de Japarutuba, tive contato com várias outras dos municípios de Cumbe, Aquidabã, Capela, São Francisco, localizados nas regiões do médio sertão, leste e baixo São Francisco sergipano, respectivamente (Figura 2). Essas mulheres saem de suas cidades juntamente com parte de sua família para vender cabacinhas tanto em Japarutuba quanto em outros municípios sergipanos onde também há o festejo. Elas chegam à cidade na semana da festa, cerca de 3 ou 4 dias antes do festejo, por exemplo, se a festa tiver início em uma sexta-feira, elas provavelmente chegarão na terça-feira, se alojam em praças onde montam barracas com lonas para se

“hospedarem” durante esses dias. Segundo elas, em alguns municípios os gestores cedem espaço, a exemplo de escolas.

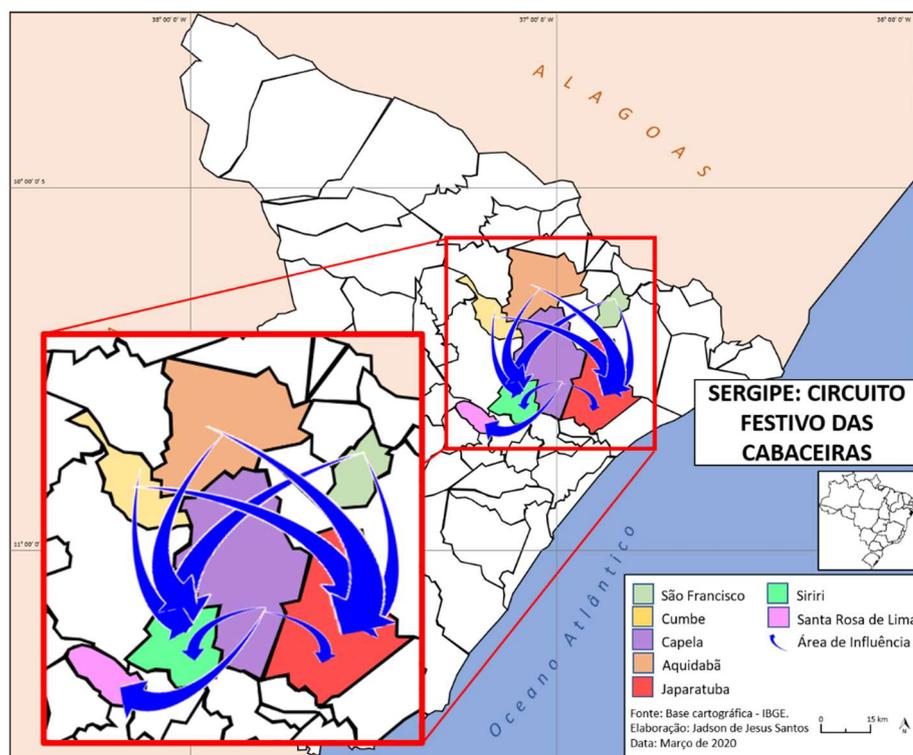


Figura 10. Circuito Festivo das Cabaceiras. Fonte: Base cartográfica – IBGE.

Em Japarutuba, relataram que em anos anteriores a prefeitura local montava tendas e disponibilizava banheiros químicos para dar suporte às produtoras, fato que não foi verificado na última edição de 2019. Essa foi, inclusive, uma das maiores dificuldades das produtoras, pois a praça que frequentemente ficavam estava em reforma, algumas árvores haviam sido retiradas e apesar de a prefeitura ter cedido uma escola da rede municipal, a maioria delas de um total de, cerca de 20⁹, preferiu ficar na praça, pois disseram que a escola era distante da festa e pra vender seria mais difícil. Mesmo com a praça em reforma, elas montaram suas barracas, acenderam um fogão improvisado tanto para cozinhar os alimentos das suas refeições quanto para fazerem as cabacinhas durante todo o dia e se estendendo até a noite. Para elas não tinha horário de parar, paravam a produção quando, de fato, já estavam muito cansadas, algumas viravam a noite. Na edição de 2020, ou seja, na última por mim acompanhada, as cabaceiras se alojaram no clube social da cidade que estava em reforma. As cabaceiras

⁹ Chamo atenção para o fato de que especifico a quantidade de cabaceiras que conversei, entretanto havia também junto a elas, seus acompanhantes.

com as quais tive contato afirmaram que estavam melhor alojadas do que no ano anterior porque não estavam expostas ao sol e havia a disponibilidade de água, no entanto os banheiros estavam em péssimas condições de uso.

Apesar de as cabaceiras serem residentes em regiões circunvizinhas aos festejos, há uma distância considerável do foco dos acontecimentos festivos, o que acaba sendo dispendioso para essas artesãs, se posso chamá-las assim, pois além do gasto com os materiais, tem também o gasto com transporte. Uma cabaceira afirmou que para ter lucro tem que fazer muita cabacinha e não ficar parada, ir vender onde os brincantes estão. Outras relataram que alguns gestores dos municípios onde residem, às vezes ofertam o transporte, que é feito por meio de caçambas ou caminhões, para levá-las e buscá-las, mas uma parte delas paga o frete. Quando questionei se valeria à pena, no sentido de retorno financeiro, elas disseram que dependia da festa “uma festa como Japaratuba, Siriri vale porque a gente vende muito. Teve festa aqui que cheguei a vender 15000 cabacinhas”, disse Giovanna. Se por um lado elas gastam com comida, carvão, transporte, por outro, economizam, pois a cera que elas utilizam – é adquirida em cemitérios, igrejas, a um preço bem menor do que se fosse provinda da fábrica, por exemplo.

Apesar de todo o gasto e dificuldades para se manterem no local do festejo, as cabaceiras veem sua atividade como algo muito positivo. Algumas, além de irem para trabalhar também vão se divertir, a exemplo de Edilene, 37 anos, que disse: “as mais velhas não, mas as mais novas vão se divertir também, ninguém é de ferro. Nós é cabaceira traz a alegria para o povo, mas nós é turista também”. No geral, afirmaram que antes de tudo que, tem que gostar de fazer cabacinhas porque aquele é um trabalho muito árduo. A cabaceira Rose fez questão de enfatizar que o seu trabalho não é fácil:

“Imagine você sair do conforto da sua casa, por mais simples que seja, pra se alojar numa praça como essa em baixo do sol quente que até as árvores que tinham não tem mais, pra comer aqui, beber água aqui, banheiro tem que pedir ou no bar ou na casa de alguém e trabalhar aqui. É pesado. Só vem mesmo quem gosta. Eu gosto porque é uma coisa diferente, aqui a gente trabalha muito, mas se diverte também” (Rose, dezembro de 2018).

Rose tem 43 anos, é cuidadora de idosos em Aracaju, estava de férias e aproveitou para ir pra Japaratuba com sua filha, genro e neto vender cabacinhas.

Muitas são as famílias que saem de suas casas para percorrerem um roteiro festivo anualmente em busca de uma renda extra. Grande parte faz planos do que vão

fazer com a renda adquirida no festejo durante o ano. Márcia que é cabeleireira em São Francisco, disse: “eu mesma quando chega esse período já sei o que vou fazer com o dinheiro. Às vezes é um sofá que a pessoa tá precisando, um fogão, o dinheiro das vendas das cabacinhas já ajuda”. Outra afirmou que o dinheiro seria para comprar o material escolar dos filhos e de um netinho. Bem, a profissão “cabaceiras” como elas próprias se denominam, é sazonal que acontece durante um curto período do ano. Conversando com elas sobre o que fazem durante todos os meses restantes do ano, as respostas foram as mais variadas possíveis. Havia bordadeiras, domésticas, diarista, cabeleireira, cuidadora de idosos, mas a predominância foi trabalhadora rural, maioria delas trabalham na roça, mantêm um estilo de vida árduo durante todo o ano e, talvez por isso, não sintam tanto o peso das dificuldades de se trabalhar com as cabacinhas.

Durante as conversas com as cabaceiras foi verificado que o grau de instrução da maioria delas é muito baixo, sobretudo das mais velhas, as trabalhadoras rurais. São poucas as que chegaram a concluir o ensino médio. Embora tenham pouco grau de instrução, muitas estão ali para contribuírem com a educação dos seus filhos ou netos. D. Virgínia, por exemplo, disse que o dinheiro adquirido com as vendas das cabacinhas seria para comprar o restante do material escolar do neto e ajudar a filha a pagar a mensalidade da sua faculdade. “Eu não tenho estudo, mas faço das tripas coração para ajudar a minha filha a se formar, ela tá estudando pra ser advogada” disse D. Virgínia que reside no município de Cumbe, situado no médio sertão sergipano. Das poucas cabaceiras que tinham ou estavam cursando o ensino médio, grande parte eram adolescentes que acompanhavam suas mães. Uma delas, de 17 anos estava retomando os estudos que havia abandonado quando engravidou há dois. Abaixo, uma tabela onde constam a profissão, idade e grau de instrução de algumas cabaceiras.

PROFISSÃO	IDADE	GRAU DE INSTRUÇÃO
Bordadeira	43 anos	Fundamental incompleto
Cabeleireira	36 anos	Ensino médio completo
Catadora	45 anos	Fundamental incompleto
Cuidadora	43 anos	Ensino médio completo

Doméstica	37 anos	Fundamental completo
Trabalhador Rural	62 anos	Fundamental completo
Trabalhadora Rural	62 anos	Fundamental incompleto
Trabalhadora Rural	60 anos	Fundamental incompleto
Trabalhadora Rural	59 anos	Fundamental incompleto
Trabalhadora Rural	54 anos	Fundamental incompleto
Trabalhadora Rural	52 anos	Fundamental incompleto
Trabalhadora Rural	46 anos	Fundamental incompleto
Trabalhadora Rural	24anos	Fundamental incompleto

Quadro 1. **Perfil das cabaceiras.** Fonte: Pesquisas de Campo.

A “profissão cabaceira”, no geral, é passada de geração a geração, mas há casos em que a cabaceira deu início a essa atividade a partir da sua participação nos festejos enquanto brincantes. Segundo elas, ao virem outras pessoas fazendo tiveram curiosidade, tentaram fazer, aprenderam e então começaram a fabricar e vender as cabacinhas, dando continuidade até a atualidade. Como dito, as cabaceiras raramente vão vender cabacinhas sozinhas, às vezes são famílias inteiras que se ajudam na produção, além de mães que levam filhos, filhas, esposos ou netos e netas, há também cabaceira que leva sobrinha, cunhada, prima, amiga que, muitas vezes, iniciam como ajudantes e depois acabam se inserindo nessa “profissão”. Sr. José, por exemplo, é cabaceiro do município de Capela, situado na região leste de Sergipe, começou acompanhando a esposa apenas como ajudante, mas após o falecimento da mesma ele continuou indo, agora não mais como ajudante, mas como produtor das cabacinhas.

As produtoras de cabacinhas de Japaratuba também não trabalham sozinhas. D. Celuta, por exemplo, afirmou que tem a ajuda das filhas, sobrinhas, “minhas filhas tudo faz, neto, bisneto. O pequenininho que tem 7 anos já faz”, disse ela. Segundo D. Celuta, a produção começa meses antes do festejo. Ela e as filhas vão fazendo aos poucos e armazenando as cabacinhas secas em bacias e tonéis. Dias antes de a festa dar início elas começam a enchê-las e tampá-las. Nos dias do festejo esse processo aumenta de ritmo e, às vezes, é necessário mais ajudantes. A renomada cabaceira japatubense afirmou que após a festa ela retira o dinheiro que foi gasto com o material e o restante é dividido pelos que trabalharam na produção e venda das cabacinhas.

Com exceção de Japaratuba, as gestões municipais onde há os festejos, não dão incentivo algum ou auxílio às cabaceiras. Nesse sentido, em Japaratuba, a prefeitura

distribui uma quantidade de parafina tanto à população quanto às cabaceiras como forma de incentivo, no entanto, na última edição da festa, a distribuição se deu uma semana antes e as “cabaceiras de fora” não puderam pegar. A prefeitura faz uma pré-inscrição de quem quer pegar a parafina alguns dias antes do festejo e, logo em seguida, faz a distribuição. Fato que algumas cabaceiras locais entendem como algo prejudicial às vendas, como uma afirmou: “às vezes o que prejudica a venda é a prefeitura que dá parafina ao povo, aí já não compra”. Entretanto outra fez uma ressalva: “mas também a parafina que a prefeitura dá é tão pouca que quando acaba eles vão comprar”.

De modo geral as cabaceiras reconhecem a importância da festa das cabacinhas tanto para a manutenção dessa expressão cultural quanto para movimentar a economia local, além de ser uma forma delas ganharem uma renda extra. A cabaceira Márcia, por exemplo, disse que aguarda o ano inteiro pelos festejos das cabacinhas. A preocupação com a manutenção dos costumes festivos ficou evidente nas falas das cabaceiras, algumas moradoras da cidade de São Francisco enfatizavam todo o tempo que “a tradição de São Francisco acabou”, pois lá também havia esse festejo que, de acordo com as cabaceiras deixou de acontecer há aproximadamente três anos em virtude da crise econômica, embora outra cabaceira tenha afirmado: “não tem mais porque o prefeito não gosta e coloca a culpa na crise”, disse Vânia.

Além do exposto, as cabaceiras também reconhecem a importância do seu papel para a manutenção do festejo e acreditam que as gestões municipais locais deveriam ter uma atenção maior para com elas, pois são elas quem dão o “brilho” que essa festa tem. “A gente vem e não tem lugar adequado, fica pra lá e pra cá sem saber onde ficar. A prefeitura deveria receber a gente melhor porque é a gente que anima a festa”, disse Bianca, cabaceira residente em São Francisco, situada no baixo São Francisco Sergipano.

As cabaceiras relataram que a maior dificuldade de trabalhar com as cabacinhas é o fato de saírem das suas casas para se alojarem em praças públicas, sem banheiro, água, geladeira para conservar seus alimentos e uma dormida digna, além do medo da violência por estarem ao relento, o que as deixam mais vulneráveis. “Aqui a gente se entrega nas mãos de Deus e pronto”, disse Giovanna, cabaceira residente no município de Capela. Já Edilene, cabaceira há 8 anos, afirmou: “acho que a prefeitura deveria ter mais respeito já que é tradição, deveriam se programar para receber as cabaceiras com a oferta de local certo”. De fato, ficou evidente a ausência dessa receptividade almejada pelas cabaceiras por parte do poder público local, embora sejam ofertadas escolas para

se alojarem, ficou perceptível que não é algo programado, organizado previamente, mas ações realizadas no momento. Ainda assim, em Japarutuba muitas delas preferiram estar na praça pois já haviam acampado e teriam mais trabalho em remover tudo do local. No entanto, no município de Siriri a gestão atual não permitiu que nenhuma delas ficassem na praça onde ocorrem as guerras das cabacinhas e é parte do percurso onde o arrastão passa e, portanto, foi solicitado que todas elas se “mudassem” para uma escola próxima à praça.

Um fator que as cabaceiras fizeram questão de destacar foi a receptividade da população local de modo geral, e definiram-na como um povo hospitaleiro, apesar de algumas pessoas se incomodarem por estarem em frente as suas casas. No entanto, “maioria recebe bem, deixa utilizar o banheiro, oferece banho, água para beber e fazer as cabacinhas, ajuda na hora da precisão”, disse a cabaceira Giovanna. “Um rapaz trouxe até comida e ofereceu a garagem de casa para a gente dormir”, disse D. Helena, cabaceira de Cumbe.



CAPÍTULO 3

COMPARAÇÃO FESTIVA

CAPÍTULO III – COMPARAÇÃO FESTIVA

Ao analisar um festejo que se dá em Japarutuba, mas que se desdobra entre outros municípios, ficou notória a necessidade de fazer uma análise comparativa em elas, embora esse não seja o foco deste trabalho.

A expansão geográfica da festa das cabacinhas proporciona a ideia de que se trata do mesmo festejo e, de fato, as festas que ocorrem nos municípios abordados por

essa pesquisa são muito semelhantes, principalmente pelo fato de a cabacinha ser a sua protagonista. Entretanto, apesar das semelhanças entre elas, há também muitas diferenças que as fazem serem ao mesmo tempo ímpares, únicas. Neste capítulo abordarei, a partir de uma análise comparativa, as diferenças e semelhanças dessa festividade em Japaratuba, Siriri e Santa Rosa de Lima.

III.1- AS CABACINHAS EM JAPARATUBA



Figura 11. Cartaz da Festa de Reis (cabacinhas) de Japaratuba. Fonte: Instagram da Prefeitura de Japaratuba

Não se sabe exatamente quando esse festejo teve início nem como, entretanto, Cabral (2007) filho de Japaratuba e escritor, afirma que a “brincadeira” é mais que secular e para assegurar a veracidade da afirmação, ele expõe uma matéria do jornal “O Estado de Sergipe”:

“O Estado de Sergipe” de 24 de dezembro de 1914, publicou um artigo do Japaratubense Hércules Campos, que recorda as brincadeiras de cabacinha em sua adolescência em Japaratuba, quando jogava “... no colo dessas morenas bonitas e ingênuas!” [Quantas cabacinhas quebrei no colo dessas morenas bonitas e ingênuas!] (CABRAL, 2007, p. 443).

Cabral (2007) acredita que a brincadeira tenha se originado na Europa, a partir do entrudo e tenha sido trazida para Japaratuba por algumas famílias italianas que viveram no município em meados do século XIX. Em sua dissertação, Thais Colaço

aborda tanto a origem do entrudo, destacando a festa em Portugal, quanto a sua chegada ao Brasil que segundo ela se intensificou com a chegada da família real. Destarte, a autora expõe:

“De acordo com o "Diario de Notícias", o entrudo se passava da seguinte forma: (...) eram cartuchos de goma a empoarem -lhe o cabelo, eram papelinhos picados, eram os doces fingidos, era a centopeia de cera espetada na parede e se o tolo caia, ou se deixava cair no engano eram surriadas, eram puxões, eram empurrões, que por menos ia dantes um pobre diabo figurar na folhinha ! (...) As raparigas, auxiliadas pelas criaditas, tornavam-se uns verdadeiros "diabretes". Depois, de janela em janela, estabelecia-se um tiroteio de laranjas e de cascas de ovos com gesso, que chegava a rua a tornar-se intransitável "Sob pena de ficarem os transeuntes com um olho a menos". As cabacinhas de cera pintada com água- de- cheiro, as seringas de cana a esguicharem líquido sobre quem tinha a infelicidade de ser pilhado como vítima, as mãos cheias de tremoços arremessados a cara e quando faltava o tremoço, eram os feijões: e quando se acabava o feijão, era o grão; e quando se acabava o grão ia mesmo a alcofa que o continha (...) Eram pós de sapatos com claras de ovos, era grude com que lhe besuntavam as mãos, era no fim de tudo um pote velho de barro, que lhe deixava cair aos pés no meio da rua, lá do alto da janela, quando o infeliz ia a sair da porta; às vezes o projétil errava o caminho e acertava-lhe na cabeça (...) mas a intenção havia sido divertida, e por se não ter pontaria infalível não se ficava proibida de brincar (...)" (COLAÇO, 1988, p. 10).

A partir do noticiário acima percebe-se que, de fato, as cabacinhas existem no Brasil há muito tempo, bem como se dava o festejo que se ressignificou, materializou-se e se perpetuou ao longo do tempo, tornando-se parte da identidade, das raízes do povo japatubense.

Japatuba foi a primeira cidade que tive contato quando fui a campo. Antes deste havia ido lá uma única vez, quando tive a oportunidade de entrevistar o secretário de cultura e uma fabricante de cabacinha, D. Celuta ou Lupita, como gosta de ser chamada. Ainda quando estava chegando na cidade, no dia 19 de dezembro, ao passar pela praça de eventos o motorista do micro-ônibus disse “a cidade já está se arrumando para a festa, próxima semana o bicho pega”. Pela expressão, o que pude notar foi que esse é um festejo que, de fato, é aguardado com muita ansiedade tanto para os moradores quanto pelos visitantes. Porém, o fato é que durante os próximos três dias, de 20 a 23 de dezembro haveria na cidade o “Encontro Cultural Senhor dos Labirintos”, uma homenagem a Arthur Bispo do Rosário, artista plástico natural desse município. O que chamou a minha atenção foi o fato de esse ser um evento com considerável grandiosidade, o qual movimentaria a cidade por quatro dias, mas que, aparentemente,

parte da população não tinha conhecimento sobre o que, de fato, significava esse festival. Fiquei na cidade na semana que aconteceu o encontro cultural e pude observar como as pessoas se comportavam com relação às festividades que aconteceram no município.

Após fazer o *check-in* na pousada, saí para procurar um restaurante para almoçar e aproveitar para conhecer melhor a cidade, quando estava me servindo em um restaurante *self-service* ouvi um diálogo entre uma funcionária do restaurante e um cliente. Este perguntava se o restaurante ia abrir durante o final de semana e ela respondeu: “Não, aí você já quer demais. Já vamos abrir na festa (fazendo referência à festa das cabacinhas que aconteceria um final de semana após o encontro cultural). Risos”. Fiquei questionando aquele pequeno e curioso diálogo, pois durante o final de semana em questão também a cidade estaria em festa. Uma festa cultural com várias apresentações folclóricas e, após estas, shows com atrações locais e estaduais. A partir desse diálogo, passei a questionar como a população local absorvia ambas as festividades e, conversando com algumas pessoas sobre o assunto, uma delas me disse: “A festa cultural, a de Arthur Bispo, não atrai muita gente, é mais apresentações folclóricas. O pessoal fica sentado para ver as apresentações, taieira, cacumbi e depois vai embora”. Fiquei então pensando quais os fatores que, de fato, atraem essas pessoas de modo que lotem as praças públicas e relacionem o evento a algo grandioso como acontece com a festa das cabacinhas. Seriam as próprias cabacinhas ou as bandas que fazem shows à noite?

Japarutuba conta com uma praça de eventos onde as festas são realizadas. Consideravelmente ampla, há espaço para os banheiros químicos, para a disposição de barracas de bebidas e comidas, além de carrinhos de pipoca, batata frita, cachorro quente, pizza, dois palcos e também de um pequeno parque destinado às crianças. O Encontro Cultural aconteceu em uma parte da praça de eventos que os moradores locais chamam de “concha”: um espaço composto de um palco e arquibancadas feitas em alvenaria; o formato do palco é de meia lua, onde foram feitas todas as apresentações e, é nesse mesmo espaço que são dispostos os banheiros químicos durante os dias da festa das cabacinhas. Do lado de fora da praça de eventos também são dispostas barracas de comidas e vários ambulantes com carrinhos de mão vendendo bebidas, estes não tinham permissão para venderem dentro da praça.

Toda a cidade se organiza para a festa das cabacinhas, desde a praça de eventos a outras praças públicas e ruas do município. Essa organização dá início

aproximadamente uma semana antes da festividade, quando a estrutura começa a ser montada e já durante a semana quando as cabaceiras chegam de outros municípios e se instalam em praças públicas, conforme já dito. Além disso, alguns dias anteriormente também acontece a entrega de parafina pela prefeitura municipal que faz um pré-cadastro das pessoas que desejam receber a parafina alguns dias antes, entretanto no momento da entrega não há esse controle, ou seja, quem for pegar recebe mesmo sem cadastro, obviamente se a parafina for suficiente.

Na edição 2019 a entrega foi feita dia 22 de dezembro de 2018, isto é, quando estava acontecendo o próprio Encontro Cultural Senhor dos Labirintos. Acompanhei a entrega que foi realizada pela prefeita do município, Lara Moura, juntamente com o secretário de cultura, Périclys Rocha e outros servidores no prédio de uma antiga maternidade que se encontra desocupada. Durante a entrega da parafina pude perceber que os contemplados e contempladas não eram necessariamente as pessoas que fabricam as cabacinhas para a comercialização, mas pessoas de baixo poder aquisitivo que fazem o artefato apenas para brincar. Entre elas havia crianças, adolescentes, adultos e idosos de ambos os sexos. Na oportunidade, conversei com algumas pessoas que estavam na fila aguardando a entrega. Alguns idosos afirmaram que iriam receber a parafina para fazer cabacinhas para os netos, outros disseram que ainda brincavam. Algumas jovens afirmaram que faziam as cabacinhas para guerrear na rua onde residem. A “rua do fato” como é conhecida é muito movimentada e animada durante os dias de festa. Então pude notar a euforia e alegria estampadas nas faces daquelas pessoas que falavam da festa das cabacinhas como algo muito prazeroso.

Durante todo o dia, o festejo ganha uma grande dimensão, uma vez que a brincadeira se espalha praticamente por todas as ruas, entretanto há algumas que se destacam, os brincantes se fazem mais presentes e a brincadeira se dá com maior intensidade, como é o caso da rua do fato. Esta, realmente é uma rua muito animada durante o festejo das cabacinhas. No dia da entrega da parafina conheci uma moradora dessa rua de condinome “Cuca”, me convidou para ir até a sua casa nos dias de festa, assim fiz. Cheguei na cidade na sexta à tarde, a mesma já estava em festa e muito movimentada se comparada ao Encontro Cultural que havia acontecido uma semana antes. No sábado, 29 de dezembro, após o café da manhã fui dar uma volta pela cidade que ainda parecia dormir e segui para a casa de “Cuca”. Já no início da rua pude notar alguns meninos “armados” aguardando as pessoas passarem para atingi-las, era aproximadamente 11 horas. Passei por eles e ufa! Saí ilesa. Da casa de “Cuca”

observava o movimento da rua que aparentemente era a mais animada da cidade; crianças, adolescentes e adultos nas portas de suas casas para brincarem de cabacinhas. Ficavam na espreita e quando passava alguém pela rua elas atingiam, questionei às jovens que arremessaram os artefatos se conheciam as que foram atingidas, uma delas respondeu: “não, quem passar na rua nós joga, é festa”.

Além de atingirem qualquer pedestre que passasse naquela rua, os vizinhos também guerreavam entre si e muitas vezes as cabacinhas acabavam entrando dentro de casa, molhando e sujando tudo de cera, perguntei a dona da casa se ela não se incomodava então ela respondeu que não se importava porque era festa e que depois limpava. As cabacinhas utilizadas por esses brincantes foram feitas por eles mesmos e notei que elas eram bem mais grossas do que as que eram produzidas pelas “cabaceiras” e perguntei o porquê. Poliana, uma das brincantes respondeu: “tem cabacinhas de várias capas: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete e assim por diante. Quanto mais capas ela tem dói mais”. Risos. Retruquei: mas quanto mais capas, mais cera gasta não é? Outra brincante então disse: “sim, melhor fazer de uma capa só e fazer mais”. No entanto, a expressão de satisfação no rosto daquelas pessoas quando sugeriram que as cabacinhas têm que causar dor, senão não tem graça, ficou em evidência.

Saí da casa de “Cuca” e antes que chegasse à esquina fui atingida nas costas por uma cabacinha, fiquei alguns segundos sem respirar, o artefato estava tão grosso que se chocou em minhas costas, mas só quebrou quando caiu no chão. Nesse momento refleti sobre o que já havia lido e ouvido a respeito da ressignificação do festejo, do caráter violento que o mesmo havia adquirido e, conseqüentemente, do considerável perigo a que os brincantes ou não ficam expostos. O medo de ser atingida novamente se fez presente e passei a andar pela cidade olhando para todos os lados, às vezes correndo, como se estivesse sendo perseguida em um filme de ação. Fui almoçar e do restaurante observava o movimento de pessoas que seguiam para praça onde haveria a concentração e de onde sairia o “arrastão”. Terminado o almoço segui para a concentração. De início havia pouca gente, à medida que a banda se organizava os foliões aos poucos iam chegando e a concentração aumentando. Além de foliões haviam vendedores de bebida e de cabacinhas que jogavam nos foliões, segundo elas “para se divertir e chamar pra comprar”, isto é, atrair clientes.

Chega a hora marcada de dar início ao “arrastão” e apesar da quantidade de foliões ainda ser relativamente pequena, o trio saiu animando o público que o seguiu dançando, cantando e bebendo. As cabacinhas ganham espaço entre os brincantes,

sobretudo os que não acompanham o trio e ficam às margens o vendo passar. Estes jogam as cabacinhas em meio à concentração, muitas vezes sem o devido cuidado em atingir o trio elétrico, então o vocalista da banda adverte os brincantes para que não joguem na direção do trio, para que não causem algum dano nos aparelhos musicais ou nos integrantes da banda. Os brincantes que ficam às margens são de condições financeiras mais abastadas, grande parte dos foliões que, de fato, “se joga” na brincadeira é de classe mais baixa. São dois os trios elétricos e, obviamente, com bandas diferentes. O percurso é o mesmo, no entanto os pontos de partida são distintos, isto é, o segundo arrastão parte de onde o primeiro finaliza. À medida que o tempo passa a concentração de pessoas nas ruas em que os trios passam aumenta. A maioria das casas tem um alto alicerce e degraus que jovens, crianças e até idosos fazem de arquibancadas para verem o arrastão passar. Enquanto aguardam, brincam com as cabacinhas jogando nos foliões que estão de passagem pela rua, figura 12. Muitas vezes esses não estão sozinhos; andam em grupos e quando um deles é atingido, os outros todos se reúnem, revidam e dão início a uma “guerra”. A impressão que os telespectadores têm é que, de fato, eles levaram a brincadeira a sério, mas quando as cabacinhas acabam e junto com elas a “guerra”, e todo mundo se cumprimenta com um sorriso no rosto.

Chamo atenção para algumas curiosidades observadas em campo que me deixaram bastante reflexiva. Citarei abaixo um elemento intrínseco ao festejo de modo geral, observado além de Japarutuba, nos outros municípios abordados na pesquisa.

Os alvos: esse é um elemento imprescindível na festa das cabacinhas e podem ser qualquer pessoa, esteja na brincadeira ou não. Às vezes é só um pedestre que está no lugar errado e na hora errada, que acaba sendo atingido e, indiretamente, sendo parte do festejo. Esse eu poderia chamar de “folião indireto” e, nesse sentido, reflito sobre até onde vão os limites dessa brincadeira que acaba envolvendo quem não está a fim de participar, às vezes saiu de casa por uma necessidade e acabou entrando para as “estatísticas” do festejo. Quando questionados, os brincantes que atingiam essas pessoas, apenas respondiam: “elas sabem que é festa, se não querem levar “cabaçada” não saiam de casa”. O fato é que parte da população que não gosta ou simplesmente não deseja participar da brincadeira tem que se enclausurar até a festa terminar.



Figura 12. **Festa das cabacinhas de Japarutuba 2019.** Fonte: Arquivo pessoal.

A partir do elemento “alvo” sugiro uma categorização: primeiro, o folião direto que está envolvido com o festejo “de corpo e alma” e segundo, o indireto, aquele que foi atingido “sem querer querendo”. Além dessas categorias, sugiro ainda algumas especificações, as quais acabam revelando alguns problemas que estão cristalizados e

naturalizados em nossa sociedade. Por exemplo, quem são esses alvos? Abaixo, enumerá-los-ei em ordem decrescente, isto é, dos mais aos menos atingidos:

1. Mulheres: geralmente, as mulheres são as mais atingidas. Talvez pela sua histórica condição de vulnerabilidade, fato que revela uma característica consideravelmente machista do festejo. Notei grupos de meninas sendo atingidos por “uma onda de cabacinhas”. Além dos grupos, uma mulher passar pelo circuito festivo sozinha, não é uma boa ideia. Certamente ela será alvo não apenas uma vez, mas várias. Os casais que circulam juntos também serão atingidos, porém o alvo entre ambos é a mulher. O homem pode até ser atingido, mas por um erro de mira do autor.

2. Gays: é mais fácil achar uma agulha num palheiro do que um gay sair ileso do circuito por onde o “arrastão” passa. Faço uma ressalva para o fato de que não é qualquer gay que se torna facilmente um alvo nesse festejo, mas o afeminado, aquele que deixa transparecer a sua sexualidade e, muitas vezes, acaba sendo alvo não apenas das cabacinhas, mas de chacotas, de formas explícitas de preconceito. Logo, esse também revela algo que historicamente está imbricado em nossa sociedade e que nós, os que estamos “de fora”, naturalizamos.

3. Homens: fato curioso é que os homens presentes nos festejos não são, em regra, os alvos mais comuns. Geralmente, os que se tornam alvos das cabacinhas se tornam por algum motivo. Por exemplo, caso ele seja o autor de uma “jogada”, digamos assim. Nesse sentido, caso ele arremesse uma cabacinha em alguém, certamente ele também será alvo. Outro motivo é quando amigos se (re)encontram, normalmente eles se saúdam jogando cabacinhas uns nos outros, como se fosse um aperto de mão. Há ainda os casos em que eles estejam em grupos e algum dos integrantes sejam atingidos, eles revidam e, obviamente, tornam-se o alvo preferível naquele momento.

4. Crianças: quem disse que criança também não participa? Aqueles que vão ao festejo e levam crianças sabem da possibilidade de elas serem atingidas por uma cabacinha. Portanto, a maior parte do público infantil fica com os seus responsáveis às margens do circuito, em calçadas, jogando nos foliões que estão de passagem. A alegria e a euforia estavam estampadas nas faces dessas crianças que se divertiam muito, principalmente quando conseguiam acertar alguém. Por sua vez, os alvos atingidos pelas crianças, geralmente não revidavam, apenas riam. No entanto, em algumas vezes “davam o troco”, algumas das crianças não se importavam, outras choravam e seus responsáveis conversavam com elas e em seguida já estavam brincando novamente.

Outro elemento importante nesse festejo e que também está relacionado diretamente ao fator “alvo” é a existência de uma espécie de código de ética dentro do festejo, ainda que involuntariamente. Por exemplo, não são alvos das cabacinhas as crianças, exceto quando acontece delas estarem na brincadeira, como já foi dito. Também não são alvos os idosos, gestantes e os trabalhadores que estão no festejo a exemplo dos garis. Dessa forma, ouvi várias conversas paralelas, em uma delas uma adolescente dizia: “só tá passando veia, tem que passar uma nova pra eu rumar uma cabaça de dar dor de cabeça”. Em outra conversa uma jovem falou às outras: “não joguem nessa daí, parece que está grávida e se tiver grávida não pode”. Além de deixar um código de ética festivo explícito, essas conversas também deixaram transparecer mais uma vez o caráter violento do festejo.

Além do que já foi exposto com relação aos alvos, ficou também perceptível que se o folião estiver “à paisana”, isto é, sem cabacinhas, a probabilidade dele se tornar alvo delas é relativamente pequena, porém se ele estiver “munido” e jogar em alguém, as chances dele também ser atingido aumentam consideravelmente. Outro alvo comum são as visitas e/ou turistas ou ainda, como os foliões da cidade chamam, os “de fora”. Quando eles percebem que um dos foliões é “de fora”, tentam atingi-lo a todo custo. Ouvi um diálogo em que um rapaz dizia a outro: “você não é daqui, você é de fora. Tem que se molhar, tem que entrar na brincadeira, tem que se batizar”. O batismo, para ele era a inserção do rapaz que não pertencia àquele lugar, àquela festa e que deveria experimentar para sentir na pele, literalmente falando, o que é a festa das cabacinhas de Japaratuba. Fiquei às margens do circuito até quando o segundo trio elétrico passou, já estava anoitecendo e a animação parecia ter acabado de começar. Entre os foliões que estavam acompanhando o “arrastão” havia também vendedores ambulantes de bebidas e de cabacinhas, fossem mulheres, homens ou crianças que ficam indo e voltando do circuito festivo com baldes cheios de cabacinhas. Aos que estavam às margens só observando o “arrastão” passar, eles vendiam os baldes inteiros e ao voltar do circuito com as mãos vazias para buscar mais baldes, aproveitavam para se divertir também. O que me chamou atenção nesse quesito foi o fato de crianças que, ao invés de estarem no meio da diversão, estavam trabalhando, carregando baldes pesados de cabacinhas para ajudarem a sua família. Já era noite quando o “arrastão” terminou. A maioria dos foliões foi pra casa descansar e se recompor para ir ao show que iniciaria às 22 horas.

Na manhã seguinte, dia 30 de dezembro, as ruas da cidade estavam vazias, exceto uma praça conhecida como a praça da pedra, onde pessoas se concentravam para

verem a saída de um bloco de rapazes vestidos com roupas comuns femininas como saias, vestidos, mas também tinham os que estavam fantasiados. Entre as fantasias havia as de noivas, chapéuzinho vermelho, branca de neve, enfermeira, cangaceiras, entre outras. Homens, mulheres e crianças ficam na praça aguardando a saída do bloco e, enquanto esperavam, guerreavam com as cabacinhas. Até um cadeirante entrou na folia. O bloco saiu quase meio dia “puxado” por uma bandinha de frevo que tocava marchinhas e enquanto tocavam os rapazes saíam pelas ruas dançando como um animado carnaval.

À tarde a festividade teve continuidade com outros dois “arrastões”, entretanto o percurso foi diferente do dia anterior. Era domingo, a cidade estava lotada. Micro-ônibus de cidades circunvizinhas chegavam cheias de foliões; pessoas se concentravam nas portas das casas por onde o “arrastão” passaria. As cabacinhas pareciam cair do céu como uma chuva de granizo de tantas que haviam. Para quem acompanhava havia a máxima do “salve-se quem puder” ou, ainda, “quem está na chuva é pra se molhar”. E falando em “molhação”, além das cabacinhas, muita gente ficavam em suas portas com mangueiras molhando os foliões que agradeciam com gestos e expressões, o favor de estarem sendo refrescados naquela tarde de calor.

À noite, o festejo continua com shows realizados na praça de eventos do município. Na edição de 2019 foram montados dois palcos para que o intervalo entre as bandas não fosse muito distante. Além dos palcos havia um camarote ao qual a prefeita e os seus tinham acesso e, também, um espaço em frente aos palcos foi reservado para os mesmos, ou seja, um “*front stage*”, termo bastante utilizado em festas privadas, cuja função é segregar o público por condições financeiras, consequentemente, classes sociais. Em Japaratuba, o “*front stage*” separava os “agregados” e/ou conhecidos da gestora municipal do restante do público.

O público se concentra em frente ao palco onde está acontecendo o show. Se uma banda está tocando no palco 1 a maior parte dele está lá; quando a outra banda começa a tocar no palco 2, as pessoas “migram” para a frente do segundo palco. Isso aconteceu durante toda a noite tanto pelo fato de preferirem estar mais próximas do artista, quanto pelo fato das famosas *selfies* e vídeos para as redes sociais que ganharam espaço em festas. Observando o comportamento do público durante os shows, notei a presença de algumas mesas comumente usadas em boates, a quais os foliões alugavam e as colocavam em frente ao palco para terem mais comodidade e para deixar copos e garrafas de bebida em cima. Acredito que essa é uma das formas de “elitizar” a festa,

definir o status social de um público que passou a noite arrastando as mesas de um lado para outro, à medida que os shows trocavam de palco.

A venda de bebidas dentro do espaço festivo era realizada em barraca de coquetéis e as cervejas, em pontos estratégicos espalhados por toda a praça. Faço uma ressalva para a venda desse tipo de bebida, pois havia uma única marca e até então esse não era o problema, mas o fato de haver apenas um fornecedor que distribuiu vendedores nos pontos citados. Cheguei a essa conclusão ao conversar com um dos vendedores que disse ganhar comissão, apenas pelas vendas. O preço da lata da cerveja custava quatro reais, relativamente alto para uma festa de ordem popular onde do lado de fora da praça os ambulantes vendiam a mesma marca de cerveja por dois reais e cinquenta centavos.

Apesar das atrações dos shows noturnos terem sido consideradas boas ou muito boas pelo público presente, não havia tanto folião quanto o esperado. A reclamação dos moradores da cidade com relação ao “insucesso” do festejo era notória, andando pelo espaço festivo ouvi um senhor dizer para a sua companheira: “tá devagar demais, tem ninguém não esse ano”. Outras pessoas delegavam esse “insucesso” ao cansaço dos foliões “é preciso ter pique na festa de Japarutuba; é festa de dia e de noite e nem todo mundo aguenta”. Entretanto, pareceu-me que esse não foi e não é um fator que corrobora para com a redução do público nos shows da noite nessa edição, mas pode ter se dado em virtude da mudança da data da festa que por acontecer às vésperas do *réveillon*, muita gente já havia se programado para viajar, tanto as pessoas da própria cidade quanto das cidades circunvizinhas.

A partir do exposto, nota-se uma tendência, presente não exclusivamente na festa de Japarutuba, mas em grande parte dos municípios que é a segregação do festejo como forma de elitizá-lo para torná-lo mais agradável a um público que tem a necessidade de manter os seus status sociais e, conseqüentemente, manter os seus enclaves, como Pires (2000) sugere. Apesar de essa ser uma festa pública e de ordem popular o seu espaço é totalmente segregado; prova disso é a existência de camarotes e *front stage*. Mas não somente isso, parte do público que não tem acesso aos espaços privados também têm os seus lugares reservados, os quais devem estar o mais próximo do palco possível, pois o mesmo necessita dos registros festivos para manterem as suas redes sociais atualizadas e “ao vivo”. Ora, há pouco tempo que esses lugares nas festas têm mudado e esse mesmo público que hoje disputa um lugar em frente aos palcos dos shows, até cerca de entre oito e dez anos atrás preferia ficar afastado dos palcos, pois

nas proximidades deles estavam os foliões das classes mais baixas. O que quero dizer com isso é que a dinâmica festiva, assim como a própria cultura se transforma. E nesse sentido, essa modificação tem sido acompanhada pelo avanço tecnológico que cada dia mais exige que nós o alimentemos.

III. 2- AS CABACINHAS EM SIRIRI



Figura 13. Cartaz da Festa de Santos Reis de Siriri. Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Siriri.

A festa das cabacinhas de Siriri acontece há muito tempo, assim como em Japaratinga e também não há uma data exata de quando teve início. Ricardina de Souza, filha da Terra, escreveu um livro chamado “remanso” no qual conta a história do município e faz referência às cabacinhas, seu uso e ressignificação. De acordo com a autora do livro, os objetos continham água perfumada e eram utilizados com a finalidade de cortejar parceiros para aventuras amorosas, daí o fato de serem também conhecidos como bolinhas de cheiro e, noutros lugares, como “limão de cheiro”. Souza (s.d.), expõe que, as cabacinhas “eram jogadas de leve com amor e por amor, dentro das mesmas colocavam perfume, demonstrando assim, paixão, que desse fruto saía namoro e daí surgiu até casamento” (p. 39). Ou seja, no passado, o folguedo popular tinha uma conotação de instrumento de paquera.

Para Souza (s.d.), o suposto caráter galanteador da brincadeira, foi substituído por batalhas que visam intimidar oponentes, dada a espessura das bolas de cera, que quando atingem o alvo, deixam marcas de machucados. Afirma a autora, “Hoje a brincadeira tornou-se agressiva assim como as próprias cabacinhas são grosseiras, que apelidaram de cabacinhas de sete capas, jogadas com força que fazem até hematomas” (p. 39). Fato que provoca uma certa apreensão tanto em quem reside na cidade, quanto em visitantes e/ou turistas. Entretanto, isso não impede que os foliões se façam presentes no festejo, apenas que tenham certos cuidados ao andarem pelas ruas da cidade, por exemplo.

Na edição de 2019 a festa das cabacinhas teve início dia 10 de janeiro à noite com uma programação cultural através de apresentações artísticas e folclóricas com grupos locais, a exemplo dos bacamarteiros que saem pelas principais ruas da cidade até a praça onde ocorreram as apresentações. Vale ressaltar que foi na edição de 2019 que Siriri contou pela primeira vez com uma programação cultural dentro do festejo de Reis. Após as apresentações folclóricas, a programação deu continuidade com shows de artistas locais e regionais, e término dia 13 após os shows noturnos com bandas de ordem regional e nacional.

A cidade de Siriri não conta com uma praça de eventos, desse modo, a estrutura que dá suporte para a realização do festejo é montada na praça onde fica a igreja matriz. Tanto na praça quanto nas ruas em volta da mesma são estabelecidos os elementos fundamentais para a sua concretização, ou seja, nesse espaço são dispostas barracas de comidas e bebidas, um pequeno parque para as crianças, os camarotes, palco, além de espaços livres para ambulantes e também banheiros químicos.

Cheguei em Siriri no dia 10 de janeiro de manhã e a cidade já estava movimentada, se organizava para o evento que teria duração de quatro dias, praticamente tudo montado, já poderia ser visto, por volta de meio dia, crianças saindo da escola com as cabacinhas nas mãos, a euforia já tomava conta daquelas crianças.

Em Siriri pude conversar com Camyla, secretária municipal de planejamento que, no momento, fazia parte da organização do evento. Na oportunidade, a organizadora falou do festejo desde como se organizam para concretizá-la até a sua prática. Nesse município não há mais a celebração religiosa em comemoração ao dia de Reis. Entretanto, a nomenclatura da festa na edição de 2019 foi “Festa de Santos Reis Siriri 2019”. Quando questionada sobre o que de fato era a festa das cabacinhas e o porquê de relacioná-la com a celebração dos três reis magos, Camyla afirmou que

assim o fizeram para as pessoas entenderem do que se trata o festejo, pois “essa festa é conhecida como a festa de Reis, mas das cabacinhas. Quando a pessoa vê no cartaz “festa de Reis” já sabe que é a das cabacinhas”, disse a secretária de planejamento.

A prefeitura se organiza financeiramente para a realização da festa partir de recurso próprio, no entanto, no ano de 2019 a mesma contou com o apoio do ministério do turismo. O que a comissão organizadora fez questão de deixar evidente durante os shows à noite. Com relação ao uso das cabacinhas, a prefeitura, de certa forma, faz um controle. A comissão organizadora estabelece algumas regras a serem seguidas durante as festividades. Assim, utilizam um carro de som que sai pelas ruas da cidade divulgando quais as regras a serem seguidas em Siriri nos quatro dias de festa. Por exemplo, só pode brincar com o artefato de até três capas e em horário preestabelecido, que geralmente não é acatado pelos brincantes. No primeiro dia de festa, isto é, na quinta-feira, os brincantes poderiam jogar cabacinhas das seis às dezoito horas e da sexta-feira ao domingo, das seis às dezenove horas. Para tanto, aos policiais militares é dada a tarefa de vistoriar e conter a prática dos brincantes que não obedecerem às regras estabelecidas. Porém havia grupos de jovens com cabacinhas feitas em copos descartáveis, garrafas pets, muito grossas que seria impossível contabilizar quantas capas tinham. Quando perguntei quem fez e se teriam “licença” para usá-las, um deles afirmou que eles mesmo produziram e que não poderiam, pois “se a polícia pegar já sabe... mas a gente joga e sai correndo, eles (os policiais) não pega a gente”. Um fato curioso é que não há produtoras de cabacinhas nesse município; as que se fazem presentes durante o festejo são de outras cidades sejam circunvizinhas ou não; e o poder público local não fornece nenhum incentivo para as mesmas.

A festa das cabacinhas de Siriri se produz de forma totalmente diferente de Japarutuba. Enquanto nesta cidade a brincadeira se dá em maior dimensão nos “arrastões”, em Siriri o festejo acontece em praças ou ruas, a partir da formação de “gangs”, figura 14, grupos de jovens que se unem para guerrearem. Já na quinta-feira à tarde encontrei uma das “gangs”, conhecida como “gang do pastinho”, em frente a uma praça pública esperando outra chegar para iniciarem a guerra, mas enquanto ela não chegava, parte dos jovens atacava quem passava pela rua.



Figura 14. “gang” do pastinho de Siriri. Fonte: Arquivo pessoal.

Na sexta-feira e no sábado, apesar de somente haver programação festiva à noite, pelo dia as pessoas se reuniam no que denominam de “rua do fluxo”, uma rua que se torna um espaço determinado pela prefeitura municipal para os amantes dos “paredões” de som, uma espécie de som de carro em uma grande proporção, cujo volume pode ser comparado, muitas vezes, ao de um trio elétrico. Os paredões têm ganhado um considerável espaço durante as festas, sejam elas públicas ou privadas e, às vezes acabam incomodando tanto a vizinhança quanto atrapalhando a festa que está sendo realizada. Por esse motivo, na edição de 2019, a prefeitura de Siriri estabeleceu a

“rua do fluxo” como destino para quem queria colocar seus “paredões”. Estes estão cada vez mais ganhando espaço em festas públicas, chamam a atenção pela altura sonora tanto dos foliões que se identificam e se inserem nessa modalidade, quanto dos que não curtem e acabam se incomodando a presença deles.

A rua do fluxo dá acesso a uma das praças mais movimentadas durante a festa das cabacinhas. Portanto nesse trecho que se verificou a maior concentração do festejo. A presença dos carros não intimidava os brincantes que guerreavam tanto na praça quanto nas ruas, figura 15. À noite a festa teve continuidade com os shows programados para iniciar às 22 horas.



Figura 15. Jovens guerreando com cabacinhas em Siriri. Fonte: Arquivo pessoal.

Durante a programação festiva noturna não notei muita diferença com relação à festa de Japarutuba, exceto por alguns pontos em específico. Por exemplo, a venda de bebidas em Siriri foi realizada por ambulantes de forma geral, eles não vendiam apenas uma marca de cerveja ou havia um único fornecedor. Outro ponto é com relação ao

espaço festivo, visto que Japarutuba conta com uma praça de eventos e por isso tinham um controle maior de revista dos foliões e Siriri não, nesta cidade o espaço festivo iniciava em um raio de cerca de 100 metros da praça onde os shows se apresentavam, isto é, as ruas que têm acesso para a praça foram fechadas e fiscalizadas por policiais. Entretanto, não havia revista para os foliões que residiam nas mesmas. Na prática, eles já estavam “dentro da festa”. Questionei com um dos moradores, se por acaso alguém quisesse ir à festa armado? Ele respondeu: “não tem como saber, não tem controle. Para todos os efeitos já estamos dentro da festa”.

O domingo foi o dia mais “badalado”, além da rua do fluxo que concentrava muita gente, seja dançando ao som dos paredões ou sentadas em frente as suas casas observando o movimento ou até jogando cabacinhas em quem passava, houve uma “tarde de sol” na “praça de eventos” e um “arrastão” com Saulo Fernandes, cantor baiano renomado no axé brasileiro. “Tarde de sol” nada mais é do que um show que acontece nas primeiras horas da tarde. Ou seja, em Siriri a “tarde de sol” estava programada para iniciar às 13 horas e o “arrastão” às 15 horas, com a saída do trio se deu em um ponto estratégico da rodovia SE 230, em frente a um bar que há nesse trecho. O conjunto percorre a rodovia, passando pelo trevo que dá acesso à cidade de Siriri e finalizando na praça da igreja matriz. Acompanhei o “arrastão” e pude observar que assim como em Japarutuba, há também a forte presença das cabacinhas, jogadas principalmente pelos foliões que ficam às margens vendo-o passar. O trio chega à cidade ao anoitecer, quando as cabacinhas já estão diminuindo e as cabaceiras que venderam toda a sua mercadoria também se jogam na folia, porém o festejo só acaba na manhã da segunda-feira após as apresentações dos shows na praça pública.

A edição de 2020 foi realizada entre os dias 25 e 26 de janeiro, diferentemente da anterior que se deu durante quatro dias. Intitulada Festa de Santos Reis, o encarte da programação festiva colocou em evidência a mesma como sendo um Patrimônio Cultural do Estado, um festejo que mantém a cultura e tradição local, e onde há a maior guerra de cabacinhas do Brasil. Os shows com bandas de axé, pagode, forró e arrocha aconteceram à noite em praça pública da mesma forma que o ano anterior. E no domingo à tarde houve um arrastão com Saulo Fernandes, cantor de axé que havia puxado o trio no ano anterior, fazendo exatamente o mesmo percurso. Os foliões que dançavam sendo guiados pelo trio eram os principais alvos de quem estavam às margens da rodovia com as cabacinhas e ser atingido por uma delas parece que não os preocupava muito. Alguns deles até sorriam e gostavam, afirmavam que a tarde estava

quente e ao se molharem se refrescavam, obviamente, tinham aqueles que olhavam com uma expressão de que não tinha gostado na direção de onde tinha a cabacinha tinha vindo, meio que procurando um culpado, não encontrava e voltava a se divertir. Após o término do arrastão alguns foliões foram pra casa na intenção de descansar um pouco para voltar à noite, outros permaneciam na praça ao som dos paredões e já ficavam para os shows da forma de estavam: muitos deles, molhados de cabacinhas, fato que aparentemente não era incômodo.

III.3- AS CABACINHAS EM SANTA ROSA DE LIMA



Figura 16. Cartaz da festa de Santos Reis e Emancipação política de Santa Rosa de Lima.
Fonte: Lagarto Notícias.

Santa Rosa de Lima, cidade que já possuiu o festejo das cabacinhas em considerável proporção, na contemporaneidade o apresenta de forma singela. Houve alguns anos em que a festa não foi realizada por falta de verba, de acordo com gestores. Na edição de 2019, ocorreu em apenas um dia, ainda assim quase um mês após a data em que se comemora o dia de Santos Reis, entretanto neste dia houve a celebração religiosa com missa pela manhã e procissão à tarde.

Chegar em Santa Rosa e me deparar com um cenário festivo totalmente diferente do que me recordava da infância foi um tanto quanto surpreendente, sobretudo, porque nesse momento eu estaria ali como pesquisadora, com uma visão mais crítica e talvez menos romântica. Lembrava-me de uma festa das cabacinhas que acontecia durante três dias, da sexta-feira ao domingo. De uma festa que movimentava toda a circunvizinhança e antigos moradores que haviam se mudado, principalmente, para a capital. De uma programação festiva que durava os três turnos, o matutino com uma manhã de sol que nada mais era do que um show em praça pública tendo início entre as dez ou onze horas, o vespertino com um arrastão que ora saía da ponte que dá acesso à cidade, ora saía da Brasília, um conjunto da cidade, e o noturno com a continuidade dos shows em praça pública. Lembrava-me da euforia, das ruas e calçadas repletas de foliões que guerreavam com as cabacinhas, tanto entre os pedestres, quanto entre os próprios vizinhos.

Chego então para participar da edição de 2019 e encontro a cidade quase que totalmente parada, se não fossem os carros com o som ligado em frente as casas e as pessoas bebendo. A praça onde ocorrem os shows com poucas pessoas, um pequeno parque infantil e alguns ambulantes se organizando para as vendas à noite. Essa pequena cidade que possui menos de 4.000 habitantes, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), não conta com praça de eventos, os festejos realizados acontecem em uma praça pública. Nesta é montada a estrutura necessária para a realização do festejo como o palco, as barracas de bebidas e comidas, os banheiros químicos, etc.

Ao chegar na cidade, entrei em contato com um membro da organização da festa, mas não foi possível encontrá-lo pessoalmente. Andei, conversei com alguns habitantes do município, os quais faziam questão de enfatizar que a festa das cabacinhas havia acabado, para eles o que estaria acontecendo durante aquele dia não era a festa das cabacinhas de Santa Rosa de Lima. Encontrei meia dúzia de “cabaceiras” do município de Cumbe, figura 17, que haviam chegado à cidade um dia antes, conversei um bom tempo com elas que me relataram sobre o “insucesso” da festa, do quanto a mesma estava desanimada e de como as vendas estavam reduzidas. Elas chegaram um dia antes, isto é, na sexta-feira, primeiro de fevereiro. Não tinham onde se hospedar, então se alojaram em frente ao clube municipal que estava em reforma para “fugirem” da chuva que caiu durante a madrugada. Algumas delas afirmaram que são muito bem

recebidas pela população e poder público local que oferecem refeições, água e banheiro, mas não oferecem estrutura e/ou abrigo para as mesmas.

A frustração das “cabaceiras” estava visivelmente estampada em suas faces e o cansaço por não dormirem e ficarem expostas ao sol na esperança de venderem os artefatos também. Algumas delas já estavam com vontade de ir embora, outras disseram que iriam esperar até a noite, pois o prefeito municipal havia prometido dar uma ajuda a elas. As vendas melhoraram ao entardecer, crianças e adolescentes eram os maiores consumidores. Eles compravam e voltavam para casa, lá sentavam na calçada e jogavam em quem passava. Não havia “guerra das cabacinhas” como em tempos de outrora, apenas uma singela resistência desse festejo.



Figura 17. Cabaceiras em Santa Rosa de Lima. Fonte: Arquivo pessoal.

Em conversa com moradores locais, muitos afirmaram que não estavam comprando cabacinhas porque estavam sem dinheiro, pois a prefeitura havia atrasado o salário. Outros relacionaram o “fracasso da festa” à falta de vontade das pessoas em comprarem cabacinhas. Sr. Antônio afirmou: “não tem mais isso de cabacinha, não. Acabou, o povo não quer mais”. Essa declaração me deixou meio reflexiva, pois um fato curioso com relação ao município de Santa Rosa é que durante o dia de finados, aos dois de novembro, a população prefere ir visitar o cemitério e acender as suas velas no

período noturno, pois de acordo com a mesma, crianças e adolescentes furtam as velas para fazerem cabacinhas no período da festa de Reis. A preferência pela noite acontece pelo fato de que os visitantes precisam esperar as velas queimarem por inteiro e durante o dia fica impossível devido ao calor. Pensei: como as pessoas não querem mais cabacinhas, se as velas do cemitério precisam ser “vigiadas” até que queimem por completo? Como a festa das cabacinhas havia acabado? Então lembrei-me de Clifford Geertz quando afirmou que a cultura não se perde, ela se transforma. Assim aconteceu com a festa das cabacinhas de Santa Rosa, ela não é a mesma de antigamente, foi modificada e mesmo que se apresente de uma forma bastante sucinta, ainda está lá resistindo, se fazendo presente em algum canto daquela cidade.

No início da noite ainda haviam os poucos brincantes em suas calçadas jogando cabacinhas, as “cabaceiras” esperaram anoitecer para voltarem para casa, apesar de as vendas terem melhorado ao entardecer, não conseguiram vender tudo o que planejaram. A programação festiva estava definida para iniciar às 22 horas, iniciou pontualmente e só acabou de manhã. De acordo com a organização dos shows, não havia diferença dos outros municípios. Foliões “brigando” por um espaço em frente ao palco na tentativa das famosas *selfies*, a disposição das “mesas de boate” para os que desejam manter os seus enclaves, enfim, senti como se as todas as festas fossem a mesma, apenas mudando de endereço.

No ano de 2020 não houve a realização do festejo, a desculpa para os foliões? A mesma de anos anteriores: a crise financeira por qual passa o município. Muitos aceitam a não realização da festa das cabacinhas justificando a partir do argumento que “é melhor não ter festa e os funcionários públicos receberem em dias do que ter festa e a prefeitura atrasar o salário dos servidores” como disse um morador da cidade. Entretanto, outras pessoas não aceitam a justificativa dada pelo gestor municipal e acaba fazendo comparações com as outras cidades onde a festa ainda permanece, a exemplo de Japaratuba e Siriri.

CAPÍTULO IV - OS SENTIDOS E OS SIGNIFICADOS DA FESTA



Figura 18. **Lixeiras Temáticas de Cabacinhas.** Fonte: Arquivo Pessoal.

De acordo com o dicionário online de português, o significado literal de festa é

Substantivo feminino. Solenidade, cerimônia em comemoração de qualquer fato ou data. [Figurado] Expressão de alegria; júbilo: sua chegada foi uma festa! Conjunto de pessoas que se reúne por diversão, geralmente num lugar específico com música, comida, bebida etc. [Figurado] Expressão de contentamento (alegria, felicidade) que um animal de estimação demonstra ao ver seu dono.

Obviamente, essa pequena palavra pressupõe vários e grandes significados. Entretanto, não são esses os significados pelos quais buscamos nesse trabalho. Não buscamos o seu significado literal, mas o seu significado simbólico, metafórico. Talvez essa tenha sido a tarefa mais difícil do meu campo de pesquisa, mas a busca por ele foi bastante gratificante.

Muitos antropólogos se debruçaram sobre a questão do simbólico, sobretudo, para compreender as sociedades ditas civilizadas e/ou modernas. Um deles foi Marcel Mauss e, para ele, o simbolismo é imprescindível para a vida social. Mauss defendia que a sociedade é construída por uma dimensão simbólica e justificava que há uma estreita relação entre o simbolismo e a dádiva, esta seria a obrigação de dar, receber e

retribuir que é verificada em todas as sociedades. Portanto, a necessidade de retribuir uma dádiva, algo que recebemos de alguém, conduz ao sistema de trocas. Estas seriam as responsáveis pela origem das sociedades como forma de estabelecer relações. Observar a festa das cabacinhas me fez recordar de Mauss e suas ideias, uma vez que o sistema de trocas e, conseqüentemente, das relações, estão intrinsecamente ligadas a essa festividade tanto no sentido comercial, quanto social. Por exemplo, a pessoa que é atingida por uma cabacinha, ainda que não esteja “munida” no momento, certamente dará um jeito de retribuir “cabaçada”. Depois de retribuí-la e os foliões ficarem “quites”, é só alegria e diversão. Às vezes acontece de sair um aperto de mão ou um abraço entre os protagonistas da dádiva para efetivarem um: tá tudo *ok!* E seguem a diversão como se nada tivesse ocorrido até serem atingidos novamente e reproduzirem a “dádiva” até o findar do festejo.

Pensar na festa das cabacinhas é, antes de tudo, pensar no simbólico. E pensar no simbólico, é pensar também nos seus significados. Enquanto conversava com os habitantes de Japarutuba, Santa Rosa de Lima e Siriri sentia a emoção em suas narrativas ao lembrarem e falarem da festa das cabacinhas. O romantismo, o saudosismo e o carinho presentes em suas falas faziam com que eu me “teletransportasse” pela imaginação e me faziam ir a lugar onde nunca tinha ido, viver o que nunca havia vivido e passear, a partir da memória coletiva, pelas histórias narradas. Pensar a festa sob uma perspectiva romântica talvez não seja viável, e nós, humanos, tendemos a nos apegar ao passado e às coisas do passado através de um saudosismo que talvez só exista em nossa memória afetiva.

Acredito ser válido nesse contexto discorrer um pouco acerca da memória para então compreender, a partir das narrativas dos entrevistados, a sua importância na construção desse discurso. Segundo Le Goff (2003), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (p. 419), isto é, ela se estrutura no momento presente a partir das experiências adquiridas no passado. Este autor afirma também que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar- identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]” (p. 469). Portanto, a memória está diretamente relacionada às nossas lembranças, podendo ser ramificada em duas vertentes: a memória individual e a memória coletiva.

De acordo com Maurice Halbwachs (1990), a gente nunca está verdadeiramente só, e ainda que estejamos a sós em matéria, nunca estaremos de fato, pois em nossa memória sempre haverá referências de algo ou alguém que nos manterão, de certa forma, conectados com o outro nos remetendo ao coletivo. Pensando sob esta perspectiva não haveria, de certo modo, a existência de uma memória literalmente individual. Entretanto, Zilda Kessel (s.d.) sugere que a memória individual está relacionada ao meio social e é de fundamental importância para a formação da memória coletiva.

Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas sobretudo no campo simbólico (KESSEL, (s.d.), p. 03).

Ao compartilhar de momentos, ideias, lembranças e memórias o indivíduo cultiva na sociedade o sentimento de pertencimento, este instiga a busca e efetivação do reconhecimento de suas raízes ou identidade, que veremos mais adiante, e que podem ser expostas no que é considerado por tradição.

Para Le Goff (2003), “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (p. 469). Acessar as suas lembranças conduz o indivíduo a estar em um lugar que é seu e ao mesmo tempo do outro, quando o mesmo compartilha as suas memórias. Estas são construídas através da narrativa, da comunicação e, por isso, possui uma função que é, em via de regra, social.

Admitir as narrativas não apenas dos habitantes das cidades festivas, mas também das cabaceiras, é admitir a existência de uma memória, seja ela individual ou coletiva que é de suma importância para a construção deste trabalho, pois foi com o acesso às suas lembranças a partir das suas memórias individuais e que, de certo modo também eram coletivas, à medida que seus discursos se cruzavam ou se identificavam que as informações foram sendo tecidas de modo que me possibilitasse a compreensão daquele festejo sobretudo a partir de uma perspectiva simbólica.

Os moradores das cidades festivas citadas que tinham entre 30 a 80 anos, aproximadamente, tinham uma narrativa unânime, por exemplo: “a tradição das

cabacinhas está acabando” (Eliane, 42 anos); “a tradição está acabando, não existe mais festa” (Gilberto, 77 anos); “Mudou muito de quando eu era menino, acabou a festa” (José Paulo, 59 anos); “A tradição está acabando” (Poliana, 32 anos). Esse discurso também pôde ser verificado nas narrativas das cabaceiras, sobretudo as que vendem cabacinhas em festas há mais de 10 anos, como D. Zefinha que disse: “Ah, minha fia, você não tá vendo nada não aqui. Festa tinha antigamente que a gente fazia mais de 15000 cabacinha e vendia tudo. A tradição tá acabando, daqui a uns dias tem mais nada não” (D. Zefinha, 62 anos e há mais de 20 faz cabacinhas pra vender nas festas). Bem, eu que estava “de fora” não percebia “a morte” da tradição que tanto falavam, ao contrário, via um costume muito antigo que apesar de se desdobrar talvez em menor proporção, ainda resiste.

Através desses diálogos pude perceber que maior parte das pessoas tende a não aceitar as mudanças. Elas têm um apego ao passado; ao que já foi vivido de forma diferente da contemporaneidade que não percebem, ou talvez não saibam, que a cultura é dinâmica. Se transforma, mas continua ali, de pé, resistindo às intempéries do tempo que testemunha tudo e não tem receio de mudanças. Roque Laraia (2001) considera que a cultura nada mais é do que um acúmulo de vastas experiências semeadas através de um sistema de comunicação, além de constatar que a cultura é dinâmica e, portanto, nenhuma sociedade é estática, ainda que a mudança se dê em diferentes ritmos. Para Laraia (2001),

[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (LARAIA, 2001, p. 110).

Além disso, esse autor considera dois tipos de mudança: uma interna, reflexo da mudança do próprio sistema cultural, este se produz mais lentamente. E outra sendo o resultado do contato entre sistemas culturais distintos podendo este ser mais rápido e abrupto. Na contemporaneidade, com o advento do processo de globalização que temos testemunhado, principalmente nos últimos 20 anos, tem sido cada vez mais comum a efetivação do segundo tipo de mudança sugerido por Roque Laraia. Hall (2006) cita em seu livro “*A identidade cultural na pós-modernidade*” que

Alguns teóricos argumentam que o efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural [...] a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural [...] (HALL, 2006, p. 7).

A globalização, então, promove uma espécie de paradoxo, pois à medida que integra, ela também desintegra, isto é, facilita o contato entre as culturas e ao promovê-lo, uma cultura pode adquirir características de outras culturas, perder parte das suas ou vice-versa ou ainda, uma cultura pode sobressair a outra. David Harvey (1998), por exemplo, acredita na última opção e afirma que em virtude da globalização está havendo a “destruição das tradições culturais locais” e entende como uma “questão de classes” e sugere “a formação de uma comunidade no processo de luta de classes” como uma possível solução à opressão imposta. Eu, particularmente, penso que é nociva a ideia de acreditar no fim das tradições culturais, principalmente quando consideramos a cultura à luz da sua transformação que necessariamente está relacionada à sua manutenção.

Registro que apesar dos discursos de mudança no festejo, de rompimento da tradição, os quais não agradam a maior parte dos entrevistados, o que pude filtrar a partir desses diálogos está para além de um “saudosismo exacerbado”. Os significados da festa das cabacinhas para os seus anfitriões/anfitriãs, e também para as cabaceiras, afinal estas têm grande importância nesse contexto, talvez não caibam nessas palavras. Ao perguntar às entrevistadas e aos entrevistados sobre o que o festejo significava para elas, as respostas, apesar de variadas, iam para uma única direção: a do auto-reconhecimento, a do pertencimento, a da identidade.

Tal direcionamento pode ser verificado a partir de algumas narrativas como por exemplo, a de Franciele de 36 anos que disse: “significa a manutenção da tradição, da cultura da gente e deve ter continuidade para manter a tradição”. Ou a de Clonai de 18 anos que afirmou: “a cultura da minha cidade deve ser mantida porque é tradição e se acabar a cidade morre”. Ou ainda através das palavras saudosas de Sr. Paulo, 59 anos que disse: “já significou muita coisa, quando eu gostava de brincar. Hoje eu não brinco mais”. Cristiane, de 30 anos, argumentou sobre o festejo representar a identidade do povo de Japarutuba e que o mesmo não deve acabar, pois além de fortalecer a cultura local, atrai investimentos tanto para a cidade quanto para as cabaceiras, principalmente.

Já D. Celuta, cabaceira local de 68 anos, respondeu: “pra mim significa tudo, né? As meninas saem, aí eu fico aqui sozinha e vou fazendo devagarzinho, já estou me distraíndo, né? Não posso ficar só pensando no que já perdi: o marido, né? Porque quando o marido morre que deixa os meninos em casa é bom, mas quando morre que fica eu sozinha?”

A identidade, sobretudo, a identidade cultural, é uma temática que tem sido bastante discutida no ambiente acadêmico tanto nas ciências sociais quanto na antropologia, a sua definição e/ou conceito não me parece ser algo definitivo e livre de contestação. Segundo Stuart Hall (2006), de acordo com as concepções das ciências sociais,

[...] a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006, p. 11).

De acordo com essa concepção, a identidade seria um elo entre a dimensão pública e a pessoal, pois

O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2006, p. 12).

Sob essa perspectiva, a identidade possui um papel extremamente importante para a manutenção da sociedade, uma vez que a mesma é responsável por conciliar indivíduo e cultura, de modo que ambos mantenham uma relação recíproca se consolidando no âmbito social. Desse modo, conversar com Japaratusenses, Siririenses e Santa-Rosenses me fez compreender o que estava para além de um festejo, que a festa das cabacinhas significa muito mais para essas pessoas. Significa a identificação com o lugar de origem, com o festejo, este sendo parte não apenas de um momento, mas da vida dessas pessoas. Não sendo parte de uma “liminaridade” que cessa ao findar a festa, mas de algo duradouro que transcende o tempo de acontecimento.

IV. 1- A RESSIGNIFICAÇÃO FESTIVA



Figura 19. **Cabacinhas resignificadas.** Fonte: Arquivo Pessoal.

Ouvir as narrativas dos moradores a respeito das transformações da festa das cabacinhas ao longo do tempo conduziu meus pensamentos às ideias que Marshall Sahlins aborda em seu livro *ilhas de história*. Neste Sahlins (2003) propõe uma nova teoria da história acerca da transformação e coloca em questão alguns quesitos, um deles é que “o mundo não é obrigado a obedecer à lógica pela qual é concebido”(p. 174). Para ele as categorias culturais vêm do passado, ainda que elas tentem se enquadrar no que é novo, no que está ocorrendo, por isso, sempre haverá algo do passado.

Efeitos culturais são identificados enquanto contínuos com o passado, ou descontínuos, como se existissem tipos alternativos de realidade fenomenal, em distribuição complementar em qualquer espaço cultural [...] a cultura funciona como uma síntese de estabilidade e mudança, de passado e presente, de diacronia e sincronia. Toda mudança prática também é uma reprodução cultural (SAHLINS, 2003, p. 180)

Pensando por este viés, Marshall Sahlins admite que a cultura exerce um papel central na sociedade, ela é provisória, instável e possui um entrelaçamento que condensa

e envolve vários elementos ao mesmo tempo e à medida que a cultura se transforma, ela se reproduz.

Sahlins (2003) define esse “novo” em que as categorias culturais tentam se enquadrar sob duas perspectivas: a do acontecimento, um fenômeno de realidade múltipla, tudo o que ocorre. E a do evento, que são acontecimentos culturalmente significativos que irão se desdobrar em um determinado contexto, sendo este frágil, passível de mudanças e sujeito a uma dinâmica em que as categorias estejam suficientemente relacionadas a ponto de sofrerem uma transformação abrupta. Para tanto, Sahlins utilizará a sua análise sobre a chegada de capitão Cook nas ilhas havaianas: um acontecimento que se transformou em um evento e que, por sua vez, se desdobrou em uma série de outros eventos relacionados às ressignificações e transformações da sociedade havaiana.

Os eventos não podem ser entendidos, portanto, separados de seus valores correspondentes: é a significância que transforma um simples acontecimento em uma conjuntura fatal. Aquilo que parece para alguns como um mero encontro para o almoço, para outros é um avento radical (SAHLINS, 2003, p. 191)

Esses significados culturais se dão historicamente e se alteram a partir da catalização das categorias, uma vez que “as categorias culturais adquirem novos valores funcionais” elas se ressignificam e ao se transformarem, modificam também a estrutura.

Em torno dessa compreensão, pensar a festa das cabacinhas à luz das ideias de Sahlins é admitir que as suas categorias culturais têm passado por transformações que, conseqüentemente, terão desdobramento na estrutura daquela sociedade. Foi possível chegar a esse caminho, por assim dizer, através tanto de conversas informais quanto de um questionário aplicado a algumas pessoas durante o festejo onde perguntei: como você enxerga a festa das cabacinhas na contemporaneidade? As respostas foram quase que unânimes: a mudança foi a palavra central da maioria das respostas. Por exemplo, Aparecida enfatizou que “as cabacinhas hoje são jogadas com muita força, coisa que antigamente não era, além dos roubos na festa”. Já Cristiane disse: “antes era bem melhor e mais atrativa, as cabacinhas estão acabando e a festa está perdendo a graça”. Eliane comentou: “mudou muita coisa de quando eu comecei a frequentar pra hoje, a tradição das cabacinhas que era forte está acabando”. Já D. Rosália, cabaceira de Japarutuba há mais de 30 anos, disse:

Eu acho uma festa boa, mas do jeito que o povo faz agora não é bom não. Muda a data, outros faz cabacinha parece que é uma pedra, muito grossa e não quebra assim fácil. Bate no povo e no lugar que bate fica dolorido, fica roxo e cai no chão e não quebra a cabacinha (D. Rosália, dezembro de 2018).

A partir do exposto, podemos considerar a transformação desse festejo à luz de dois quesitos: um positivo e um negativo. O positivo no sentido de que essa expressão cultural acabou se entrelaçando a categorias que não lhe pertenciam e acabou se resignificando de modo que, na contemporaneidade, ela se materialize a partir de formas diversas no espaço. Por exemplo, o uso dos paredões, a prática dos arrastões que também é um fator consideravelmente recente. Ao serem inseridos no festejo, esses fatores transformaram o mesmo de modo que aos olhos das pessoas mais velhas, que têm uma visão mais romântica da coisa e que, de certa forma, estão propensas a não aceitar o novo, a mudança da festa tenha pouca expressividade. Entretanto, para os mais jovens eles são um atrativo que fazem com que essa expressão cultural possa continuar se reproduzindo.

O negativo, está relacionado ao caráter violento que o festejo assumiu com o passar dos anos. A questão de as cabacinhas serem jogadas com mais força, ao mesmo tempo que, muitas delas, estão sendo produzidas numa maior espessura, faz com que o festejo seja visto de forma negativa tanto para os participantes diretos, quanto para os indiretos. Chamo atenção para o fato de que não são as cabaceiras quem produzem essas cabacinhas mais grossas, mas os próprios brincantes, geralmente adolescentes. Eles fazem cabacinhas em formato de garrafa pet, de copo descartável porque facilitam o fabrico delas mais espessas. Essa conduta acaba colocando em risco a saúde dos brincantes, uma vez que cabacinhas tão espessas possam atingir o olho de uma pessoa, por exemplo, ou até de uma criança que esteja na folia. Afinal, as crianças, acompanhadas dos seus respectivos responsáveis, também são protagonistas dessa festa. Acredito que a ação policial no decorrer da festa das cabacinhas serve, principalmente, para coibir esse tipo de prática.

Diante do exposto, é preciso compreender que pensar na festa das cabacinhas como uma expressão cultural sergipana, é antes de tudo, relacioná-la ao contexto da sociedade onde ela se reproduz, nos seus significados, sentidos e resignificações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente considerada uma das manifestações culturais mais importantes da cidade de Japaratuba, quiçá do estado de Sergipe, a festa das cabacinhas se enraizou na cultura local, passou a se reproduzir em outros municípios se estendendo, inclusive, a outras microrregiões, contudo, esse festejo apenas “fincou as suas raízes” em dois desses municípios: Siriri e Santa Rosa de Lima, não ultrapassando os lites da escala microrregional sergipana, fazendo-se uma importante expressão cultural dos mesmos, embora neste último ela seja menos expressiva.

Por se tratar de um festejo que tradicionalmente esteve ligado ao ciclo natalino, coincidindo sua celebração máxima com a festa de Reis, o mesmo passou a, de certa forma, ser confundido com essa comemoração e vice-versa. Mesmo após a separação de ambos os festejos, eles nunca deixaram de ter uma ligação, prova disso é que além dos habitantes locais se referirem à festa das cabacinhas enquanto a de Reis, em Siriri apesar de não mais haver a celebração festiva religiosa, a sua denominação permanece a mesma, isto é, relacionando a festa de Reis à das cabacinhas. “Seria como que uma forma de manter ainda mais viva a sua origem”, disse D. Dete, historiadora do município.

Através desta pesquisa foi possível constatar a contribuição feminina, através do trabalho das cabaceiras, como fundamental para a reprodução e manutenção desse festejo. Bem como os anseios das mesmas para que o mesmo tenha continuidade, não apenas porque ele se torna uma fonte de renda, mas para além disso, porque essa expressão cultural se tornou um modo de vida para as cabaceiras. Dentre esses anseios, está a sua valorização por parte do poder público sede do festejo, que pode ser expressada através de uma melhor recepção com alojamentos que as hospedem bem, onde elas possam ter acesso a banheiro, cozinha e água para a produção das cabacinhas, afinal, elas são as principais protagonistas da festa.

Também identificou-se que durante o festejo as relações de proximidade tanto entre as cabaceiras quanto entre os próprios moradores são estreitadas. Durante esse período a coletividade é exposta. As cabaceiras, apesar de concorrentes, trabalham juntas, compartilham comida, instrumentos de trabalho, enfim, há uma ajuda mútua. Os moradores, por sua vez, estreitam seus laços, aguçam os sentimentos de pertencimento e deixam enfáticas a valorização de um patrimônio cultural imaterial que se reproduz como condição na formação de uma identidade cultural.

Apesar de o festejo acontecer nos limites de uma microrregião do menor estado do Brasil, há fatores que envolvem a mesma que ultrapassam limites e se estendem a outros estados. Esses fatores podem ser exemplificados a partir da existência de um “circuito mercadológico” que se produzirá no espaço geográfico através da comercialização da cera, matéria-prima das cabacinhas.

As cabacinhas são, nesse contexto, um instrumento tão simbólico quanto performático e não apenas a sua configuração física, mas também o seu uso passou por transformações no decorrer do tempo. Essas transformações estão intrinsecamente relacionadas à perspectiva negativa que as pessoas têm com relação ao festejo. Ora, à medida que elas podem ser feitas mais espessas e são jogadas com mais força, poderão causar algum prejuízo a um brincante que relaciona essa possibilidade como um dos fatores negativos da festa das cabacinhas.

Festa, de forma generalizada, enquanto objeto de contradição social serve, sobretudo, para legitimar a estrutura na qual está inserida. O seu caráter transgressor faz com que a ordem dê lugar à desordem, a lei à liberação, o trabalho à diversão, contudo, isso acontece momentaneamente. As pessoas se esquivam dos seus lugares na estrutura para experimentarem, como diria Turner, a *communitas*. A festa das cabacinhas, nesse sentido, realiza esse movimento à medida que reorganiza as relações sociais sob o mesmo patamar.

Destarte, considerando as maneiras como a sociedade se estrutura e preserva seus valores culturais, enfatizo que esta pesquisa mostrou que através do contato e/ou fusão com outras categorias culturais a festa das cabacinhas passou por um processo de resignificação, sendo fundamental, portanto, para a compreensão de como ela se configura na contemporaneidade. Esse processo foi compreendido como uma perspectiva positiva do festejo.

Uma vez que celebrar faz parte da condição humana, da celebração podemos subtrair informações que, muitas vezes estão nas entrelinhas e às vezes não conseguimos enxergar, sobretudo, quem está dentro do contexto. Portanto, este trabalho procurou enfatizar como podemos filtrar discussões pertinentes e importantes de e para a sociedade a partir de uma festa popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Isidoro M. da Silva. **O Carnaval devoto**. Um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis, Vozes, 1980.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello. **Festa à Brasileira**. Significados do Festejar no País que “Não é Sério”. 1998. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças Populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX**. São Paulo: Annablume, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAILLOIS, Roger. **O sagrado de transgressão: Teoria da festa**. In: Revista Outra Travessia. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. pp. 15-55. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2176-8552.2015n19p15>>. Acesso em 03 de agosto de 2019.

CALABRE, Lia. **Diálogos sobre o patrimônio: estado e sociedade em ação**. In: Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial / Organização Adson Rodrigo S. Pinheiro. – Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. São Paulo, SP: UNESP; Brasília, DF: Paralelo 15, 2006.

CASTRO, M. G. **O conceito de gênero e as análises sobre mulheres e trabalho: notas sobre impasses teóricos**. Cad. CRH, Salvador, n.17, p.80-105, 1992. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/eb09/09882c82c00adfde119df9622c26f3bac7e5.pdf>>. Acesso em 08 de Março de 2020.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **As grandes festas**. In. Um olhar sobre a cultura brasileira (Orgs. Márcio de Souza e Francisco Weffort). Rio de Janeiro: FUNARTE/ Ministério da Cultura, 1998.

CHIANCA, Luciana & RAFAEL, Ulisses Neves. **Apresentação do dossiê festas, espetáculos e patrimônios**. In: Revista de Ciências Sociais, n° 49, Julho/Dezembro de 2018, p. 12-22. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/44951/22295>>. Acesso em 07 de agosto de 2019.

COLAÇO, Tháís Luzia. **O carnaval no desterro: século XIX**. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1988.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Dicionário online de português. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/festa/>>. Acesso em 03 de Março de 2020.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. “Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu”. Lisboa, Edições 70, 1966.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____ **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____ **Da divisão do trabalho social**. 2ª ed. Martins Fontes, São Paulo, 1999).

FRAZER, Sir James George. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vida: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. DP&A, Rio de Janeiro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Ed. Vértice. Editora Revista dos Tribunais LTDA, São Paulo, 1990.

HARVEY, David. **O problema da globalização**. In. Revista Novos Rumos, nº 27(13). São Paulo: Ícone, 1998, p. 08-16.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, p.595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acesso em 09 de Março de 2020.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Brasil, [s.d.]. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf>. Acesso em 06 de Março de 2020.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 5ª ed. Editora da UNICAMP, Campinas, 2003.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos e espaço público**: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. In. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, Vol. 17, n. 49, Junho, 2009. pp. 115 – 134.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Nalfy, 2003.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. V. 7,

SAHLINS, Marshall David. **Ilhas de história**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Valdirene Silva. **Festa de Reis de Siriri**: na via de transformação cultural (1974-1990). Monografia – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 1999.

SOUZA, Ricardina Oliveira. **Remanso**: a fascinante história da cidade de Siriri e seus belíssimos episódios. [S.I.] Design Gráfico, [s.d.].

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

APÊNDICES

APÊNDICE I

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Mestranda: Gláucia Maria de Jesus Lima
Orientador: Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael

Roteiro I: moradores/participantes do festejo

Nome: _____

Idade: _____

1. Já participou ou participa da festa das cabacinhas?
2. Qual a sua impressão sobre esse festejo?
3. Você conhece a história da festa? Poderia comentar sobre?
4. Para você, qual(is) função(ões) da festa das cabacinhas?
5. Qual o significado da festa das cabacinhas para você?
6. Para você, esse festejo é um evento turístico? Por que?
7. Quais os fatores existentes na festa das cabacinhas que mais atraem os foliões e/ou turistas?
8. Em sua opinião, quais os pontos negativos desse festejo?
9. Como você enxerga a festa das cabacinhas na contemporaneidade?
10. A festa das cabacinhas deve ter continuidade? Por que?

APÊNDICE II

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Mestranda: Gláucia Maria de Jesus Lima
Orientador: Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael

Roteiro II: produtoras de cabacinhas

Nome: _____

Idade: _____ Naturalidade: _____

Profissão: _____

1. Quando e por que começou a trabalhar fazendo cabacinhas?
2. Aprendeu a produzir a cabacinha com quem?
3. Como tem sido o trabalho na produção das cabacinhas?
4. Qual a melhor festa, em termos de lucratividade, para vender as cabacinhas?
5. Qual a origem da cera/parafina utilizada em sua produção?
6. Recebe algum incentivo na produção das cabacinhas?
7. Como você resumiria a hospitalidade do poder público local para com as produtoras?
8. E como a população local, de modo geral as recebe?
9. Há alguma espécie de desavença em virtude da concorrência entre as produtoras locais e as que vêm de fora?
10. Para você, o que significa a festa das cabacinhas?



Figura 20. **População aguardando a entrega da parafina em Japaratuba.** Fonte: Arquivo Pessoal.

Comentário: observa-se na sequência de imagens acima a presença de pessoas de várias faixas etárias, demonstrando que a festa das cabacinhas não se limita a um público restrito e/ou necessariamente jovem.



Figura 21. **Processo de produção das cabacinhas.** Fonte: Arquivo Pessoal.

Comentário: a sequência de imagens se refere ao processo de criação da cabacinha: protagonista do festejo objeto deste trabalho realizado por uma das cabaceiras mais antigas de Japaratuba, a senhora Celuta ou Lupita, como prefere ser chamada



Figura 22. “Guerra” das cabacinhas em Siriri- parte 1. Fonte: Arquivo Pessoal.

Comentário: na sequência de imagens acima podemos observar os movimentos realizados por brincantes na festa das cabacinhas de Siriri em janeiro de 2019. A “dança dos corpos” mostra que este festejo é, também, performático.



Figura 23. “Guerra” das cabacinhas em Siriri- parte 2. Fonte: Arquivo Pessoal.

Comentário: nesta sequência, além de observar como se dá a performance desse festejo, podemos notar também a presença de uma cabaceira entre os brincantes. No momento ela estaria voltando à escola onde estavam alojadas para buscar mais cabacinhas para vender. Nota-se que ela passa entre os brincantes sem muita preocupação em ser atingida.



Figura 24. **Rua do Fluxo.** Fonte: Arquivo Pessoal.

Comentário: Nota-se, a partir da imagem acima, que foliões se concentram às margens da rua para se divertirem ao som dos paredões e jogarem cabacinhas seja nos brincantes ou nos pedestres que, por algum motivo, necessite passar pela rua.



Figura 25. **Brincantes guerreando com as cabacinhas em Siriri - Parte 1.** Fonte: Arquivo Pessoal.

Comentário: a partir da sequência de imagens acima fica perceptível como, de fato, a festa das cabacinhas se materializa. As imagens mostram vizinhos guerreando entre si e também com quem passa no momento. As imagens nos mostram um verdadeiro duelo no qual a arma é a cabacinha.



Figura 26. **Brincantes guerreando com as cabacinhas em Siriri - Parte 2.** Fonte: Arquivo Pessoal.

Comentário: nesta sequência é possível compreender que se trata da continuação do duelo anterior e que, visivelmente, um dos oponentes revida. Enquanto os brincantes guerreiam, nota-se a presença de alguns expectadores nas calçadas observando a brincadeira acontecer.



Figura 27. Brincantes guerreando com as cabacinhas em Japaratuba. Fonte: Arquivo Pessoal.

Comentário: na sequência de imagens acima podemos observar a “troca” de cabacinhas entre brincantes em Japaratuba na edição do festejo de 2019. A sequência mostra gestos de defesas e de ataques entre as pessoas que estão na praça e as que estão na rua.



Figura 28. Arrastão em Siriri. Fonte: Arquivo Pessoal.

Comentário: a sequência de imagens demonstra como se dá o arrastão na cidade de Siriri. Foliões se concentram às margens da rodovia à espera do trio e enquanto esse está passando, os seus seguidores são alvos das cabacinhas.